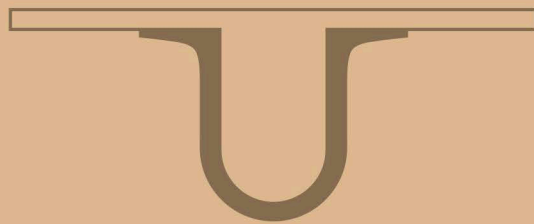




UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Francisca Planas Raposo Sacadura Biscaia

A IDENTIDADE NO BAIRRO

ENTRE A RESILIÊNCIA E A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pela Professora Doutora Carolina Coelho
e apresentada ao Departamento de Arquitectura
da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Dezembro de 2018

A IDENTIDADE NO BAIRRO

Entre a resiliência e a transformação do espaço urbano

A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990. A referência é feita segundo as normas APA, sendo as citações transcritas na língua original da consulta.

Agradeço à Professora Carolina Coelho pela essencial orientação, disponibilidade e exigência ao longo de todo este percurso,

A todos os que me acompanharam pelo d'Arq durante estes anos de curso,

Aos meus Amigos pela presença e dedicação,

À minha família por tudo.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar a forma como a identidade de um bairro pode ser preservada a par da natural evolução da comunidade e ambiente construído que caracterizam esse mesmo espaço urbano. Neste sentido, procurar-se-á entender de que forma é que a metamorfose do edificado e as transformações nas vivências do espaço, ao serem fatores que caracterizam a identidade desse meio, a condicionam.

Ao focar a escala do bairro como objeto de estudo e, tendo por base diversos autores que estudam o espaço urbano e a sua habitabilidade, apresentar-se-á uma matriz de análise que permite ler o bairro enquanto espaço global. Esta, pelas dimensões da estrutura urbana, funções e usos, e vivências do espaço, pretende interpretar os bairros pela sua composição e, conseqüentemente, concluir sobre a características identitárias de cada aglomerado urbano.

Esta investigação abordará três bairros na cidade de Barcelona: Raval, Barceloneta e Sant Antoni, que serão analisados através da matriz proposta. Para além de uma interpretação individual e percepção das identidades singulares que se associam a cada espaço urbano, este estudo confrontará os três bairros destacando as suas disparidades e semelhanças.

Espera-se, assim, concluir que a identidade é uma característica única que se define pelos elementos que caracterizam cada lugar, como o edificado e vivências existentes no espaço urbano. Analisando a componente teórica e prática da dissertação pretende-se, então, compreender de que forma é que a identidade de um espaço urbano se altera em função das características que a definem.

PALAVRAS-CHAVE

identidade - bairro - ambiente construído - transformação - Barcelona

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyse how the identity of a district can be preserved along with the natural evolution of the community and the built environment, which characterize this urban space. In this sense, we will try to understand in what way do the metamorphosis of the built space and the transformations in the experiences of that space, as factors that characterize the identity of this environment, condition it.

Focusing on the scale of the district as an object of study and based on several authors that study the urban space and its habitability, a method of analysis will be presented which allows to comprehend the district as a global space. Making use of the dimensions of the urban structure, functions and uses, and experiences of the space, this methodology intends to interpret the districts using their composition and, consequently, to conclude on the factors that identify each urban agglomerate.

This research will refer to three districts in the city of Barcelona: Raval, Barceloneta and Sant Antoni, which will be analysed by the proposed method. Beyond an individual interpretation and perception of the singular identities that are associated with each urban space, this study will confront the three districts, highlighting their disparities and similarities.

It is hoped to conclude that identity is a unique characteristic that is defined by the elements that characterize each place, such as the built space and existing experiences in the urban space. Analysing the theoretical and practical component of the dissertation, we intend to understand in what way does the identity of an urban space changes in relation to the factors that define it.

KEY WORDS

identity - district - built environment - transformation - Barcelona

SUMÁRIO

RESUMO	v
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO	1
01 A PROCURA DA IDENTIDADE	
1.1 As dimensões de identidade	13
1.2 O bairro como objeto de estudo	31
02 A IDENTIDADE NO BAIRRO	
2.1 Diferentes abordagens sobre o espaço urbano	49
2.2 Uma metodologia aplicada ao bairro	65
03 3 BAIRROS EM BARCELONA: ANÁLISE DA(S) SUA(S) IDENTIDADE(S)	
3.1 Os casos de estudo na cidade de Barcelona	89
3.2 Análise dos Bairros	105
3.2.1 El Raval	105
3.2.2 Barceloneta	121
3.2.3 Sant Antoni	135
04 A IDENTIDADE: ENTRE A RESILIÊNCIA E A TRANSFORMAÇÃO	
4.1 Confronto entre as análises dos bairros	149
4.2 Considerações finais	157
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
SUMÁRIO DE FIGURAS	175

INTRODUÇÃO

A palavra identidade é um conceito que associamos a quase todos os elementos que pretendemos definir, na medida em que lhes atribuimos um significado. Esta noção surge pelo facto de a definição de identidade atribuir um carácter ao espaço, objeto, edifício ou a qualquer outro elemento que nos rodeie e que pretendamos caracterizar, seja pela relação que os diversos elementos possuem, utilidade que lhes está associada ou forma que possam apresentar. No âmbito da arquitetura percebemos que também os diferentes componentes arquitetónicos são portadores de uma identidade específica, desde os edifícios enquanto elementos singulares; aos seus conjuntos, por criarem relações entre si e com os utilizadores; ou até mesmo aos diferentes espaços urbanos, vazios ou construídos, pela relação que têm ou pela habitabilidade que promovem no lugar.

Partindo desta contextualização sobre a noção de identidade percebemos que este conceito está presente em todos os elementos do nosso dia a dia. Neste sentido, importa salientar o facto de que os espaços que habitamos se encontram em constante mudança, seja esta visível por meio de novas construções, pelas transformações que ocorrem em elementos pré-existentes, ou pela mudança associada à evolução da sociedade e consequente alteração das necessidades da comunidade que habita o espaço. Deste modo, na medida em que a identidade está inteiramente relacionada com todas estas características mutáveis, questionamos o facto de esta definição singular do meio poder também sofrer alterações ao longo do tempo.

No seguimento desta linha de pensamento percebemos, então, que a identidade que associamos a um espaço urbano pode não ser sempre a mesma, uma vez que, se caracteriza pelos elementos que definem cada lugar e pelas relações que neste podem ocorrer. De um modo geral interessa explorar, no contexto apresentado e na disciplina da arquitetura, uma

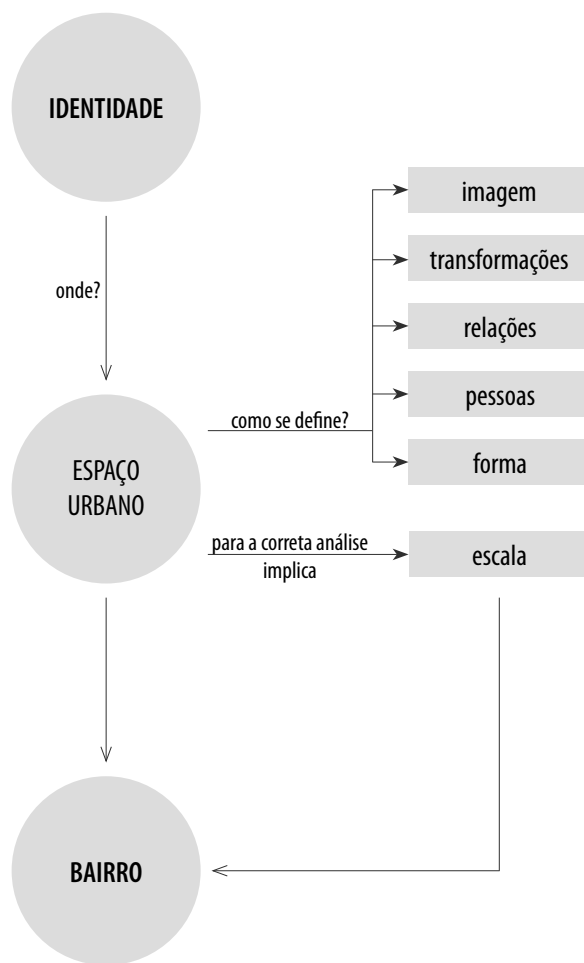


Figura 1. Esquema sobre a análise da identidade.
(autoria própria)

vez que é a área de estudo da presente dissertação, as diferentes metamorfoses que a identidade associada a um determinado espaço pode sofrer. E, sendo este conceito uma caracterização do meio, de que forma é que este mesmo ambiente se pode alterar de maneira a que a sua definição de identidade se transforme completamente. Chegamos assim ao objetivo principal da presente dissertação: analisar de que forma é possível preservar a identidade característica de um espaço urbano acompanhando a natural evolução da comunidade e ambiente construído desse mesmo lugar.

Para responder ao objetivo principal da dissertação foi necessário perceber como se define a identidade de um meio. Neste sentido realizámos uma análise teórica de diversos autores que, no campo da arquitetura, abordam questões relacionadas com o espaço e as respetivas dinâmicas neste existentes. Para além da caracterização da identidade foi ainda relevante entender se a questão já tinha sido colocada anteriormente e como se poderia interpretar na atualidade.

Desta primeira abordagem ao tema confrontou-se que a identidade do espaço urbano, de uma perspetiva geral, era um campo altamente abrangente, pela multiplicidade de caminhos de análise e diversidade de espaços urbanos em que nos podíamos focar para realizar o estudo. Partindo deste princípio e, de modo a que fosse possível concretizar a investigação e torná-la mais pertinente, foi essencial definir uma escala de observação. Esta, direcionou a análise para o bairro enquanto objeto de estudo. Assim para além de uma abordagem teórica direcionada agora sobre o tema do bairro foi pertinente desenvolver um método de análise que permitisse interpretar a identidade neste tipo de aglomerados urbanos, de modo que, posteriormente, se pudesse aplicar a cada um dos casos de estudo.

Para além dos objetivos específicos apresentados, a matriz desenvolvida, ao caracterizar os bairros por meio de diferentes fatores, tem também como intuito compreender quais os elementos que ao definirem o espaço urbano são considerados como essenciais, e quais são vistos como acessórios na definição da identidade do bairro em causa. Deste modo, poderemos concluir sobre os limites de transformação que um determinado aglomerado urbano pode sofrer de modo a preservar a sua identidade.

A originalidade deste trabalho reside, assim, na forma como se analisa o conceito de identidade. Uma vez que, para além de ser abordado de um ponto de vista genérico, este estudo foca-se na identidade do contexto urbano do bairro. A análise dos aglomerados urbanos realiza-se, então, pela aplicação de uma matriz de análise proposta pela autora, resultante da interpretação dos conhecimentos teóricos adquiridos por meio do estudo bibliográfico realizado.

METODOLOGIA

A metodologia base para o desenvolvimento da dissertação consiste numa reflexão teórica sobre as obras de diversos autores que estudam o espaço urbano e as transformações que este sofre ao longo dos tempos. Esta fase da investigação, ao cruzar diferentes abordagens e conceitos, visa compreender a definição associada ao tema da identidade, de modo a que seja possível caracterizá-la posteriormente nos bairros definidos como exemplos de estudo.

Na sequência da reflexão teórica, como já referido anteriormente, foi criada uma matriz de análise com o intuito de permitir interpretar as características que definem o espaço urbano do bairro e, deste modo, compreender a sua identidade. Esta matriz multidimensional surge com base numa investigação bibliográfica realizada, uma vez que tendo estudado diferentes autores e pelos vastos campos que o tema associa, percebeu-se que era primordial definir uma metodologia que permitisse interpretar a identidade na realidade de cada bairro. Para além de possibilitar uma interpretação da identidade no contexto do bairro, esta metodologia revela-se igualmente importante na análise dos casos de estudo, dado que os permite comparar tendo por base o mesmo método de interpretação.

No plano dos casos de estudo viu-se como essencial visitar cada um dos bairros. Motivada pela noção de que a identidade se define, para além de elementos construídos, pelas vivências do espaço urbano, foi fulcral perceber as relações existentes em cada um destes aglomerados urbanos *in loco*. Como método de interpretação da identidade no local, durante a visita foram percorridos diversos percursos pelos bairros, que com o auxílio de fotografias e conversas com os utilizadores do espaço, permitiram ter uma perceção da identidade que define cada um dos aglomerados urbanos, segundo a análise do observador.

Para além da perceção *in loco* sobre a identidade que cada aglomerado urbano transmite ao observador, a viagem foi igualmente relevante para adquirir uma maior quantidade de informação bibliográfica sobre os casos de estudo. Todas estas fontes conseguidas foram posteriormente essenciais aquando da aplicação da matriz de análise a cada um dos aglomerados urbanos.

Relativamente à iconografia presente na dissertação, estes elementos surgem como um complemento da leitura, clarificando diversos conceitos teóricos, tal como acontece na fase inicial do estudo referente à reflexão teórica. Na interpretação dos casos de estudo, associado a cada um dos componentes da matriz de análise foram realizadas representações iconográficas específicas para cada um dos componentes da análise. Entre plantas, perfis, fotografias e esquemas, todos estes elementos foram elaborados como método de estudo

das características que definem bairros, e que conseqüentemente compõem a identidade do bairro a que se referem. Para além desta questão, as representações alusivas aos três bairros em estudo permitem ainda uma melhor compreensão das realidades do espaço urbano que são concluídas a partir de uma análise teórica, facilitando assim a leitura e compreensão das características identitárias de cada bairro. A elaboração destas figuras teve como base tanto o conhecimento do espaço urbano *a priori*, como a percepção que se obteve do meio pela visita realizada a cada um dos bairros, assim como do estudo posteriormente efetuado.

ESTRUTURA

A presente dissertação está organizada em quatro partes: *A procura da identidade; A identidade no bairro; 3 bairros em Barcelona; A identidade: entre a resiliência e a transformação*. Esta estrutura parte, então, de dados mais gerais sobre a identidade para chegar a uma aproximação e confronto mais particular sobre este conceito no âmbito do bairro, conseguido através dos casos de estudo e considerações finais.

Na primeira parte, tal como o título sugere, será explorado o conceito de identidade de um ponto de vista geral. Neste capítulo inicial, procuraremos primeiramente entender o que define o conceito em estudo, tendo por base diferentes autores que abordam as várias características da identidade do espaço urbano, como a forma, as funções, as transformações e a relação das pessoas no espaço. A abordagem neste momento será interdisciplinar, na medida em que, iremos estudar as características que consideramos mais significativas para a constituição do espaço e conseqüentemente que sejam caracterizadoras da sua identidade.

Após o conhecimento global do conceito de identidade, explorar-se-á a necessidade de focar o bairro enquanto objeto de estudo. Fundamentado por diversos autores que abordam a importância das escalas e circunscrição do espaço para ser possível a realização de uma análise concreta, referimos Kevin Lynch (2017) com principal destaque. Sendo que neste momento da dissertação apresentamos o porquê de investigar a identidade através do espaço urbano do bairro.

Na segunda parte da investigação o foco são as possibilidades de análise do espaço urbano. Primeiramente confrontamos os diferentes métodos que existem para o estudo dos espaços urbanos, quem os realizou e de que forma é que estes autores abordam e percebem o espaço. Numa segunda fase, tendo como referência os autores estudados, propomos uma matriz de análise que explora as características que definem cada bairro, de modo a, posteriormente, ser possível concluir sobre a identidade destes aglomerados

urbanos.

O terceiro capítulo destina-se à análise dos casos de estudo. Partindo de uma contextualização geral dos *3 bairros em Barcelona* nesta fase da análise aplica-se a matriz proposta no subcapítulo 2.2. Posto isto o primeiro subcapítulo foca a subdimensão do contexto territorial e juntamente com uma contextualização histórica, situa os casos de estudo na cidade de Barcelona. No subcapítulo seguinte analisa-se de forma individual cada um dos casos de estudo, Raval, Barceloneta e Sant Antoni. Posteriormente, caracterizados todos os aglomerados urbanos confrontam-se as diferentes identidades constadas em cada um dos bairros.

Na última fase da investigação, estudada a identidade de um espaço urbano tanto a nível teórico como prático, pela leitura deste conceito em diferentes casos de estudo, pretende-se compreender de que forma é que as diferentes características que definem a identidade de um bairro podem preservar ou transformar a identidade associada a este espaço. Todavia neste capítulo não se pretende apenas elencar os resultados obtidos, mas sim interpretá-los com o intuito de refletir sobre o modo como a identidade de um espaço urbano se pode preservar mesmo quando as características que a compõem se modificarem.



Figura 2. Variedade de identidades em ruas e praças: Il suk di omdurman, via principale; Il sentireo del viandante, Sacro Speco, Subiaco; Interno urbano, Il campo, Siena; Piazza San Pietro by Bernini.
(Norberg-Schulz, 1996, pp. 12, 13, 133, 152)

AS DIMENSÕES DE IDENTIDADE 1.1

A identidade e o seu significado são conceitos abrangentes que englobam múltiplas características inerentes a diversas áreas do saber, pelo que, a sua definição e observação são necessariamente complexas. Qualquer elemento que nos rodeia é portador de uma identidade específica (figura 2), desde uma rua, por ser particular, dado o carácter dos seus edifícios; uma praça, pela sua dimensão, tipo de pavimento ou mobiliário urbano; um edifício, por ter uma determinada função ou forma única que o torna singular; ou até mesmo uma zona de uma cidade, onde as pessoas que a frequentam podem ser de um determinado estrato social ou etnia. Todas estas realidades são representativas de uma identidade, isto é, um conjunto de características que, associadas, tornam única a matéria em análise.

Para se reconhecer uma identidade é necessário 'ler' o espaço e ambiente existente como um todo, com o intuito de o interpretar e conhecer. Deste modo, apresenta-se a importância do observador¹ que, com base nas suas experiências é capaz de identificar determinados lugares ou objetos. De acordo com Stuart Hall (2000), a capacidade de reconhecer um espaço ou característica é essencial para a compreensão de uma identidade. E, apesar da importância deste reconhecimento, estamos perante um fenómeno que varia constantemente, pois o ponto de vista de cada observador tem por base conceitos diversos e corresponde a um processo em contínuo desenvolvimento no decorrer da vida de cada indivíduo (Hall, 2000, pp.16-17).

Partindo das premissas apresentadas e, assumindo as múltiplas combinações de características que definem um lugar, respetivas mudanças e infinitas hipóteses de análise por parte de um observador, podemos afirmar que o conceito de identidade é essencial para a compreensão de cada lugar. Tal como argumenta Hall (2000): "Identity is such a

¹ Conceito de observador será aprofundado ao longo do capítulo.



Figura 3. Cartaz Ciclo de Conferências Álvaro Siza, Nezar Alsayyad.
(https://www.uc.pt/fctuc/darq/eventos/conferencia_nezar_alsayyad)

concept [...] an idea which cannot be thought in the old way, but without which certain key questions cannot be thought at all.” (Hall, 2000, p.16).

As vastas possibilidades de definição do tema proposto requerem, então, um estudo que, apesar de disciplinar, neste caso na área da arquitetura, seja capaz de relacionar diversas temáticas dada a transversalidade do assunto. Nezar Alsayyad (2017)² (figura 3) defende que uma sociedade se faz da relação com as outras, um espaço não existe de maneira isolada, um objeto não funciona sozinho. Logo, uma identidade é também muitas das vezes partilhada, ou um elemento que a compõe pode integrar diferentes identidades. Assim, no âmbito desta dissertação, começamos por questionar como é possível definir uma identidade arquitetónica.

Em arquitetura a caracterização de um lugar é, inúmeras vezes, definida como uma *imagem* que o espaço urbano construído possui. Esta ideia surge por nos limitarmos a observar o património arquitetónico sem questionar o que está implícito no desenvolvimento deste mesmo fenómeno. Um lugar caracteriza-se então pelos edifícios e as suas funções, pelas ruas, praças e relações que a comunidade que habita o espaço cria com este. Logo, o conceito de *imagem* como definição de um lugar deve considerar os múltiplos componentes e dimensões de um espaço e não apenas a parte visual do mesmo.

Christian Norberg-Schulz (1994)³ esclarece concretamente esta noção, defendendo que a perceção do ambiente é possível por este ser definido por uma infinidade de componentes que, uma vez articulados, criam uma realidade: “L’architettura è un fenomeno concreto. Essa consiste di paesaggi e insediamenti, edifici e articolazioni caratterizzanti, perciò è una realtà vivente.” (Norberg-Schulz, 1994, p.5).

A noção de todo, previamente mencionada, é conseguida pela ‘comunicação’ entre as inúmeras partes construídas que compõem cada cidade, aldeia, vila, ou aglomerado urbano. Aprofundando os seus constituintes, estes podem ser: edifícios, com as mais variadas funções; espaços públicos como praças, ruas, jardins; a matéria que define estes elementos ou o seu método de construção; e tantas outras características que, de certa forma, contribuem para a composição de cada lugar. Todas estas partes são fundamentais para o meio arquitetónico e participam na definição da complexa identidade de um lugar. Neste sentido, compreendemos que os edifícios se organizam no espaço físico e criam relações entre os diversos recursos presentes em cada ambiente. Deste modo, percebemos que o

² Conferência de Nezar Alsayyad no Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, inserido no Ciclo de Conferências Álvaro Siza, em Outubro de 2017.

³ Edição original de 1974.

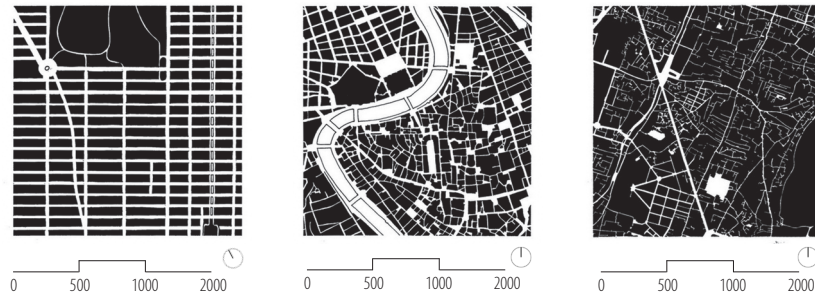


Figura 4. Malha urbana de três cidades diferentes, Nova Iorque, Roma e Cairo.
(<https://www.andrewstokols.com/blog/826>.)

Figura 5. Panteão de Roma e respetiva envolvente urbana.
(<http://trending.com/tweets/2018-03-26/pantheon-rome>.)

Figura 6. Sobreposição do fórum imperial romano e edificado posterior.
(https://en.wikisource.org/wiki/Page:EB1911_-_Volume_23.djvu/633.)

posicionamento das estruturas edificadas define diferentes espaços que se podem organizar através de percursos, agrupar por zonas, ou ainda definir por lugares, sendo estes lugares concretos, reconhecíveis por um observador (Norberg-Schulz, 1994, pp.221-225).

As relações entre os edifícios e o espaço que deles resulta promovem dinâmicas espaciais. E, uma vez que estas transmitem informação sobre um determinado ambiente e os seus objetos, podem ser consideradas como *símbolos*⁴. Este pensamento, apresentado por Norberg-Schulz (1994), deve-se ao facto de o observador e o utilizador de um determinado meio (re)conhecerem um espaço e as suas funções. Assim, esta definição de símbolo interpreta-se como um conhecimento *a priori* do lugar e das suas relações. Podemos, então, verificar esta característica em exemplos como: a coerência espacial dada pela malha de um conjunto arquitetónico e desenho urbano (figura 4), o destaque de um lugar ou edifício pela sua matéria ou forma única (figura 5), ou pelos contrastes marcantes entre diversos elementos presentes no mesmo espaço.

Constata-se, assim, que a identidade arquitetónica, definida pelo edificado construído, é representada por um conjunto de elementos e pelas suas inter-relações. Depreende-se, deste modo, que esta conceção nunca é estanque e está em constante processo de definição, uma vez que a variação dos seus constituintes é frequente. Tal como afirma Aldo Van Eyck (1961) relativamente ao processo de mudança e desenvolvimento das cidades no espaço e tempo:

“A identidade do todo deve estar latente nos componentes, do mesmo modo que a identidade dos componentes deve estar presente no todo. Isto não implica, contudo, que essas mesmas identidades necessitem ou devam permanecer constantes diante de mutações.” (Van Eyck, 1961, p.467).

Em suma, os motivos, tempos e formas arquitetónicas variadas que partilham e coabitam um espaço, são passíveis de sofrer alterações originadas pelo natural desenvolvimento dos lugares. Como consequência deste facto, pode-se afirmar que o espaço urbano é um acumulador de camadas que funcionam em conjunto (figura 6). Sendo estas novas ou pré-existentes, vão-se moldando consoante os desenvolvimentos do meio. Isto é, cada elemento que surge num espaço tem um determinado significado e presença, pelo que vai criar uma marca no ambiente onde se vai inserir. Através da natural evolução de cada lugar, estes mesmos constituintes podem-se transformar, adaptar e relacionar com os outros fatores

⁴ Interpretação da arquitetura e dos seus elementos “*esistenza, significato e simbolo*” (Norberg-Schulz, 1994, p.222).



Figura 7. Shearing layers of change.
(Brand, 1994, p.13)

Figura 8. Composição do espaço urbano.
(<https://cordmagazine.com/news/jan-gehl-belgrade/>)

presentes no espaço envolvente. Assim, de forma natural, todas as partes integrantes de um espaço geram uma unidade global que se encontra em constante desenvolvimento.

Adaptando a teoria de Stewart Brand (1994) sobre os edifícios a conjuntos edificados e ambientes construídos de uma forma geral, afirma-se que os espaços são um conjunto de “Shearing layers of change” (Brand, 1994, p. 12) tendo partes individuais que funcionam independentes, mas que integram algo maior (figura 7). Sabendo que cada uma destas *layers* pode sofrer alterações no tempo, em momentos distintos umas das outras, a noção de identidade arquitetónica lê-se, assim, pelo esquema do todo que os espaços construídos transmitem.

Interiorizando o vasto campo da arquitetura e identidade associada a um espaço construído, denota-se que esta análise será mais completa quando se pensa também no Homem, não apenas como observador, mas também como elemento vivo e habitante do espaço criado. Depreende-se, assim, que para *Saber ver a arquitetura*⁵ é fundamental pensar no Homem como peça central, uma vez que: “[...] o carácter essencial da arquitetura – o que a distingue das outras atividades artísticas – está no facto de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem.” (Zevi, 1996, p.17)⁶. A sociedade vive e experiencia o meio e cabe à arquitetura pensar e programar o espaço. Logo, para se estudar a identidade de um lugar é fulcral olhar simultaneamente para o ambiente construído como para o vivido (figura 8). Esta visão completa do meio permite que o lugar seja um espaço contínuo no tempo, habitado tanto no interior como no exterior, e que se desenvolve a par da sociedade:

“A experiência espacial da própria arquitetura prolonga-se na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e jardins, onde quer que a obra do homem haja limitado ‘vazios’, isto é, tenha criado espaços fechados.” (Zevi, 1996, p.25).

Na conceção de habitar um lugar, este deve ser visto como um motor de expressão humana, isto é, um local onde existe uma inter-relação e vivências espontâneas que contrariam um pensamento generalizado de uniformização dos espaços. Assim sendo, a teoria exposta no CIAM IX⁷, onde se introduziu a noção de *habitat*, foi de relevância extrema para o pensamento sobre como projetar os espaços até à atualidade. Neste momento, questionava-se a harmonia física, intelectual e espiritual que cada espaço devia ter, bem como o propósito da arquitetura ser vista como uma resposta às necessidades da sociedade. Posteriormente,

⁵ Título original *Saper vedere l'architettura* de Bruno Zevi.

⁶ Edição original de 1948.

⁷ 9º Congresso internacional de arquitetura moderna, Aix-en-Provence, 1953: The charter of Habitat.

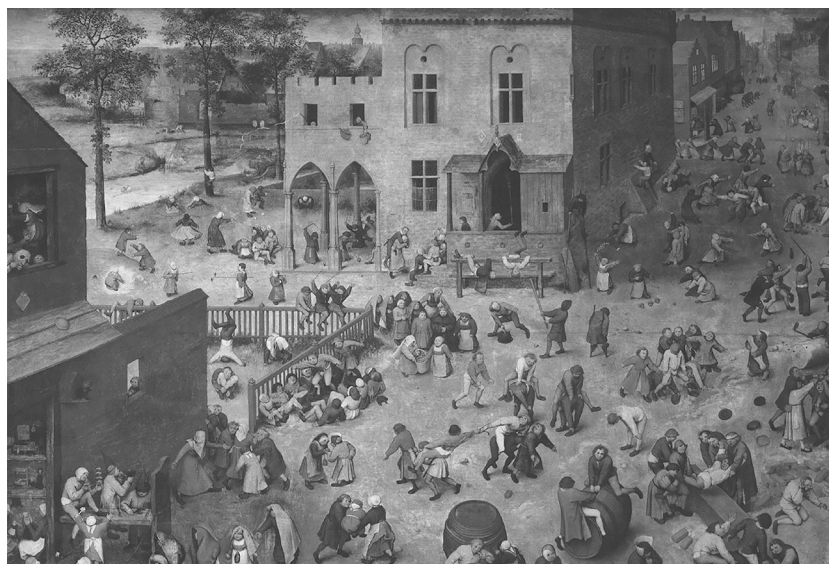


Figura 9. The city of participation and alienation.
(Pallasmaa, 2012, p.47)

o conceito surge exposto no Manifesto de Doorn (1954)⁸: “3. ‘Habitat’ is concerned with the particular house in the particular type of community.”. Percebemos, então, como é fulcral pensar os espaços habitáveis como meios de relação e vida em comunidade, numa procura de respostas às necessidades humanas em que as funções do edificado, os motivos de construção e a evolução contínua da urbe correspondem à forma de interpretar o lugar complexo. Deste modo, promove-se um sentido de pertença, o que implica a compreensão da comunidade local e de todas as pequenas partes que integram um todo, onde a vida dos utilizadores é valorizada:

“To comprehend these human associations we must consider every community as a particular complex. In order to make this comprehension possible, we propose to study urbanism as communities of varying degrees of complexity.” (Mumford, 2000, pp.239-240).

No seguimento da aproximação feita a uma arquitetura integrada e humana, em que “O homem é o sujeito e o objeto da arquitetura.” (Van Eyck, 1961, p.467), é imperativo o estudo das vivências, tradições, culturas e formas de habitabilidade do espaço para entender a identidade do mesmo.

Começando por uma análise da vida quotidiana de uma comunidade, notamos que esta é promovida quer pelas funções desempenhadas pelos equipamentos existentes, quer pelos desenhos urbanos gerados pelas formas que delimitam os espaços, como acima referido. A variedade associada a estes fatores permite um uso diverso dos múltiplos ambientes, podendo estes ser fixos, no caso de permanecerem inalterados, ou adaptáveis, na medida em que podem sofrer mudanças. No entanto, são as pessoas que, como utilizadores, dão um significado aos lugares (figura 9). De sítio para sítio, os intervenientes mudam, logo, as necessidades são outras, as apropriações do espaço diferem e, como consequência, também os movimentos e atividades mais frequentes podem variar. Cada utilizador, observador ou meramente visitante de um ambiente, desenvolve um tipo de interação específica com o meio e com os outros intervenientes.

Segundo Jane Jacobs (1993)⁹ a identidade de um espaço só existe pelas pessoas e pela consequente relação que estas desenvolvem com cada lugar. Assim, são os indivíduos que dão vida ao ambiente construído e sem estas dinâmicas naturais de relação é impossível compreender o espaço urbano:

⁸ Proposta de uma nova maneira de olhar o espaço urbano expressa num manifesto de oito pontos.

⁹ Edição original de 1961.



Figura 10. Tres tipos de actividades exteriores: actividades necesarias, actividades opcionales, actividades sociales. (Gehl, 2006, p.18)

“[...] I shall be writing about how cities work in real life, because this is the only way to learn what principles of planning and what practices in rebuilding can promote social and economic vitality in cities.” (Jacobs, 1993, p.5).

Jacobs defende deste modo que para estudar a atividade de um espaço é essencial interpretar a *dança*¹⁰ de conexões que decorre no meio de um ambiente construído. Esta dinâmica é gerada pelas pessoas que criam uma vida no espaço, podendo funcionar independentemente ou ser estimulada por outros acontecimentos que ocorram nas proximidades. Face a esta perspetiva, podemos considerar as vivências do Homem no espaço urbano como um dos fatores de desenvolvimento da identidade de cada lugar, pois é sempre diversificado e único: “The ballet of the good city sidewalk never repeats itself from place to place, and in any place is always replete with new improvisations.” (Jacobs, 1993, pp.65-66).

O termo *vivência* é aqui empregue correspondendo à utilização e partilha de experiências que se desenrolam nos mais variados lugares. Estas ocorrem maioritariamente em áreas urbanas onde se promove a vida em comunidade, de que são exemplos “os locais de vida pública” (Sitte, 1900a, p.15) presentes no traçado urbano, como as praças. Estes espaços são, para Camillo Sitte (1990b)¹¹, elementos fulcrais na organização de cada lugar, cujas funções podem ser: “[...] procurare aria e luce o di interrompere la monotonia dell’oceano edilizio o, al massimo, di valorizzare l’effetto architettonico di qualche edificio.” (Sitte, 1990b, p.23). Em suma, as praças podem ser consideradas como lugares de encontro e vida tanto arquitetónica como Humana. Estas são geradas pelas inúmeras funções e múltiplas possibilidades de desenho, podendo ser livres, associadas a um edifício de serviços ou com um elemento de destaque ao centro que permita a utilização em seu redor (Sitte, 1990, pp.84-90).

Consequentemente, somos levados a refletir que, para haver relações de vida urbana, os espaços não podem funcionar isoladamente, mas sim em contexto com a envolvente, de modo a criar um lugar integrado e vivido. Para tal, interessa referir Jan Gehl (2006)¹² que, através dos estudo da *vida entre os edifícios*¹³ distingue os tipos de relação que podem ocorrer entre as pessoas e com o edificado (figura 10). Gehl (2006) esclarece que as atividades se

¹⁰ Definição da autora que considera o movimento e dinâmicas espaciais como um “[...] intricate ballet in which the individual dancers and ensembles all have distinctive parts which miraculously reinforce each other and compose an orderly whole.” (Jacobs, 1993, p.65)

¹¹ Edição original de 1889.

¹² Edição original de 1971.

¹³ Título original *Life Between Buildings*.

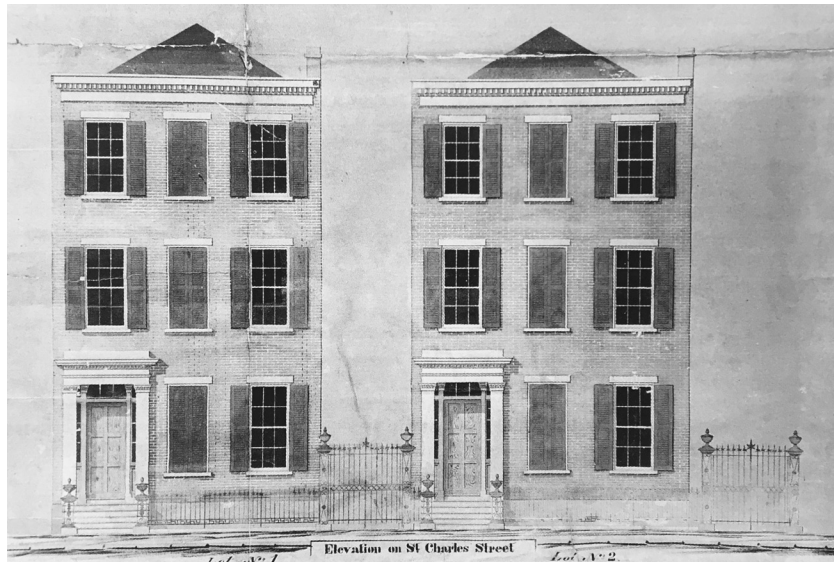


Figura 11. How buildings learn: What happens after they're built; 1857, the same two buildings 1993. (Brand, 1994, pp.viii e 1)

podem associar tanto a necessidades da vida quotidiana, como resultar de movimentos espontâneos. Podemos concluir, assim, que um espaço urbano contínuo, por oposição a um isolado, promove uma maior relação e contacto entre as pessoas, pois: “La gente se siente atraída por la gente.” (Gehl, 2006, p.31).

Partindo dos fatores identitários primeiramente expostos, a arquitetura do conjunto e a utilização deste espaço pelo Homem, depreendemos que são as relações que definem cada lugar. Sendo estas uma necessidade para a qualidade de vida no ambiente em questão, a harmonia dos espaços torna-se vital. Sabendo que nenhum edifício é estanque, isto é, imutável, é essencial estudar e compreender as transformações e respetivos motivos que podem promover uma mudança no lugar. Introduce-se, desta forma, uma terceira dimensão da procura de identidade, a transformação no tempo¹⁴.

A respeito desta dimensão é relevante destacar dois momentos: um primeiro, que corresponde à fase de criação, onde surgem novos constituintes do espaço e, um segundo, que consiste na adaptação e integração dos elementos preexistentes e novos, respetivamente. Assim, devemos olhar para o ambiente construído como um espaço aberto que comunica e está em constante modificação (figura 11).

De acordo com Edmund Bacon (1995)¹⁵, no momento em que estuda o *desenho das cidades*¹⁶, importa mencionar que cada lugar se desenvolve de forma contínua. O futuro deve ser visto como uma extensão do passado de maneira a possibilitar o desenvolvimento do ambiente construído através da comunicação e relação com a pré-existência de cada local. Deste modo, a definição de cada lugar é conseguida pelas opções de construção e evolução dos elementos existentes no decorrer do tempo:

“The form of his city always has been and always will be a pitiless indicator of the state of his civilization. This form is determined by the multiplicity of decisions made by the people who live in it.” (Bacon, 1995, p.13).

Aprofundando a necessidade de transformação e adaptação dos espaços ao longo do tempo, importa olhar para o momento em que se considerou que os edifícios deixaram de cumprir as suas funções de acordo com as necessidades da sociedade. Esta questão foi

¹⁴ Termo apontado no início do capítulo relativamente à identidade arquitetónica e pensamento do espaço enquanto um acumulador de camadas. Segundo o autor, Stewart Brand, cada edifício deve ser visto como um conjunto de componentes que se podem alterar ao longo dos tempos: “Shearing layers of change” (Brand, 1994, p.12).

¹⁵ Edição original de 1969.

¹⁶ Título original *Design of cities*.



Figura 12. Collage City.
(Rowe, 1993)

pensada por Eugène Viollet-Le-Duc (1986)¹⁷ e John Ruskin (1849) que refletiram sobre o tratamento do espaço do passado e sobre a forma da sua utilização no presente e no futuro. Le-Duc (1986) defende que se deve habitar os monumentos antigos, adaptá-los com uma visão contemporânea, perpetuando a sua marca ao longo do tempo. Em oposição, Ruskin (1849) vê o antigo como uma herança intocável, pois a mais pequena mudança vai necessariamente interferir com o todo da obra. A preservação da arquitetura de uma época deve então ser considerada como essencial, tal como defende o autor: “It is as the centralisation and protectress of this sacred influence, that Architecture is to be regarded by us with the most serious thought. We may live without her, and worship without her, but we cannot remember without her.” (Ruskin, 1849, p.147).

Apresentadas estas perspetivas e, com uma análise mais contemporânea, questionamos como se deve interpretar o ambiente presente e relacionar as diferentes épocas: existentes, em desenvolvimento e futuras. Dentro deste debate, Keneth Frampton (1983) questiona como se devia abordar a arquitetura, defendendo uma relação entre a tradição e os novos elementos que completavam as pré-existências. A reforçar a posição deste autor importa apresentar Paul Ricoeur (1965)¹⁸ que interrogava: “[...] how to become modern and to return to sources; how to revive an old, dormant civilization and take part in universal civilization.” (Ricoeur, 1965, p.277).

Percebemos, então, que este fator de mudança no ambiente construído tem sido um problema constante nos espaços urbanos e no estudo dos mesmos. Esta abordagem interfere na análise de identidade, procurada nesta dissertação, tornando-a mais complexa. Sendo que, não só os componentes caracterizadores de uma identidade podem sofrer mudanças, como também esta mutação pode ser considerada parte de uma nova identidade. Podemos, assim, compreender que no âmbito da temática em foco existem múltiplas questões relativas à transformação.

Com o intuito de propor um método de integração e preservação que simplificasse estas metamorfoses, Colin Rowe e Fred Koetter (1993) defendem que as pré-existências e tradições são algo que existe e que deve ser trabalhado. Assim, cada lugar é definido pela sua história, na medida em que esta se produz por características geradas pela intervenção humana e pela passagem do tempo dos seus elementos. Os autores propõem, então, um pensamento de *colagem* como forma de marcar os diferentes momentos do espaço (figura 12): “Now a collage technique, by intention if not by definition, insists upon the centrality

¹⁷ Edição original de 1977.

¹⁸ Edição original de 1955.

A PROCURA DE IDENTIDADE

of just such balancing act.” (Rowe e Koetter, 1975, p.291). Logo, as múltiplas fases são valorizadas e integradas no espaço, podendo comunicar não só entre si, mas também deixar uma memória própria. Esta intenção pretende fazer com que as opções que se tomem relativamente ao espaço sejam bem fundadas por se conhecer a evolução e desenvolvimento ao longo do tempo, considerando-se o futuro como uma extensão do que existiu antes (Rowe e Koetter, 1975, p.273).

Dentro desta ideia de partilha e convivência de elementos de diferentes épocas no espaço, importa abordar o conceito de *palimpsesto*, apresentado por André Corboz (2007)¹⁹. O território vê-se como um acumulador de tempos e vivências num determinado sítio:

“[...] dopo due secoli durante i quali la gestione del territorio aveva conosciuto come unica ricetta la *tabula rasa*, vien dunque tracciata una concezione che considera il territorio non più come un campo operativo pressoché astratto, ma come il risultato di una lunghissima e lentissima stratificazione che occorre conoscere per potere intervenire [...]” (Corboz, 2007, p.189).

Assumindo, assim, a transformação como uma realidade inevitável do espaço, temos que aceitar o tempo como elemento transformador, tendo presente que: “Tudo o que foi feito pelo homem também pode ser *refeito*” (Bauman, 2009, p.2)²⁰, desde que se preserve sempre a harmonia dos espaços.

Face ao conhecimento adquirido das dimensões que integram a definição de identidade, compreendemos o vasto e complexo campo que o tema possui. O edificado, o lugar e a perceção apresentam-se como fatores de extrema relevância. A sua relação permite a existência de vivências, transmite imagens, cria sensações no observador, desenvolve ligações entre diferentes objetos ou marca pela memória que incrementa, definindo e distinguindo cada ambiente. As transformações e mudanças de características, geradas pelo próprio espaço ou pelos utilizadores, representam, também, um papel importante na identidade. Concluimos, assim, que as dimensões de identidade que importam analisar para efeitos desta dissertação serão: a arquitetura e a relação existente entre estes elementos, as vivências das pessoas no meio e as transformações do espaço.

¹⁹ Edição original de 1998.

²⁰ Edição orginial de 2005.



Figura 13. Centro Georges Pompidou, Paris, França.
(<https://www.archdaily.com/tag/centre-pompidou>)

O BAIRRO COMO OBJETO DE ESTUDO 1.2

No seguimento da compreensão do conceito de identidade é necessário definir uma área de observação. Esta pretende estabelecer um limite que permita uma análise conclusiva. Assumindo que a identidade é um processo em contínuo desenvolvimento, gerado por múltiplos elementos e diversas dimensões, onde a relação entre as partes é fulcral, torna-se evidente que o estudo deste conceito requer um espaço onde existam variados componentes que possam comunicar entre si de forma a estabelecer ligações.

Desde logo, a abordagem a um único edifício (figura 13) considera-se redutora por se investigar apenas uma identidade singular, onde os critérios de definição e abrangência da temática são insuficientes. Depreende-se então que, com uma visão mais ampla, é possível abarcar uma maior quantidade de inter-relações presentes no lugar. Amplia-se assim a escala²¹ de observação com o intuito de encontrar um lugar onde a proporção de características inerentes à definição de uma identidade seja suficiente para a realização de um estudo adequado.

Partindo da interpretação de Kevin Lynch (2017)²² da *imagem da cidade*²³ verificamos que os elementos físicos concebem uma importante marca no espaço urbano, passível de reconhecimento por parte de um observador²⁴. Apesar de não serem os únicos fatores que compõem a “imagem urbana” (Lynch, 2017, p.51)²⁵, uma vez que esta também pode ser

²¹ Dimensão de identidade que varia consoante a aproximação ao objeto em análise; diferentes escalas permitem diversos estudos e consequentemente variadas conclusões; termo detalhado posteriormente neste subcapítulo.

²² Edição original de 1959.

²³ Título original *The image of the city*.

²⁴ Indivíduo que percebe o espaço, essencial para a compreensão e análise do lugar e identidade deste; para maior desenvolvimento conferir subcapítulo 1.1.

²⁵ Diversos elementos contribuem para a leitura desta noção, pela sua definição e forma como caracterizam cada lugar; tema desenvolvido de forma mais aprofundada ao longo do subcapítulo.

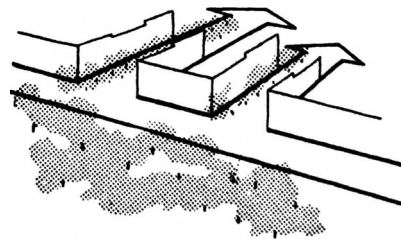
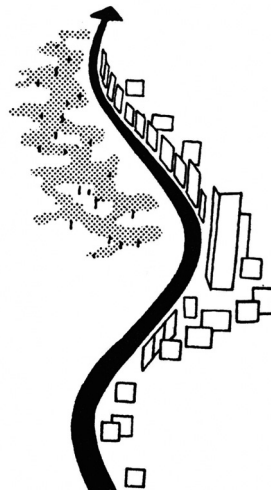
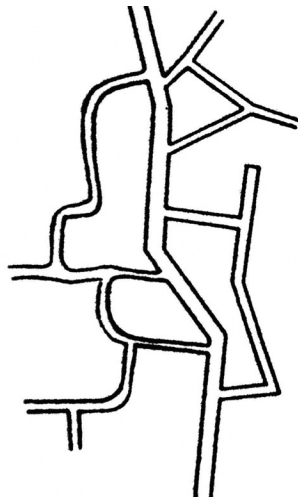


Figura 14. Elementos da imagem da cidade.

(Lynch, 2017, pp. 52 e 53)

Figura 15. As vias.

(Lynch, 2017, p.57)

Figura 16. Os limites.

(Lynch, 2017, p.100)

Figura 17. O bairro.

(Lynch, 2017, p.75)

Figura 18. Os cruzamentos.

(Lynch, 2017, p.104)

influenciada pelo: “[...] significado social de uma área, a sua função, a sua história ou, até, o seu nome.” (Lynch, 2017, p.51), os elementos físicos são os escolhidos por Lynch para um estudo mais aprofundado, por se pretender analisar a forma. O autor denota como essencial classifica-los, distinguindo-os entre: “[...] vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes.” (Lynch, 2017, p.51) (figura 14)²⁶.

Reconhecendo os múltiplos tipos de espaços urbanos, através da distinção previamente apresentada, compreendemos que a *imagem* de cada lugar é sempre influenciada pelos respetivos espaços físicos que a compõem. Assim, no âmbito da presente investigação, é relevante entender cada um destes elementos, pois são um meio concreto para selecionar uma área de observação.

Começando pelas vias (figura 15), estas definem-se como percursos ou trajetos ao longo dos quais é possível que um utilizador ou observador se movimente. São exemplos destas formas físicas: “[...] ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos-de-ferro.” (Lynch, 2017, p.52). Deste modo, podemos considerar que as vias são um elemento organizador do espaço, uma vez que os outros constituintes físicos se dispõem de acordo com o seu traçado. De uma forma concreta, as vias podem representar limites (figura 16), quando surgem como fronteiras entre partes ou transições entre zonas distintas. Estes elementos permitem ainda a relação de variados lugares, bem como entre diversos fatores físicos dentro do mesmo espaço.

Um outro componente da forma do espaço é o bairro que se define como uma região ou área urbana (figura 17) penetrável por um cidadão. A sua distinção e identificação pode ser feita através de variações visuais ou de uma partilha de características entre os seus constituintes, de que são exemplo: “[...] textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de edifícios, utilizações actividades, habitantes, estado de conservação, topografia.” (Lynch, 2017, p.71). Compreendemos, assim, que o bairro se insere numa escala de análise mais ampla do que as outras características físicas do espaço até então expostas, uma vez que são inúmeros os elementos que o podem integrar.

Os cruzamentos, de forma semelhante aos bairros, correspondem também a uma associação de elementos físicos de menores dimensões, isto é, definem-se por uniões entre duas vias ou por uma interceção entre diferentes percursos (figura 18). Os cruzamentos são então entendidos como nós ou pontos de encontro onde ocorre a junção de caminhos,

²⁶ Diversos elementos contribuem para a leitura, definição e caracterização de um lugar; tema desenvolvido de forma mais aprofundada posteriormente.

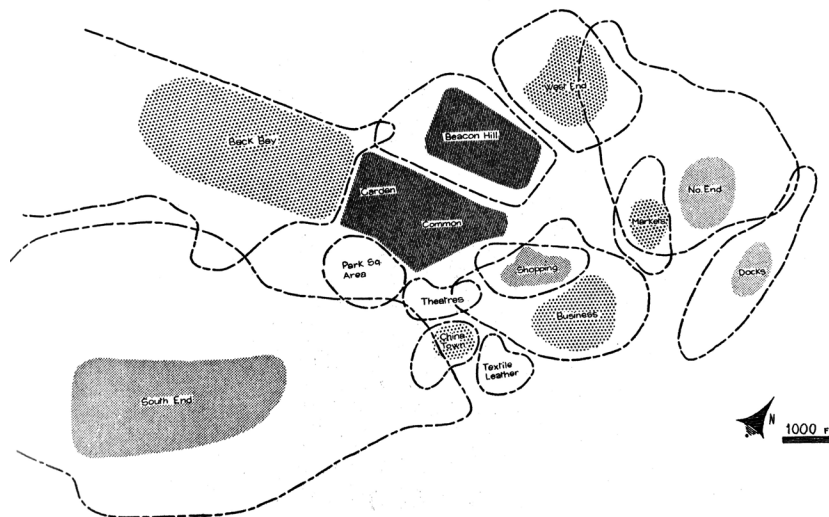
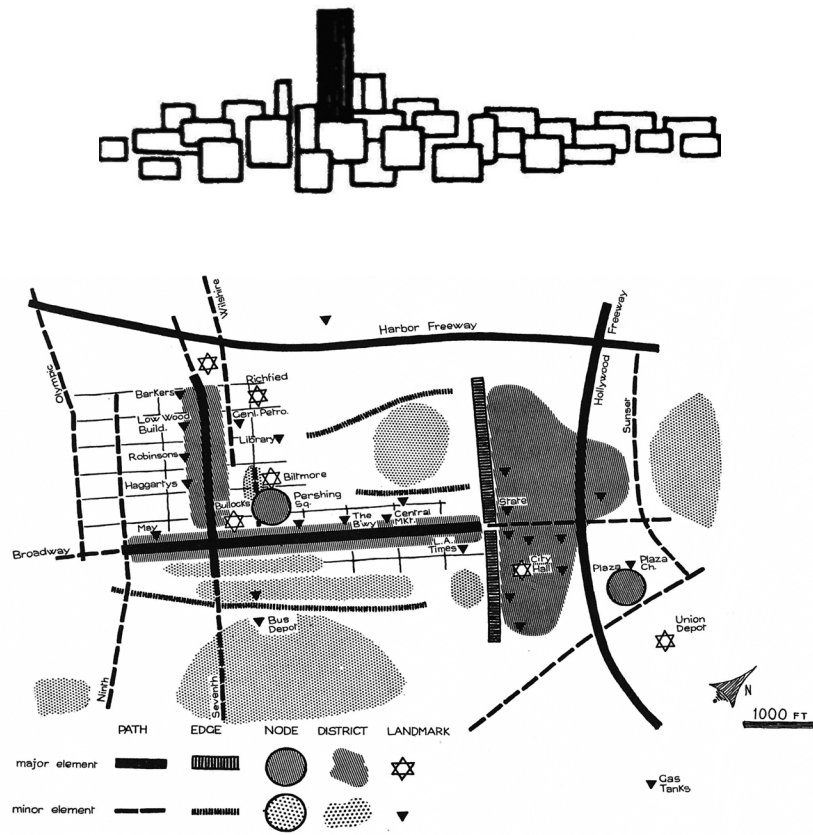


Figura 19. Os pontos marcantes.
(Lynch, 2017, p.89)

Figura 20. A forma visual de Los Angeles, como é vista no terreno.
(Lynch, 2017, p.39)

Figura 21. Fronteiras variáveis dos bairros de Boston.
(Lynch, 2017, p.73)

sendo possível optar por um percurso.

Por último, Lynch apresenta os pontos marcantes (figura 19) que se leem como marcos singulares do espaço, uma vez que a sua principal característica é a diferenciação em relação ao espaço urbano envolvente. Estes componentes consideram-se, assim, como símbolos físicos do espaço urbano que, dada a sua distinção em relação a uma quantidade maior de outros elementos, se destacam do meio em que se inserem.

Face ao conhecimento dos constituintes físicos do espaço, definido por Lynch (2017), podemos afirmar que, dos cinco tipos de componentes urbanos expostos, o *bairro* é o constituinte que permite uma análise de identidade mais equilibrada entre a abrangência e a especificidade (figura 20). Isto é, considera-se um meio suficientemente amplo, no que respeita a diversidade de características que o compõem e variedade temática e, simultaneamente, demarcado e limitado, apesar dos seus limites não serem necessariamente definidos, permitindo assim um estudo relativamente concreto. Utilizaremos então este aglomerado urbano enquanto unidade de observação para o estudo da identidade ao longo da dissertação.

Como ponto de partida para a interpretação dos bairros, numa tentativa de compreender os seus constituintes, percebemos que, dada a sua abrangência, estes podem ser vistos como aglomerados urbanos de pequenas dimensões que se inserem num meio mais amplo, a cidade (figura 21). Este pensamento introduz a necessidade de entender a escala de observação em que se insere o objeto de estudo.

Uma vez que o bairro se caracteriza por ser um lugar onde são reconhecidas dinâmicas próprias do espaço, sendo definido por inúmeros elementos físicos que compõem um determinado ambiente construído, promovendo uma cultura local detentora de uma identidade específica, podemos afirmar que estamos perante a “microescala do território” (Nicolau, 2012, p.38). A circunscrição a esta escala de análise advém da comparação com as outras existentes. Sendo que, a *macroescala* corresponde a uma observação primária do território, na sua perceção mais lata e abrangente, focando-se na urbe e desenvolvimento da mesma e a *mesoescala* destina-se ao confronto entre as pequenas partes que compõem o todo, como diferentes zonas de um território e as suas dinâmicas (Nicolau, 2012, p. 36-37). Logo, o estudo do bairro, requerendo uma aproximação ao objeto, onde se procura a relação entre o ambiente construído e os utilizadores deste mesmo espaço, recai necessariamente sobre a escala de análise mais pormenorizada a *microescala*.

A PROCURA DE IDENTIDADE

O bairro lê-se então como uma unidade reduzida de ação urbana, onde é possível intervir de forma contínua no espaço, proporcionando uma coerência territorial e social (Nicolau, 2012, p.42). Conseguimos assim, por meio do objeto de estudo, refletir sobre uma identidade coletiva que é gerada por uma multiplicidade de elementos e respetivas relações, como se pretende na presente dissertação.

Também considerámos as cidades como possibilidade de investigação, numa tentativa de encontrar uma área de estudo mais abrangente. Estas são lidas como áreas urbanas de grande extensão, compostas por um vasto leque de estruturas físicas e densidade populacional. No entanto, a cidade, pela sua extensão, pluralidade de características, multiplicidade e variação de fatores, criou a necessidade de restringir o objeto da investigação, sendo assim, justificada a pertinência do bairro:

“As cidades são demasiado complicadas, escapam em demasia ao nosso controlo e afetam demasiadas pessoas, que, por sua vez, estão sujeitas a demasiadas variações culturais, para permitirem uma resposta racional. As cidades, tal como os continentes, são simplesmente enormes factos da natureza, aos quais temos de nos adaptar.” (Lynch, 2015, p.7)²⁷.

No entanto, o bairro, apesar de mais específico do que a cidade, não deixa de apresentar uma identidade enquanto espaço urbano de conjunto. De acordo com as Jornadas SIPA (2011)²⁸, estes meios urbanos desenvolvem uma relação única como os seus utilizadores ou observadores, criando em si uma memória. Este imaginário corresponde ao pensamento e definição de cada lugar, uma vez que consiste na compreensão do espaço físico e respetivo contexto histórico, espacial, arquitetónico, social e cultural na perspetiva dos utilizadores. Definimos então, antes de mais avanços, a noção de bairro de acordo com Margarida Tavares da Conceição (2012), que ao estudar *A polissemia da palavra bairro*, complementa a ideia apresentada por Lynch (2015):

“Uma parte da cidade habitada, que apresenta características distintas que a tornam reconhecível face às restantes zonas urbanas, podendo tais características distintivas ser de várias ordens; apesar disso, trata-se sempre de um conjunto urbano com função residencial dominante [...]” (Conceição, 2012, p.1).

²⁷ Edição original de 1981.

²⁸ Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA), jornadas onde se divulgam projetos e estudos do património com debates sobre políticas, estratégias e metodologias para abordar o mesmo. Conferência de apresentação do “Projeto de Bairros em Lisboa 2012”, em Novembro de 2011.

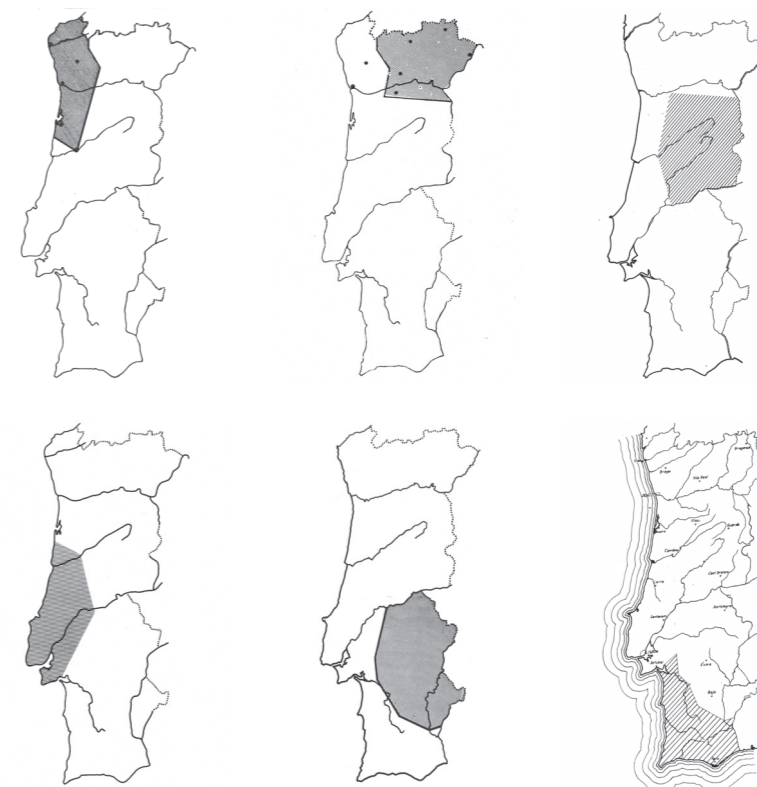
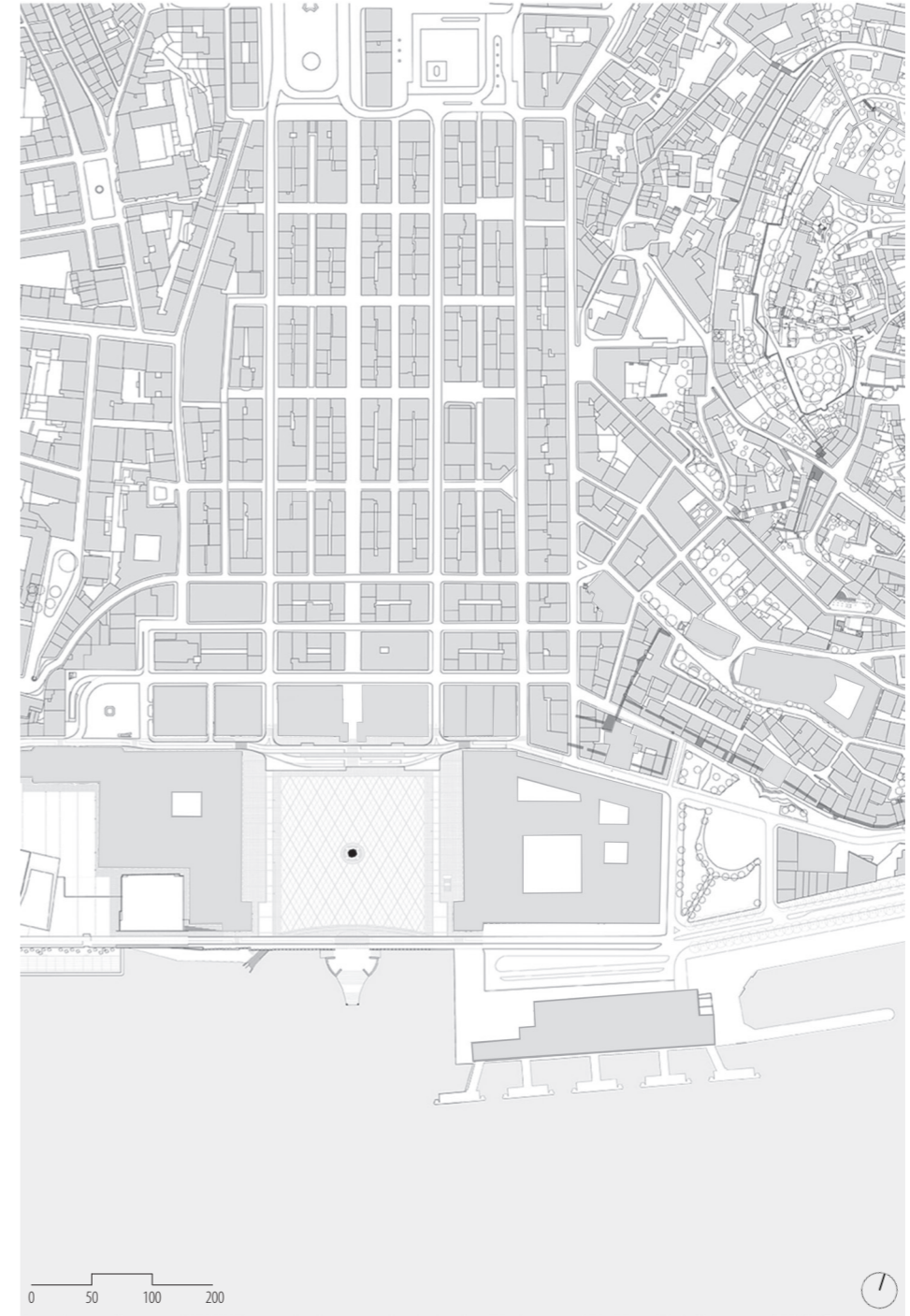
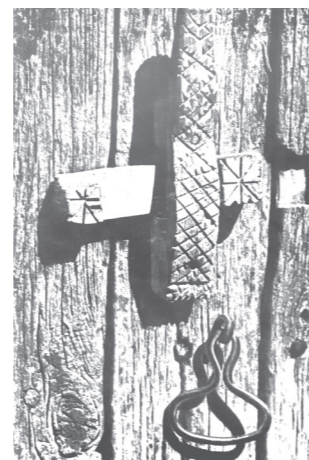


Figura 22. Zonas analisadas no Inquérito Arquitetura Popular em Portugal. (Antunes et al., 1988a, pp. 11 e 123; 1988b, pp. 3 e 123; 1988c, pp. 3 e 123)

Figura 23. Fotografias das diferentes análises: vida quotidiana, pessoas e objetos. (Antunes et al., 1988a, pp. 126, 144, 150, 171, 174)

Figura 24. Planta urbana da zona da baixa da cidade de Lisboa. (<http://www.revistaplot.com/es/nueva-identidad-versatil/>)



Reconhecendo a definição apresentada do objeto de estudo e os diversos elementos que compõem este espaço, percebemos que, para analisar uma área urbana de conjunto, são inúmeros os fatores que importa investigar e confrontar. Utilizando o *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal* (1988a, b, c)²⁹ como referência, compreende-se a importância da forma da urbe como meio diferenciador do carácter de cada local. A divisão da área total do estudo em *zonas* (figura 22) decorre da necessidade de uma *escala* de proximidade que no presente estudo, como referido previamente, é conseguida através do bairro. Focando a investigação conduzida por Octávio Lixa Filgueiras³⁰ que investiga o espaço segundo três perspetivas intimamente relacionadas: a vida quotidiana, as pessoas e os objetos (Antunes et al., 1988a, p.126)³¹ (figura 23), entendemos que, apenas com uma análise das partes é possível compreender o conjunto maior.

Assim, tendo compreendido que a identidade no bairro é definida por diferentes partes que compõem o todo, partimos para uma análise dos elementos que constituem os bairros. No âmbito dos recursos arquitetónicos reconhecemos que cada bairro se organiza através de edifícios singulares. Estes podem ter ou não uma relação entre si e partilhar características, no entanto criam uma malha urbana, seja esta coesa ou não (figura 24). A forma urbana apresenta-se, deste modo, como uma essência para a análise do bairro. Tal como defende José Lamas (1992)³², sendo o bairro uma dimensão urbana, a morfologia deste lugar tem que ser vista em continuidade, uma vez que só assim é possível compreender as diferentes utilizações do meio:

“O espaço humanizado público constitui um ambiente global que só como tal pode ser compreendido. O homem vive numa continuidade ambiental, e as formas urbanas ou territoriais são constituídas pela composição de diferentes unidades espaciais e elementos morfológicos.” (Lamas, 1992, p.73).

É, então, evidente a relação entre forma e utilização de cada lugar sendo que, na investigação que se pretende sobre o bairro, a análise destas dinâmicas é indispensável. Segundo Henri Lefebvre (1978)³³ que reflete sobre o bairro de um ponto de vista sociológico, estes lugares são uma realidade urbana fundamental para a vida da cidade: “[...] el barrio no

²⁹ Edição original de 1961. Inquérito realizado entre 1955 e 1960 com o intuito de compreender a arquitetura existente em Portugal. Importa para o presente trabalho os diferentes tipos de investigação e análise de áreas urbanas.

³⁰ Estudo referente à zona 2 – Trás-os-Montes.

³¹ Edição original de 1961.

³² Edição original de 1989.

³³ Edição original de 1971.

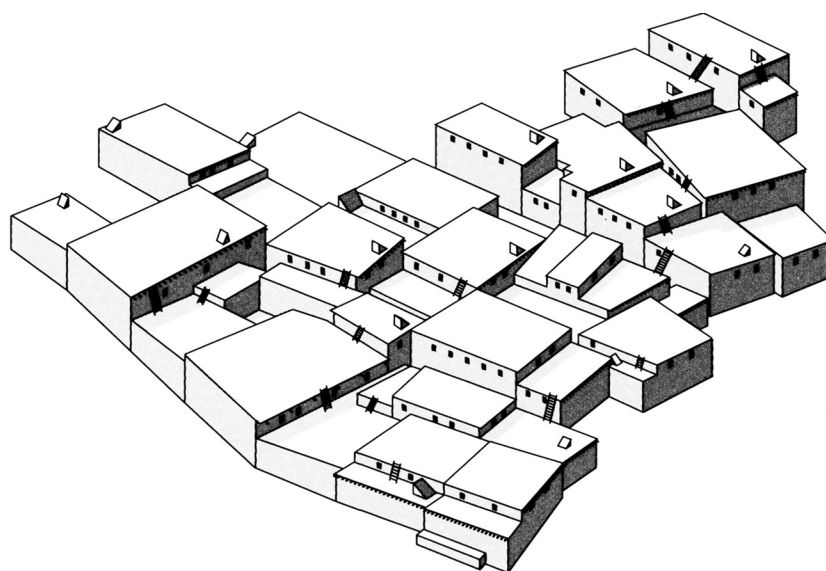


Figura 25. Cidade do neolítico, Çatal Huyuk.
(<http://www.cmurillo.com/west-oakland-housing-project.html>)

es un detalle accidental, un aspecto secundario y contingente de la realidad urbana, sino su esencia.” (Lefebvre, 1978, p.195). O autor considera assim que a definição desta área só é possível através de uma caracterização de “*niveles de realidad*” (Lefebvre, 1978, p.201)³⁴ e da determinação dos limites do espaço. Estes constituintes implicam uma leitura sobre a cidade como uma totalidade e não como um conjunto de componentes dispersos (Lefebvre, 1978, p.199), fazendo com que estes aglomerados urbanos sejam também uma unidade e não apenas uma ideia simbólica.

Os bairros são, deste modo, entendidos como meios de ordenação do espaço e das comunidades. Segundo Aldo Rossi (2016)³⁵ que, estuda a *arquitectura da cidade*³⁶, o bairro considera-se: “[...] um momento, um sector, da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza [...]” (Rossi, 2016, p. 81). O autor defende que cada uma destas estruturas urbanas é única, por se caracterizarem pela sua localização e diversos fatores como a sua história, edificado e população que, em associação, criam uma unidade no lugar. Logo percebemos que todas as partes que integram o conjunto urbano são relevantes tanto a nível individual como através da sua contribuição para o coletivo, sendo que a sua união e comunicação é fulcral para a perceção geral do ambiente (Rossi, 2016, p.40-41)³⁷.

Partindo das noções apresentadas anteriormente importa compreender a génese dos bairros. O surgimento destes aglomerados urbanos nos primeiros conjuntos populacionais deu-se pela natural proximidade física de habitação e pelo ambiente familiar existente em cada lugar (Sá, 2012, p.26) (figura 25). Este facto conferia não só uma organização no desenvolvimento do espaço, como também uma ideia de vizinhança e vida comunitária entre os habitantes de cada zona. Criava-se assim um sentido de pertença ao lugar, isto é, uma noção de integração por parte dos utilizadores no espaço em que vivem. Percebemos, por isso, que o bairro pode ser visto como um lugar uno em todos os campos de observação: “[...] o bairro é simultaneamente uma unidade morfológica, espacial e social.” (Crespo, 2012, p. 67). Logo, o objeto de estudo define-se pela conexão entre a forma física que se estabelece num determinado espaço e é vivida pelo Homem. Considerando-se assim o bairro, como um meio mentalmente reconhecível tanto pelos utilizadores como observadores:

³⁴ Definição sociológica que distingue três “níveis de realidade” presentes em bairros: supervivência (peso da história), unidade sociológica relativa (bairro como uma necessidade de organização do espaço), relações habitante/exterior (necessidade de comunicação e relações interpessoais) (Lefebvre, 1978, pp.201 – 202).

³⁵ Edição original de 1966.

³⁶ Título original *L'architettura della città*.

³⁷ Rossi (2016) utiliza como exemplo o Palácio da Razão em Pádua que, sendo um facto urbano individual comunica entre as diferentes partes que o constituem, como a sua forma e matéria que se unem para gerar um todo.

“[...] reconhece como tendo algo de comum e identificável. São sempre passíveis de identificação do lado interior e também, do exterior, no caso de se poderem notar, com diferenças de indivíduo para indivíduo.” (Lynch, 2017, p.52).

No entanto, na atualidade, a leitura destas estruturas urbanas é de grande exigência, uma vez que as fronteiras são cada vez mais ténues e impercetíveis dada a permanente mudança das suas dimensões físicas, sociais e culturais (Ferreira, 2012, p.49). A perçetibilidade do bairro enquanto espaço urbano coeso vai sendo menos reconhecível e, conseqüentemente, as vivências associadas a este espaço também variam:

“O bairro muda o seu aspecto físico juntamente com a população e com diferentes formas de apropriação do espaço. Assim, pensar o bairro de uma forma diacrónica significa ver as transformações sociais que vão ocorrendo na própria sociedade.” (Sá, 2012, p.30).

A população assume assim relevância especial, enquanto um dos fatores caracterizadores do bairro, dado que, as diferenças sociais, étnicas ou etárias existentes nos diversos lugares, contribuem para a definição da identidade específica do espaço em causa. Deste modo, a sua mudança ou alteração de necessidades, tal como acontece no edificado, também interfere com a caracterização do lugar.

Estes princípios de mudança na sociedade e no ambiente construído, permitem-nos afirmar que a noção de bairro não está exclusivamente associada a uma vida em comunidade, de partilha constante de experiências e onde há um sentimento de vizinhança. A perceção do ambiente enquanto um todo passa a ser lido também a partir das memórias associadas ao espaço, uma vez que a visão e a utilização, bem como respetivos utilizadores destes espaços, variam ao longo do tempo:

“[...] os grupos sociais, entendidos como grupos de pertinência, cujos membros compartilham de forma duradoura um grande número de características (renda, cultura, nível de formação, etc.) tendem a perder a sua importância objetiva e subjetiva.” (Ascher, 2010, p.72)³⁸.

Neste contexto, a imagem produzida pelo bairro remete também para uma memória coletiva dos indivíduos que associam este tipo de aglomerados a uma ideia pré-concebida e imagética dada pelo espaço urbano envolvente.

³⁸ Edição original de 1946.

A PROCURA DE IDENTIDADE

Face aos conteúdos apresentados consideramos justificada a escolha do bairro como meio de interpretação da identidade de cada lugar. A importância desta seleção justifica-se pela escala em que se insere e pelos diversos fatores que o constituem e distinguem como: a forma urbana, os espaços públicos, os tipos de edificado, a população que se associa ao sentido de pertença e a sua possibilidade de evolução. Importa agora apresentar diversos métodos de análise para abordar estes lugares.

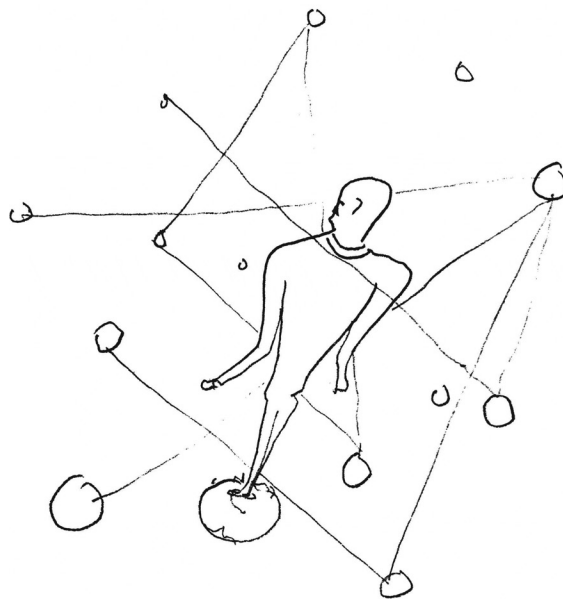


Figura 26. Awareness of space as experience.
(Bacon, 1995, p.14)

DIFERENTES ABORDAGENS SOBRE O ESPAÇO URBANO 2.1

Pensar a identidade como componente caracterizador de um lugar é algo de extrema complexidade, uma vez que, são múltiplos os fatores que compõem este conceito, como foi constatado no capítulo anterior. Torna-se assim necessário realizar um estudo interpretativo do meio, bem como dos elementos existentes no espaço. Procura-se deste modo reconhecer a identidade de cada lugar através de uma análise morfológica, programática e socio-espacial.

Uma vez que, na presente dissertação, a procura da identidade foi direcionada à área do bairro e, com o intuito de desenvolver uma análise fundamentada sobre este conceito, importa investigar como se interpreta este aglomerado urbano, quem o analisou e de que forma realizou a respetiva investigação. Seguidamente iremos, então, apresentar diversos métodos de observação de espaços urbanos, através de autores e metodologias de análise do ambiente construído e vivido.

Começando por uma investigação onde a abordagem recai sobre o espaço urbano, de uma forma mais abrangente, referimos Edmund Bacon (1995)³⁹ que, como mencionado previamente, ao estudar o *desenho das cidades*⁴⁰, procura compreender a sua estrutura e desenvolvimento ao longo dos tempos, de modo a conhecer melhor o ambiente em que se insere. O autor considera esta pesquisa essencial, pois defende o habitar de um espaço enquanto uma experiência partilhada (figura 26), onde o envolvimento e conhecimento tanto do meio como das relações morfológicas neste existentes são considerados como fatores relevantes (Bacon, 1995, p.23). Bacon (1995) apresenta esta visão como “involvement” (Bacon, 1995, p.23) que, na sua perspetiva, considera como o propósito da arquitetura: “This is architecture, not to look at, but to be in.” (Bacon, 1995, p.23).

³⁹ Edição original de 1969.

⁴⁰ Título original *Design of Cities*.

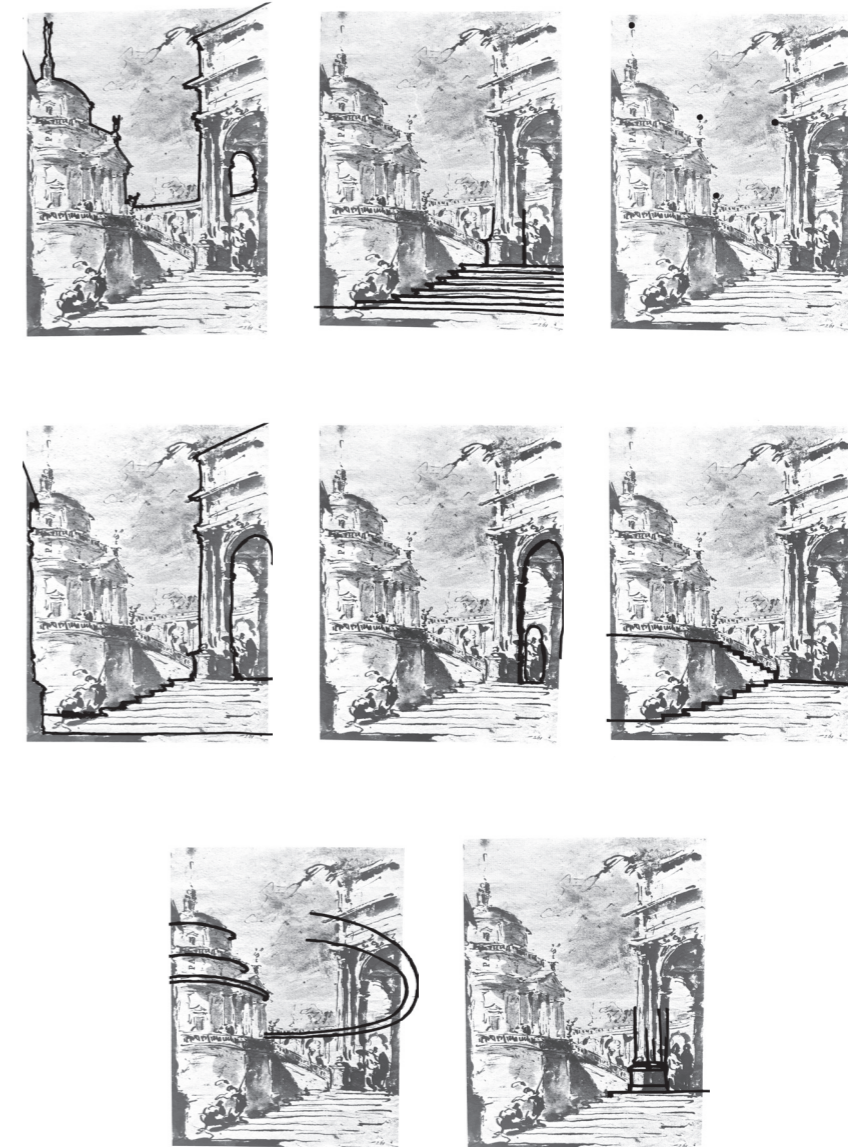


Figura 27. Involvement: Meeting the sky; Meeting the ground; Points in space; Recession planes; Design in depth; Ascent and descent; Convexity and concavity; Relationship to man.

(Bacon, 1995, pp. 24, 25, 26, 27)

Figura 28. Axonometria da praça de Todì.

(Bacon, 1995, p.94)

Figura 29. The approach.

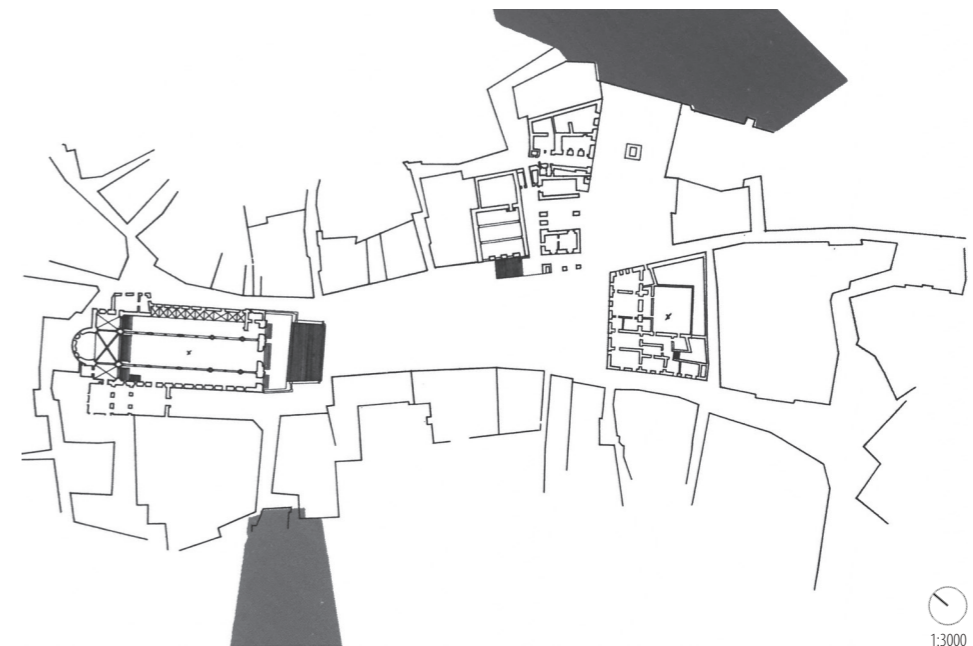
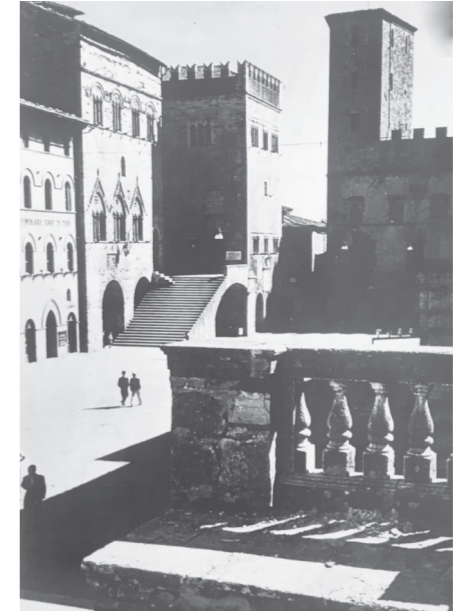
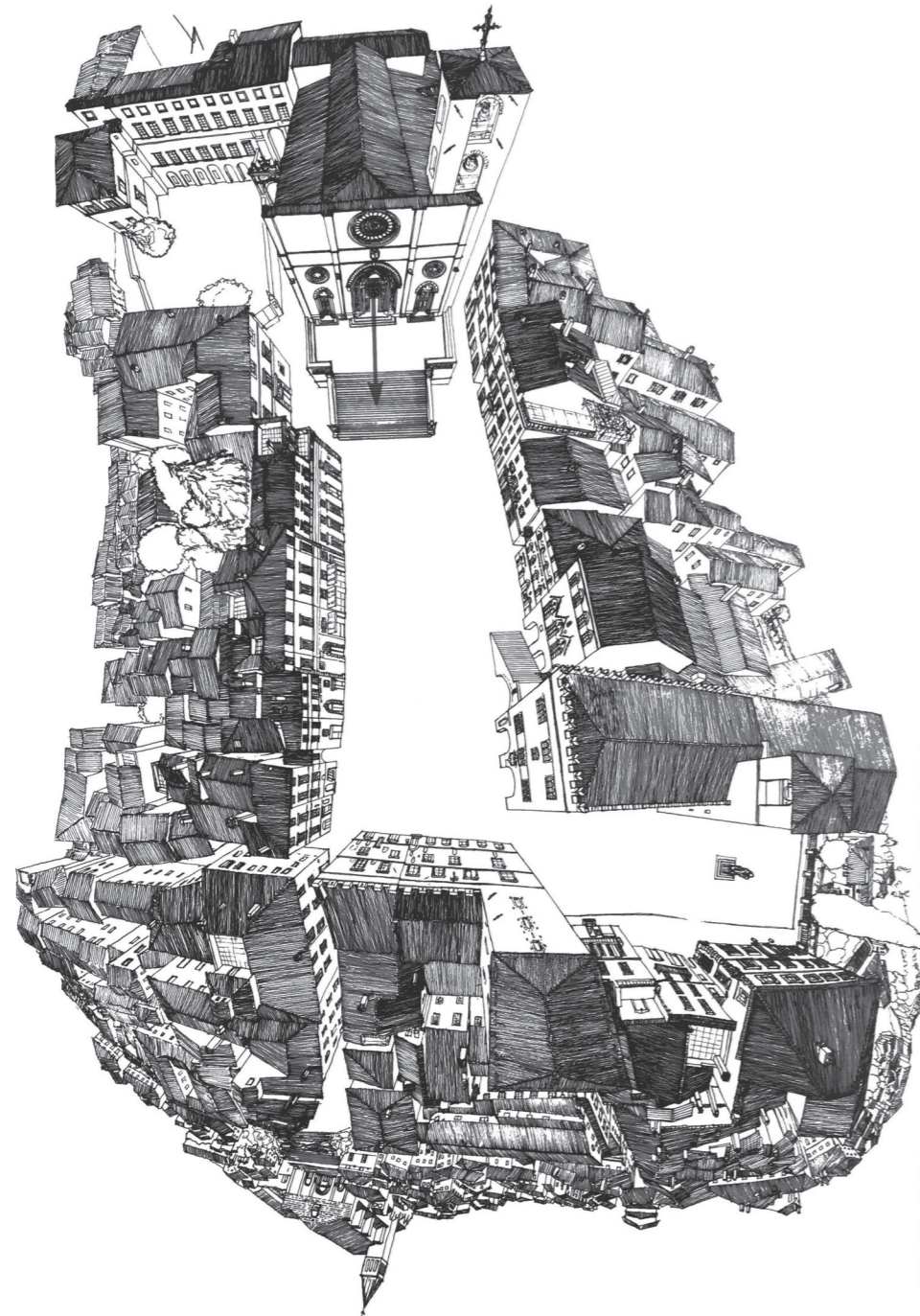
(Bacon, 1995, p.96)

Figura 30. The arrival.

(Bacon, 1995, p.97)

Figura 31. Basic design structure.

(Bacon, 1995, p.98)



1:3000

Bacon (1995) propõe uma metodologia de análise que consiste na observação das pequenas partes que constituem o todo de cada lugar, sendo estas, tanto elementos arquitetônicos como as dinâmicas que estes introduzem no espaço. Os fatores abordados são denominados da seguinte forma: “meeting the sky”, “meeting the ground”, “points in space”, “recession planes”, “design in depth”, “ascent and descent”, “convexity and concavity”, “relationship to man” (Bacon, 1995, pp.24-27) (figura 27). Assim, segundo o autor, através da compreensão de fatores como, o ‘skyline’ de um edifício, possíveis movimentos no solo, encontros entre as estruturas construídas e o piso térreo, ou a interpretação de determinados pontos marcantes e respectivas dinâmicas que estes criam com o Homem, é possível obter uma leitura do meio.

Como forma de confrontar as características que considera relevantes para o estudo de um lugar, Bacon (1995) analisa a estrutura de uma praça medieval⁴¹ (figura 28). O autor divide a investigação em três momentos: “the approach”, “the arrival” e “basic structure of design” (Bacon, 1995, pp.96-99), onde a observação se concentra na percepção que se obtém ao entrar na praça, ao chegar ao seu interior e ao analisar o desenho planimétrico do espaço, respetivamente. Na aproximação ao lugar (“the approach”) (figura 29) é notória a comunicação entre o espaço central da praça e o exterior, tornando fulcral o caminho de descoberta a percepção do envolvente para o conhecimento completo do meio:

“[...] the design energy does not expire with the completion of the central squares, but it extends outward to the limits of the city at the walls, or, conversely, it penetrates inward from the walls, thus relating the heart of the city with the surrounding countryside.” (Bacon, 1995, p.96).

Na experiência da chegada à praça (“the arrival”) (figura 30) o autor destaca a noção de pertença a um espaço fechado exterior. Esta definição, e consequente percepção, é conseguida através da comunicação existente entre as zonas externas e internas que definem a praça, dado que a leitura que se faz do meio varia consoante o local a partir do qual se observa. Através desta análise, Bacon (1995) justifica, uma vez mais, a importância dos elementos que compõem os espaços: “Here is an example, developed over time, of the full interplay of the many necessary elements of design - recession planes, penetration in depth, meeting the sky and the ground, ascent and descent [...]” (Bacon, 1995, p.97). A presença de todos estes elementos e relações são ainda reforçadas pela observação do desenho urbano em planta (figura 31). Este, pela visão mais generalizada, permite um confronto de todas as características existentes no espaço em foco.

⁴¹ Articulação entre duas praças na cidade de Todi, Itália, Piazza del Popolo e Piazza Garibaldi.

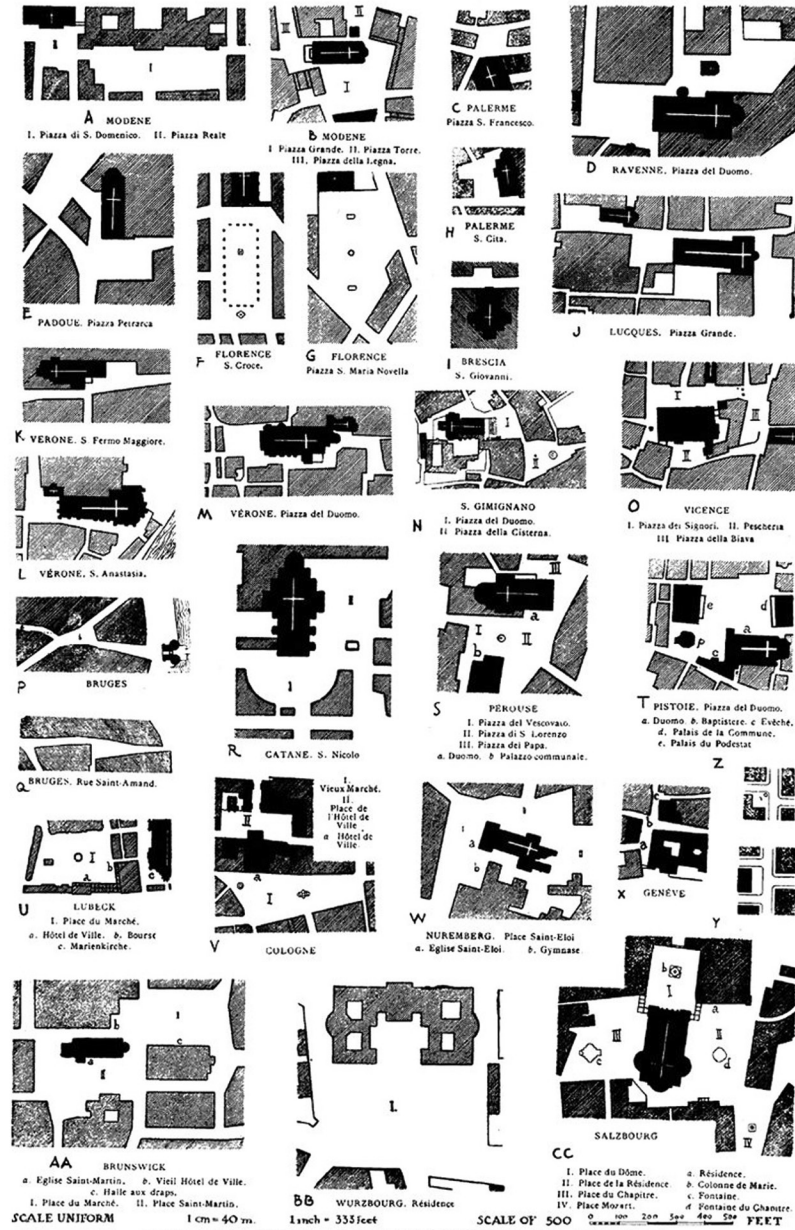


Figura 32. Diferentes tipologias de praças medievais, segundo a definição de Camillo Sitte.
 (<https://cours5ma2015.wordpress.com/2016/02/01/articles-2-la-ville-un-territoire-en-evolution/>)

Deste estudo podemos reter como fundamental, para a análise do espaço, a necessidade de entender a forma, respetivos constituintes e características dos elementos construídos para ser possível a leitura do espaço urbano como um coletivo.

Também Camillo Sitte (1990b)⁴² defende a importância dos constituintes e relações existentes em cada lugar, considerando estes elementos como características relevantes para a compreensão do desenho do espaço. Na sua teoria sobre *a arte de construir a cidade*⁴³ aborda estes mesmos conteúdos, apresentando um estudo sobre diversas urbes e a sua respetiva evolução no tempo. O seu objetivo visava então reconhecer os princípios de composição de um lugar⁴⁴ e as suas diferenças ao longo das épocas.

Segundo o autor, entender a urbanidade dos espaços e a relação entre o cheio e vazio, isto é, o construído como oposição ao espaço livre entre o edificado, considera-se como uma leitura crucial para a compreensão de cada lugar, dado que, é pela conexão destes dois pólos que os espaços se definem e, conseqüentemente, se distinguem. Os vazios não devem então ser vistos como zonas excedentes onde há falta de edificado, mas sim como espaços de articulação e percurso, podendo marcar uma zona pela sua dimensão ou estar associados a edifícios públicos. Assim, dada importância destas aberturas ao longo da malha, consideradas como praças em diversos casos, Sitte estuda o espaço livre existente nas mesmas, as suas dimensões e os diferentes grupos em que estas se podem organizar (Sitte, 1990b, pp. 42, 67 e 84) (figura 32), uma vez que estas criam uma dinâmica específica em cada lugar.

Para além da interpretação dos espaços, Sitte (1990b) faz alusão à necessidade de pensar o património, ou seja, não basta conhecer os elementos, é também importante, entender a sua evolução e relação entre tempos. As construções do passado existentes nos dias de hoje devem então ser interpretadas no presente como exemplos, no caso de se adequarem, podendo ser adaptados, a fim de manterem a sua utilidade:

“Il nostro scopo è, se possibile, di trovare una scappatoia al moderno sistema degli edifici-scatola, di salvare, se si fa ancora in tempo, le nostre vecchie città dalla distruzione che le colpisce sempre più e infine di permettere la creazione di opere simili a quele degli antichi maestri.” (Sitte, 1990b, pp. 20-22).

⁴² Edição original de 1889.

⁴³ Título original *Der Städtebau nach seinen künstlerischen Grundsätzen*.

⁴⁴ “Esamineremo una serie di città antiche e moderne sotto l’aspetto della tecnica artistica al fine di mettere in evidenza i principi di composizione che una volta producevano armonia e buoni effetti, ma che oggi malamente applicati non generano che incoerenza e monotonia” (Sitte, 1990b, p.20).



Figura 33. Museu do Louvre, Paris, França.
(<https://toptraveller.gr/poi/louvre-museum-paris/>)

Para uma outra perspectiva sobre o pensamento do passado e as relações temporais é necessário abordar Françoise Choay (2017)⁴⁵ que, ao tratar a noção do património e monumentos, defende uma combinação de diferentes arquiteturas enquanto método de valorização de um lugar. Segundo a sua teoria, a arquitetura de uma época não deve viver isolada num determinado espaço, mas sim em comunicação com o envolvente, independentemente do marco temporal em que se insere (figura 33). De acordo com Choay (2017) é esta diversidade que confere interesse a um lugar:

“A sedução de um espaço como Paris resulta da diversidade estilística das suas arquiteturas e dos seus espaços, que não devem ser travados por uma conservação intransigente, mas continuados: é o caso da pirâmide do Louvre.” (Choay, 2017, p.16).

O pensamento apresentado, da habitabilidade do meio como uma experiência continuada, pretende fazer com que os espaços tenham uma maior vivência, sendo que esta é conseguida pela possibilidade de adaptação dos lugares ao longo dos tempos. No entanto, a autora não deixa de constatar que: “[...] a *reutilização* é, sem dúvida, a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil de valorização patrimonial.” (Choay, 2017, p.233). Assim, através da interpretação do passado, apresentada na *Alegoria do Património*⁴⁶ que, tem por base autores como John Ruskin, Viollet-le-Duc e Alois Riegl, Choay (2017) defende uma interpretação dos lugares através da compreensão dos tempos. A importância do passado e valorização de elementos existentes influencia a vida contemporânea, uma vez que estes são fatores que contribuem para a identidade e cultura do meio.

Ainda no campo da transformação e perceção de marcas temporais como formas de estudo do espaço, referimos Stewart Brand (1994)⁴⁷. Este autor, através do estudo que fez dos edifícios, defende uma análise do ambiente construído segundo ‘layers temporais’. Isto é, o edificado que permanece num determinado espaço deve ser observado de acordo com o seu contexto e evolução ao longo do tempo, fazendo com que as alterações a realizar aconteçam de forma contínua.

A metodologia proposta por Brand (1994) procura assim promover a longevidade do edificado, de modo a que as mudanças pareçam integrar a origem e, sejam uma característica benéfica, tanto para o meio como para o utilizador: “Age *plus adaptativity* is what makes a

⁴⁵ Edição original de 1992.

⁴⁶ Título original *L'Allégorie du Patrimoine*.

⁴⁷ Autor referido no subcapítulo 1.1. pela necessidade de compreender que as partes influenciam o todo e, pela definição da transformação como fator relevante para a perceção dos espaços.

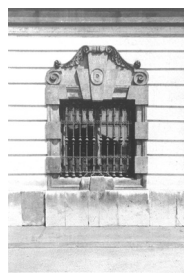
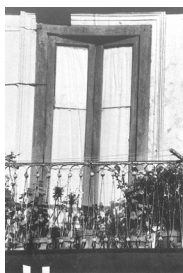
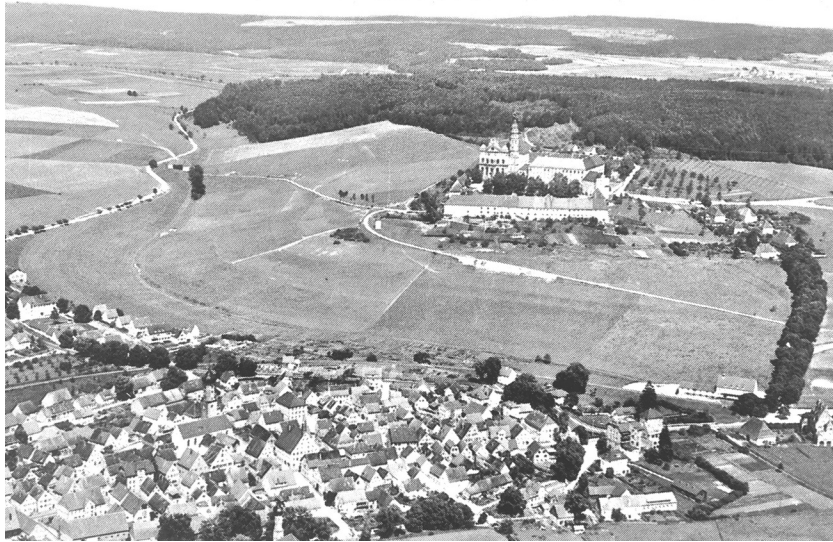


Figura 34. A relação do lugar com a arquitetura: Luogo. Neresheim con la chiesa abbaziale di Neuman; Visualizzazione. Calcata, Lazio.

(Norberg-Schulz, 1996, p.16)

Figura 35. Finestra a Salerno; a Aprigi, del Belvedere superiore di Hildebrandt, Vienna; di St. George in the East di Hawksmoor, Londra.

(Norberg-Schulz, 1996, p.179)

building come to be loved. The building learns from the occupants, and they learn from it.” (Brand, 1994, p.23). Salientamos então a transformação e análise de um determinado lugar ao longo do tempo como critérios relevantes para o conhecimento e interpretação do espaço numa procura pela identidade.

Outro teórico que aborda o espaço, as *intenções e o significado da arquitetura* é Norberg-Schulz (1994, 1996, 1998). Na sua investigação, este teórico procura compreender a fenomenologia do lugar, defendendo que este conceito está intrinsecamente associado a uma determinada arquitetura, paisagem e ambiente específico (figura 34). Logo, os espaços são lidos como únicos: “Un luogo è uno spazio dotato di un carattere distintivo.” (Norberg-Schulz, 1996, p.5)⁴⁸.

Segundo o autor, a compreensão de um lugar implica um conhecimento do seu “significato esistenziale” (Norberg-Schulz, 1994, p.222)⁴⁹. Isto é, o ambiente deve-se analisar a partir da imagem e forma que o lugar transmite, sendo necessário observar tanto os elementos constituintes do espaço, como as relações existentes no meio. Na medida em que cada lugar é definido por fenómenos, arquiteturas concretas (figura 35) e respetivas relações, é necessário entender a participação que cada um destes elementos tem na vida quotidiana. Deste modo, Norberg-Schulz (1994) foca como relevante para a análise os fatores que contribuem para a perceção do espaço urbano: os lugares centrais de um determinado espaço, as possibilidades de percurso no meio ou as diferenças entre zonas habitáveis. Numa escala mais específica, aborda agentes como a abertura do espaço, a luminosidade, a dimensão, entre outros. Percebemos, assim, que a definição de um lugar consiste na perceção do contexto e relações a este associados: “[...] il significato di qualsiasi fenomeno è il contesto in cui esso appare, e che ogni uomo è la somma dei rapporti o dei significati a lui accessibili.” (Norberg-Schulz, 1994, p.222).

Descritas as características que compõem cada lugar e, sendo estas o que confere uma singularidade ao meio, importa referir, uma vez mais, a classificação de *simbolo*⁵⁰ com que Norberg-Schulz (1998)⁵¹ define estes objetos e imagens. A definição advém do facto de existir uma diversidade de arquiteturas, a que se associam múltiplas formas e relações, que variam consoante o lugar, fazendo com que se crie um “meio”: “[...] la architettura controla e regula las relaciones entre ele hombre y el ambiente. Participa, por lo tanto, en la creación de un ‘medio’ [...]” (Norberg-Schulz, 1998, p.71). Os lugares tornam-se, assim,

⁴⁸ Edição original de 1979.

⁴⁹ Edição original de 1974.

⁵⁰ Teoria abordada anteriormente no subcapítulo 1.1.

⁵¹ Edição original de 1967.

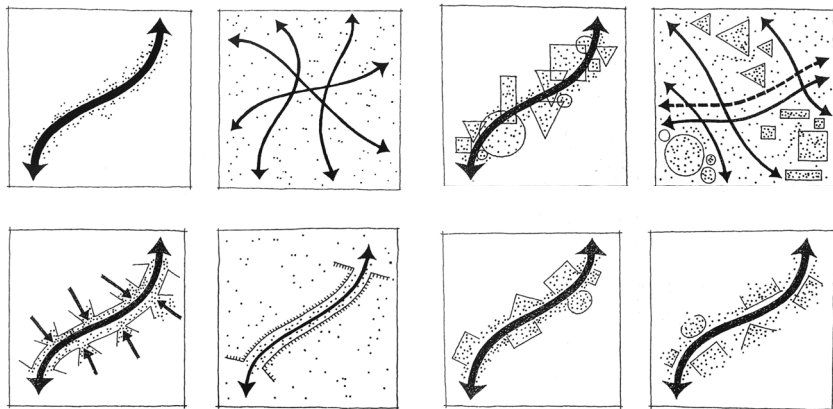
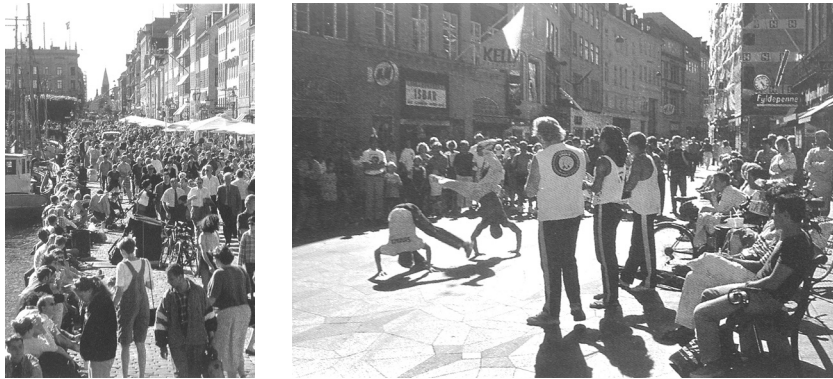
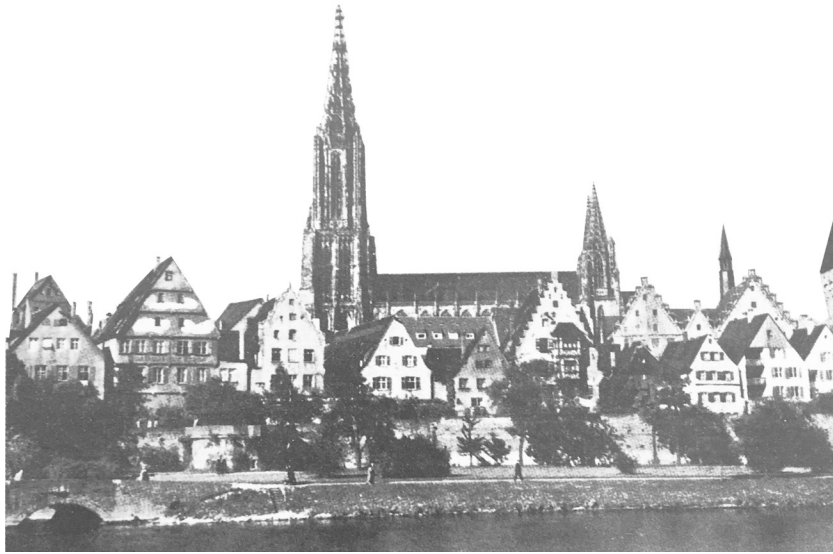


Figura 36. Dominancia. Ulm con la Catedral y las casas medievales.
(Norberg - Schulz, 1998, p. 217)

Figura 37. Mejoras cualitativas: en las calles de la ciudad, Copenhague.
(Gehl, 2006, pp. 36, 40)

Figura 38. Proyectos de ciudad y de conjuntos: agrupar o dispersar, integrar o segregar, atraer o repeler, abrir o cerrar.
(Gehl, 2006, pp. 93, 113, 125, 133)

reconhecíveis pelas especificidades dos seus elementos (figura 36).

Percebemos assim que, tanto as características da arquitetura criam um marco reconhecível no espaço pela função que os edifícios desempenham como, simultaneamente, se cria um marco social pela forma como as pessoas se apropriam do meio e o utilizam. Uma vez que, sem um lugar o Homem não tem espaço para habitar e sem o Homem o construído não tem utilidade, a existência dos dois é essencial para a composição da urbanidade. É pela singularidade destes elementos e pelas dinâmicas conseguidas entre os dois polos que compreendemos a identidade: “L’identità di un luogo è determinata dalla collocazione, dalla configurazione spaziale generale e dalle caratteristiche dell’articolazione.” (Norberg-Schulz, 1996, p.179). Podemos assim concluir que através de Norberg-Schulz, pela análise da espacialidade e génese do lugar que desenvolve, é possível perceber a identidade de um meio.

Num prisma direcionado para habitabilidade do espaço urbano, referimos novamente Jan Gehl (2006)⁵², uma vez que procura compreender as relações existentes e vividas entre os edifícios. Na sua investigação afirma que a qualidade do meio promove a vida em sociedade (figura 37), logo, percebemos que para o autor o foco na vivência é essencial numa análise da urbe, dado que interfere com o meio: “La vida entre los edificios: una de las atracciones más importantes de la ciudad.” (Gehl, 2006, p.37).

As vivências são então interpretadas por Gehl (2006) de acordo com o motivo da sua ocorrência⁵³ e, conseqüentemente, distinguidas em relação à sua intensidade⁵⁴. Estas variações da utilização do espaço fazem com que cada lugar tenha uma determinada habitabilidade. A delimitar estas relações do Homem estão as posições do edificado que criam variadas áreas, podendo ser: mais abertas ou fechadas, promover dinâmicas no meio ou eliminando-as, integrando a vida de edifícios para o exterior ou segregando as áreas, criando zonas de circulação ou de paragem (Gehl, 2006, pp.113, 125, 133, 143) (figura 38). Podemos então concluir que, para o autor, a vivência do lugar deve ser lida em consonância com uma perceção da forma, e interpretando a relação dos comportamentos existentes no meio, de modo a ser possível entender o ambiente em estudo.

⁵² Edição original de 1971.

⁵³ Análise abordada no subcapítulo 1.1. As atividades que ocorrem no espaço podem ser de carácter “necessário” (obrigatórias no decorrer da vida quotidiana), “opcionais” (possibilidade de escolha) e “resultantes ou sociais” (não dependem exclusivamente de um agente e do meio, mas sim da relação com outros utilizadores do espaço).

⁵⁴ A distinção a nível da intensidade consiste nas diferenças de relação que podem ocorrer nas atividades, podendo ser respostas a estímulos, formas de contacto ou partilhas de espaço.



Figura 39. Seagram, Nova Iorque, Estados Unidos da América.
(<http://better-waterfront.tumblr.com/page/3>)

Ainda no campo da habitabilidade do espaço urbano e análise da vida nos lugares, importa ter em conta, como referido no capítulo anterior, o pensamento de Jane Jacobs (1993)⁵⁵ que defende a cidade como um lugar habitável e direcionado para as pessoas. Esta autora reforça, tal como outros teóricos, a importância do lugar enquanto meio livre a nível cultural e diversificado a nível populacional, referindo que estas características são elementos importantes a considerar aquando do pensamento sobre uma área urbana.

Numa perspetiva de conhecer o meio através da *vida social no espaço urbano*⁵⁶, William Whyte (2001)⁵⁷ realiza um estudo com o intuito de compreender como cada espaço funciona e o porquê da sua maior utilização, variedade de constituintes ou frequência de determinados utilizadores. Como metodologia de análise, recorre à observação de diferentes ambientes para a compreensão da sua dinâmica. O autor realiza então um estudo do geral para o particular, em que, parte da vida nas praças (figura 39), passando por diversas zonas urbanas, até averiguar o mais pequeno fator como os fenómenos naturais, vento, sol, água e árvores que, à sua maneira, influenciam o meio.

Da perceção que obteve através da sua investigação, Whyte (2001) concluiu que cada meio deve ser observado na relação com os elementos a si adjacentes, uma vez que, sendo a vida essencial nos espaços não construídos, esta é diretamente influenciada pela funcionalidade dos edifícios a si associados. Podemos assim afirmar, com base no estudo do autor que, qualquer espaço urbano permite a interação entre os habitantes: “The street itself was the play area.” (Whyte, 2001, p.12), independentemente da sua dimensão ou funcionalidade.

Outro método distinto para a compreensão dos espaços é através de mapas psicogeográficos, introduzidos por Guy Debord (1957). Estes surgem como um processo de desconstrução, expressando-se como oposição à convencional cartografia, por um grafismo que pretende transmitir situações, isto é, uma composição onde se observam os espaços e relações entre comportamentos, interpretadas segundo as emoções de um utilizador:

“Psychogeographical research, ‘the study of the exact laws and specific effects of geographical environments, whether consciously organized or not, on the emotions and behavior of individuals.’”(Debord, 1957, p. 9).

⁵⁵ Edição original de 1961.

⁵⁶ Título original *The Social Life of Small Urban Spaces*.

⁵⁷ Edição original de 1980.

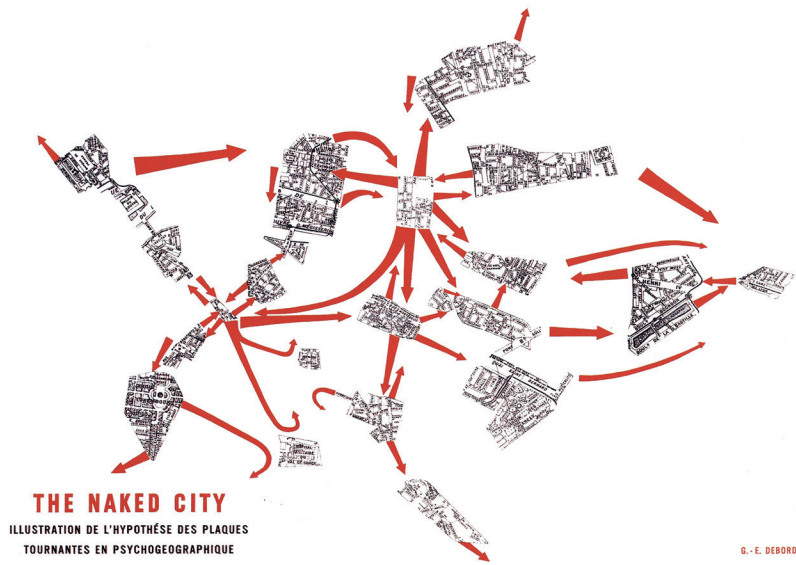


Figura 40. Naked City, Guy Debord.
(<https://lipstickspoon.wordpress.com/2014/04/14/the-naked-city-guy-debord-1957/>)

A morfologia representativa utilizada neste método de representação pretende comunicar as interconexões e vivências do meio, perceptíveis através da deriva no espaço. Assim, cada mapa intenta transmitir um percurso e expor os motivos e sensações que o ambiente urbano cria nas pessoas. É exemplo deste sistema de representação o mapa situacionista de Guy Debord, denominado *Naked City*⁵⁸ (figura 40). O desenho, através do destaque de partes da cidade e da interligação destas unidades por setas, que correspondem a eixos de passagem ou direções, caracteriza, assim, Paris à luz dos moradores. Este tipo de mapas permite, então, uma leitura dos comportamentos e conectividade do espaço bem como da identidade de lugares específicos.

Tendo como base os conceitos e os diversos métodos de estudo propostos pelos variados autores apresentados previamente, propomos uma metodologia de análise para a interpretação da identidade através do objeto de estudo, o bairro. No subcapítulo seguinte será feita a apresentação da matriz multidimensional, os respetivos tipos de análise a considerar e a forma de os representar graficamente.

⁵⁸ Mapa psicogeográfico situacionista representativo da cidade de Paris, realizado por Guy Debord (1950) e apresentado na primeira exposição internacional sobre o tema 'Première exposition de psychogéographie'.

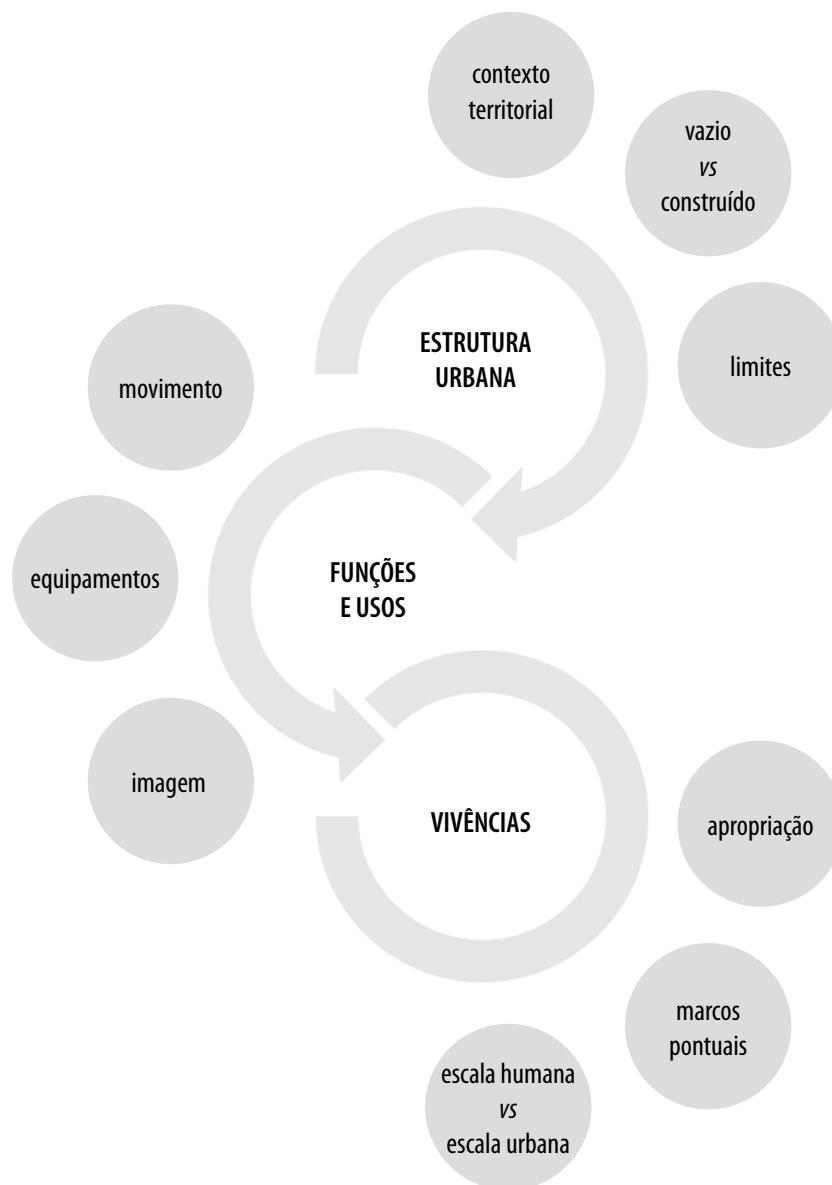


Figura 41. Esquema da análise metodológica proposta.
(autoria própria)

UMA METODOLOGIA APLICADA AO BAIRRO 2.2

Dados os vastos campos de investigação e metodologias de análise do espaço urbano, constatados no subcapítulo anterior, surge a necessidade de focar alguns elementos tidos como mais relevantes para abordar a especificidade da identidade na área do bairro. Realizou-se, assim, uma leitura interpretativa dos conhecimentos obtidos e relação entre autores, de modo a ser possível propor um método de investigação adequado ao objeto de estudo. Seguidamente apresentar-se-á a matriz multidimensional construída, com os respetivos tipos de análise a considerar e a forma de os representar graficamente.

Para além de utilizar a matriz como método de estudo dos bairros, na nossa perspetiva, o conhecimento *in loco* deste meio por parte do observador é também essencial. Deste modo, indissociável da metodologia que seguidamente propomos, introduzimos a viagem ou visita ao bairro como uma parte fundamental da investigação. Este método de análise permite conhecer, pela experiência pessoal, os diferentes elementos que caracterizam o bairro, possibilitando, numa fase posterior, a aplicação da matriz proposta. Com efeito, pelo facto de se estar no espaço concreto do qual procuramos definir a identidade, ao podermos circular pelos diferentes lugares, falar com os residentes, observar os diversos constituintes do meio e habitar os mais variados espaços que compõem o bairro, podemos, de uma forma mais fundamentada, concluir sobre a identidade do aglomerado urbano em foco. Logo, o conhecimento local é altamente relevante na análise da identidade do bairro.

Partindo do conhecimento e perceção do bairro como um organismo vivo, isto é, um espaço que está em constante atividade, cuja definição se caracteriza por uma variedade de causas e onde as metamorfoses do espaço ocorrem por diversos motivos, viu-se como relevante dividir a investigação numa forma tripartida, agrupando as características de análise mais específicas em dimensões de estudo mais gerais (figura 41). Propõe-se assim

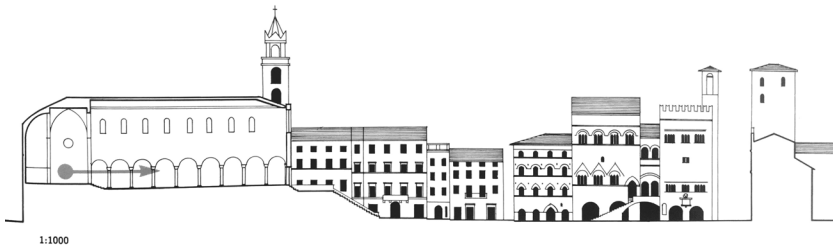


Figura 42. The approach.
(Bacon, 1995, p.96)

Figura 43. The arrival.
(Bacon, 1995, p.97)

Figura 44. Basic design structure.
(Bacon, 1995, p.98)

uma metodologia que parte da compreensão da **estrutura urbana**, a que se segue o estudo das **funções e usos** do espaço em foco, terminando nas **vivências** do lugar, como uma forma de relação mais direta com o local.

A metodologia proposta parte dos critérios de estudo de Edmund Bacon (1995)⁵⁹ no que respeita à análise conceptual de um espaço urbano. No entanto estes fatores serão adaptados e complementados com outros tipos de análise realizadas também por outros autores, de modo a ser possível propor uma matriz para a investigação da identidade a nível do bairro, como é pretendido nesta dissertação.

Focando primeiramente a pesquisa de Bacon (1995), esta consiste na análise da Piazza del Popolo em Todi⁶⁰, onde são expostos variados fatores que, não só compõem o espaço, como também examinam e representam realidades de vida urbana, essenciais para a compreensão do meio. Bacon (1995) investiga, de forma sequencial, a percepção que se obtém do espaço em diversos momentos: durante o processo de aproximação à praça, “the approach” (Bacon, p.96, 1995) (figura 42), que permite um reconhecimento do espaço a partir do exterior; na chegada à área central, “the arrival” (Bacon, p.97, 1995) (figura 43), onde se observam as diferentes habitabilidades do meio; e pelo estudo da estrutura do desenho do lugar, “basic design structure” (Bacon, p.98, 1995) (figura 44), que analisa a partir da representação dos diferentes constituintes do espaço e a sua forma. Tendo esta investigação como referência, reforçamos que é crucial abordar vários tipos de componentes e realidades do espaço, de modo a ser possível entender a morfologia do lugar. Apenas assim é possível realizar uma caracterização concreta do meio e, conseqüentemente, poder concluir de forma fundamentada sobre a identidade do bairro.

Clarificando a matriz proposta começamos pela dimensão da **estrutura urbana**, que se apresenta como uma visão geral sobre o lugar. Esta abordagem pretende fazer uma leitura do lugar como espaço global, isto é, efetua-se uma análise do desenho urbano e da localização do bairro, de modo a entender não só o caso de estudo, mas também de que forma como este se integra e relaciona com o envolvente. Faz-se, por isso, uma observação sobre a área do bairro de um ponto de vista geral, partindo de uma perspectiva mais afastada para, posteriormente, nas outras dimensões de análise, focar as particularidades de cada bairro e dos seus constituintes mais concretos.

⁵⁹ Edição original de 1969.

⁶⁰ Estudo de Edmund Bacon (1995) sobre “The structure of the square.” (Bacon, 1995, p.95), desenvolvido aprofundadamente no subcapítulo 2.1.



Figura 45. Evolution of Bath 1962, 1735, 1765, 1810.
(Bacon, 1995, pp.184 - 185)

Outra dimensão da análise é a das **funções e usos** do espaço. Como o nome indica, este momento surge como uma parte mais analítica de compreensão do bairro através dos constituintes do desenho urbano, sendo a concretização do estudo realizado através de diagramas e desenhos formais. A análise consiste, assim, na apresentação de todas as partes nomeáveis de forma qualitativa e quantitativa do bairro, considerando-se os diferentes componentes presentes no espaço, a sua repetição ou mesmo a sua inexistência como método para a caracterização do lugar.

A última dimensão é definida como **vivências**. Tal como é perceptível pela sua nomenclatura, procura interpretar a vida no ambiente construído, promovida pela relação destes elementos com os utilizadores. A intenção deste campo da investigação está direcionada para a vida existente no bairro em foco, ou seja, a habitabilidade do meio nos espaços comuns, exteriores e interiores e as relações a estes associadas. O foco desta dimensão recai assim sobre a perceção do espaço que, sendo definido por inúmeros elementos singulares, permite a existência de vivências que caracterizam a identidade do lugar.

Apresentadas as três dimensões gerais da matriz de análise, importa clarificar cada uma através dos seus constituintes mais específicos. Aprofundamos então, cada área de investigação recorrendo a três características mais concretas, as suas subdimensões.

ESTRUTURA URBANA

Visando a primeira parte da metodologia, uma análise do lugar de uma perspectiva global, procurando o conhecimento do espaço urbano onde se insere o bairro, definimos como primeira subdimensão o **contexto territorial**.

O conhecimento deste fator é entendido como essencial, uma vez que para a adequada identificação da identidade do bairro, é fundamental conhecer o contexto e a zona onde este se insere. Simultaneamente, realiza-se um reconhecimento do lugar através da sua história e evolução (figura 45), com o intuito de perceber os motivos de assentamento ou estabilidade numa determinada época, dado que podem ser caracterizadores de uma marca ou imagem que o conjunto edificado pode transmitir, sendo esta explorada nas características apresentadas posteriormente.

Para além de compreender a implantação territorial e a história associada ao bairro em estudo, esta componente da análise permite abordar as transformações que o espaço e os edifícios sofreram ao longo dos tempos. Tal como referimos previamente, partindo

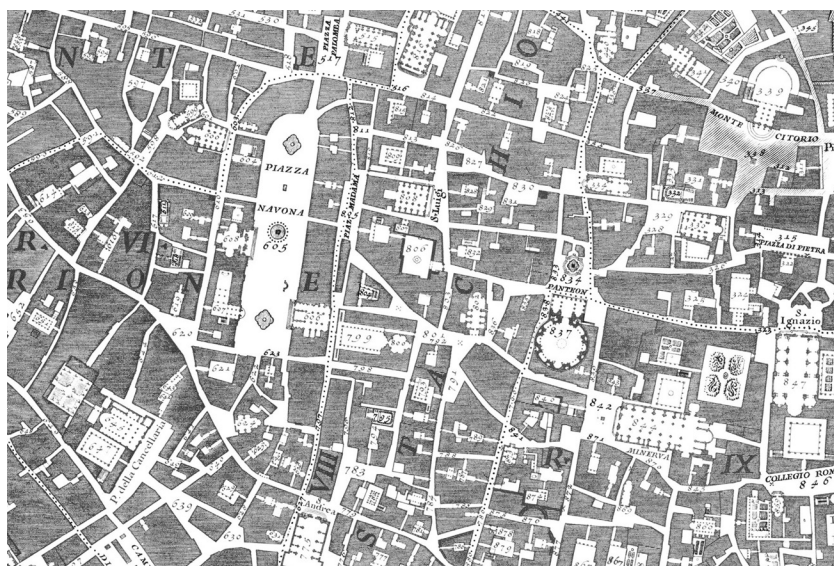


Figura 46. Planta de Roma, Noli.
(<http://www.bifurcaciones.cl/2015/05/editorial-19/>)

da noção que os espaços e os seus respetivos constituintes são adaptáveis, concluímos que estes podem sofrer metamorfoses. Logo, torna-se possível reconhecer e associar uma marca no construído relativa a um momento concreto do desenvolvimento do lugar, sendo assim possível caracterizar uma parte da sua identidade.

Para interpretar estas características, como elemento iconográfico, recorre-se à comparação de imagens e plantas de determinadas épocas, de forma a que seja possível confrontar a evolução e estado atual do bairro em estudo.

Se é necessário compreender o território para interpretar o lugar, é também essencial estudar a forma e os espaços urbanos para definir a estrutura do bairro. Introduzimos assim a segunda subdimensão, denominada **vazio vs construído**. Esta destina-se à análise do desenho do espaço, isto é, as relações entre os edifícios e como estes se articulam e geram aberturas na malha.

Partindo do princípio que, a multiplicidade ou monotonia de formas é algo que enriquece e caracteriza um espaço, vê-se como essencial compreender as distintas expressões que por estas são transmitidas. O vazio vs construído consiste, então, na observação do espaço em dois níveis: ao nível do piso térreo, onde se confrontam os elementos construídos com os vazios que permitem a circulação e vivência, como ruas ou praças; e ao nível superior dos edifícios, onde a partir do desenho e forma do edificado se comparam as diferentes volumetrias e alturas dos elementos construídos.

A justificar os dois níveis de leitura do espaço mencionamos, uma vez mais, Bacon (1995)⁶¹ pelos fatores que define como partes integrantes do todo arquitetónico: “meeting the sky” e “meeting the ground”. E, para além deste autor, o estudo da forma e desenho das praças, pensados como espaços vazios, é reforçado também pela investigação de Sitte (1990)⁶² relativa aos princípios de composição de um lugar⁶³. Pois este defende os espaços construídos e vazios como um todo que se deve ler numa articulação contínua.

Como meio de leitura destas realidades do espaço recorremos a plantas de cheios e vazios (figura 46). Estas, permitem a compreensão da densidade de cada lugar e respetivas formas, sendo assim a forma de representação desta característica. Consideramos, deste modo, que através desta subdimensão é possível conhecer a variedade ou homogeneidade do espaço urbano em estudo.

⁶¹ Critérios desenvolvidos mais aprofundadamente no subcapítulo 2.1.

⁶² Edição original de 1980.

⁶³ Conceito desenvolvido mais aprofundadamente no subcapítulo 2.1.



Figura 47. Plastico di Praga con arteria principale.
(Norberg-Schulz, 1996, p. 86)

Figura 48. Carrer de Ferran, Barcelona.
(autoria pr3pria)

Ainda sobre a urbanidade do bairro, como última subdimensão da estrutura urbana, surgem os **limites** e relação com o envolvente. Procura-se assim aferir possíveis diferenças, barreiras ou continuidades existentes na zona de transição do interior do bairro para o exterior, seja a nível da malha urbana, pavimento, forma, imagem do edificado, ou outros componentes que se possam considerar como relevantes para o caso em estudo.

A nível iconográfico esta subdimensão constata-se através de plantas onde se leia o bairro e respetivo limite, fotografias e perfis que procurem averiguar a existência ou não de diferenças do interior do bairro com as suas extremidades (figura 47).

Descrita a primeira dimensão da matriz proposta e, respetivas subdimensões, percebemos a necessidade de se considerar esta área como ponto de partida para abordar a identidade do bairro de uma forma completa. Pois, apenas através do conhecimento da estrutura urbana do objeto de estudo, se considera pertinente aprofundar características mais particulares, como é o caso das funções e vivências do espaço.

FUNÇÕES E USOS

Nesta fase da metodologia, como referido previamente, a investigação incide sobre as partes nomeáveis do bairro. Tal como é sugerido pela sua denominação, **funções e usos**, as subdimensões que se inserem neste grupo apresentam as características mais relevantes do bairro em estudo, os seus constituintes específicos ou particularidades que possam ser identificáveis, de modo a clarificar a identidade do lugar.

Considera-se, como primeira característica associada às funções e usos, o **movimento**, mais concretamente, procura-se compreender a circulação do Homem no meio urbano. Vê-se como relevante abordar esta subdimensão, uma vez que, pela observação do movimento, podemos perceber a utilização ou abandono de determinadas zonas, o diferente carácter das ruas ou, até mesmo, entender a importância de alguns edifícios, pela sua capacidade de promover a circulação ou a permanência no lugar. Conseguimos, assim, associar um carácter identitário ao espaço do bairro promovido pelos movimentos nele existentes.

A leitura de todas estas variantes pode ser realizada através de esquemas de circulação, representação de percursos e pavimentos, esquemas de permanência ou movimento e fotografias que permitam confrontar as permeabilidades e usos do espaço urbano em estudo (figura 48).

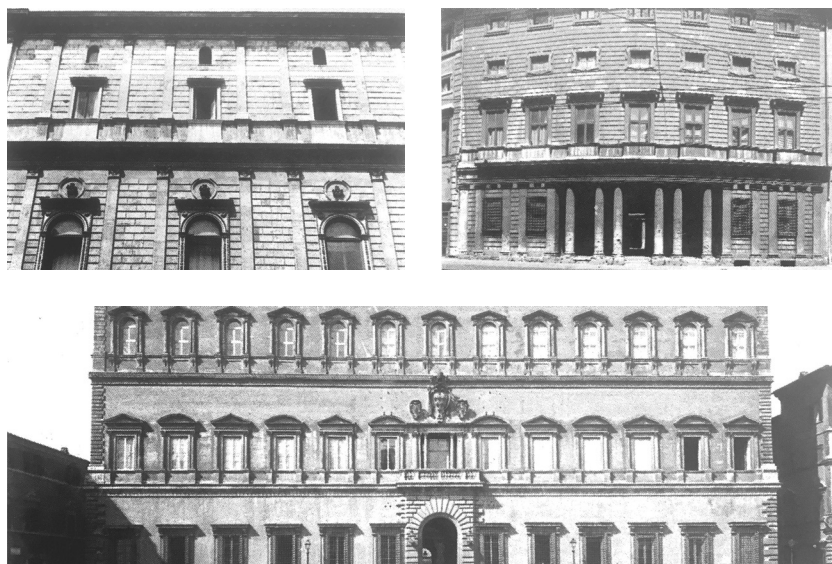


Figura 49. Palazzo della Cancelleria; Palazzo Massimo del Peruzzi; Palazzo Farnese di A. da Sangallo e Michelangelo.
(Norberg-Schulz, 1996, p. 157)

O segundo momento de análise desta dimensão procura representar as diferentes funções dos edifícios. Esta subdimensão denomina-se, assim, como **equipamentos**, uma vez que estuda os diferentes tipos de edifícios existentes no bairro, cujo programa é destinado ao serviço à comunidade. Pretende-se, neste ponto, elencar os serviços presentes no bairro, distinguindo-os através da sua função, de que são exemplos: serviços hoteleiros, comerciais, religiosos, culturais, desportivos, entre outros.

A importância deste fator como elemento caracterizador de identidade advém do facto que, uma determinada predominância ou inexistência de um tipo de equipamento pode contribuir para a caracterização do bairro pela forma como influencia o ambiente e a utilização dos espaços nele existentes. Para constatar estas especificidades, a nível gráfico, recorrem-se a plantas de equipamentos onde, pela observação da malha do bairro, se distinguem os edifícios de serviços e as respetivas funções.

Por último, como interpretação e conhecimento do lugar através de uma possível marca, introduzimos a **imagem** do edificado. Nesta subdimensão procuram-se interpretar tanto as características visuais do ambiente construído, que permitem uma leitura do edificado enquanto espaço global visualmente semelhante ou diversificado, como a utilização que os edifícios possam apresentar, uma vez que a predominância ou falta de uma determinada função pode também ser um fator representativo para a leitura das características imagéticas de um determinado bairro.

Tal como Norberg-Schulz (1994)⁶⁴ defende, o ambiente define-se a partir de uma perceção visual que é gerada por fenómenos e arquiteturas concretas⁶⁵. Logo, importa investigar estes constituintes que compõem cada lugar, uma vez que são um meio para o conhecer e, conseqüentemente para o caracterizar. Observamos então, através de fotografias interpretativas, as marcas visuais singulares e elementos simbólicos que o bairro pode ter (figura 49).

Enumeradas as funções e usos a estudar em cada bairro percebemos como estas especificidades podem contribuir para interpretação desta área de estudo. Através dos distintos equipamentos, movimentos no espaço, ou pela imagem que o meio transmite, podemos reconhecer diversos elementos que, por serem distintos e específicos daquele lugar contribuem para a definição da identidade do bairro.

⁶⁴ Edição original de 1974.

⁶⁵ Conceito apresentado com maior desenvolvimento no subcapítulo 2.1.



Figura 50. Vivências do Homem no espaço urbano: Passeig de Colom; Moll de les drassanes; Plaça Reial. (autoria própria)

VIVÊNCIAS

A última dimensão da matriz proposta, numa perspetiva distinta, mas complementar das componentes previamente descritas, destina-se ao estudo das **vivências**. Este nível da análise, através de uma abordagem mais interpretativa do meio, explora a vida existente no ambiente construído, uma vez que as características a este associadas têm um teor mais subjetivo.

A primeira subdimensão deste campo de análise denomina-se como **apropriação**. A consideração deste fator enquanto elemento da matriz é essencial porque, apesar de ser a forma do edificado o que define o espaço urbano, é com as pessoas que este se torna efetivo e habitado. Assim, interpretar o modo como o meio é vivido, como se utilizam os lugares predestinados para a vida em comunidade ou como se adaptam determinadas áreas para um fim social são elementos considerados como relevantes para o entendimento do bairro enquanto espaço urbano, uma vez que são locais onde ocorrem vivências.

Referimos então Jane Jacobs (1993)⁶⁶ que, tal como apresentado anteriormente, é uma grande defensora da presença das pessoas no meio e vê com enorme importância para o espaço o facto de existirem relações entre a sociedade e o ambiente construído. Neste sentido, dada a valorização que esta autora faz da interação entre o Homem e o espaço, bem como pela relevância igualmente reconhecida por outros autores, previamente apresentados, sustentamos a necessidade deste parâmetro de análise para o estudo da identidade do bairro.

Iconograficamente, para ler as diversas apropriações do meio, propomos a utilização de imagens que expressem as diferentes apropriações do espaço urbano por parte dos utilizadores (figura 50). Procura-se, deste modo, conhecer a multiplicidade de vivências que os espaços podem ter, independentemente de serem projetados para uma função específica ou de a desempenharem pela apropriação que os utilizadores fazem do meio.

Num outro prisma, o do edificado, é importante também perceber as singularidades de alguns elementos construídos, considerando como segunda subdimensão os **marcos pontuais**. Neste momento, o objetivo da análise visa compreender os constituintes que se destacam, que marcam e que criam uma singularidade no espaço.

Edifícios característicos, praças que rompem malhas, espaços invulgares que se tornam pontos de encontro, confrontos entre épocas e meios de construção são alguns dos exemplos como o edificado pode criar tensões entre si e definir zonas variadas ao longo da urbe. A

⁶⁶ Edição original de 1961.

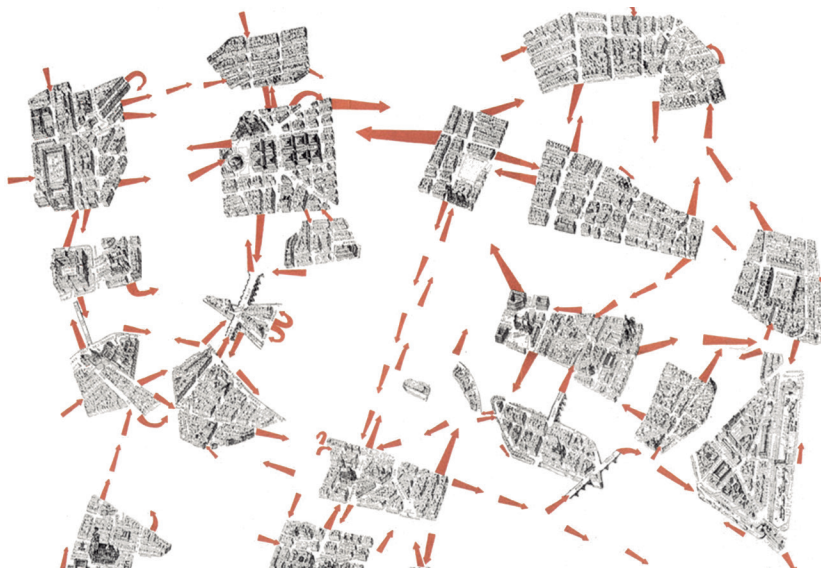


Figura 51. Global city.

(<https://pt.depositphotos.com/77281296/stock-illustration-world-skyline-detailed-silhouette.html>)

Figura 52. Guide psychogéographique de Paris: Discours sur les passions de l'amour, par G. E. Debord.

(<http://objects.avant.org/bonus-levels/5e6fa476-c5ec-40ca-6f93-8ff018271d14.jpg>)

presente subdimensão vê-se, assim, como relevante, uma vez que estes elementos podem promover um determinado tipo de reações nas pessoas sendo o que, conseqüentemente, estimula ou retrai a habitabilidade dos espaços.

Camillo Sitte (1990b)⁶⁷, pela análise que faz às praças e edifícios a estas associados, apresenta estes elementos como fatores de grande importância no meio da malha urbana⁶⁸, justificando, assim, a necessidade de os interpretar enquanto momentos pontuais do bairro. Deste modo, na presente subdimensão, procuramos entender a forma como os constituintes singulares do espaço se inserem na globalidade do bairro. Sendo partes que integram o todo, a representação que se propõe é feita através do recurso a fotomontagens (figura 51), onde se destacam os componentes singulares existentes em cada bairro. Desta forma é possível analisar estes constituintes enquanto marcos e, simultaneamente, interpretar as vivências que estes estimulam ou limitam.

Como forma de sintetizar todos os fatores que caracterizam o espaço, a generalidade do edificado, os marcos pontuais e as relações que cada um destes componentes tem com os utilizadores do bairro introduz-se a última subdimensão, a **escala humana vs a escala urbana**. Da relação entre estes dois pontos procura-se entender a dinâmica existente entre o espaço urbano e os edifícios a estes associados, com as pessoas que nele habitam. Concretamente procuramos abordar a afinidade entre o(s) utilizador(es) e o espaço utilizado.

Dado este ser um campo mais abstrato e de conclusões mais subjetivas, como forma de o concretizar, propõe-se uma representação que se baseia nos mapas psicogeográficos⁶⁹ de Guy Debord (1957). Ou seja, transporta-se para o desenho a conexão entre o Homem e os edifícios bem como a forma como estes dois pólos se relacionam, salientando-se através de esquemas os espaços considerados como mais importantes no bairro e as respetivas relações que estes têm uns com os outros (figura 52). Importa referir nesta subdimensão a necessidade do conhecimento do bairro em estudo a partir de uma experiência *in loco* por parte do observador que o analisa. Porque, sendo esta uma análise interpretativa e mais pessoal, para ser possível a sua concretização é essencial que se conheça o ambiente por uma experiência própria de quem percorreu o espaço e o vivenciou.

A partir desta interpretação do espaço e, pela contribuição que cada uma das subdimensões previamente expostas tem para a compreensão da identidade, podemos concluir que é através das dinâmicas entre espaço urbano e a intervenção humana que se

⁶⁷ Edição original de 1889.

⁶⁸ Teoria exposta mais aprofundadamente no subcapítulo 2.1.

⁶⁹ Método de análise introduzido por Guy Debord (1957) explicitado mais aprofundadamente no capítulo 2.1.

DIMENSÃO	SUBDIMENSÃO	REPRESENTAÇÃO
ESTRUTURA URBANA	CONTEXTO TERRITORIAL	imagens históricas; plantas territoriais
	VAZIO vs CONSTRUÍDO	planta de cheios e vazios
	LIMITES	planta; perfis; imagens aéreas
FUNÇÕES E USOS	MOVIMENTO	planta de vias; fotografias tipos de ruas
	EQUIPAMENTOS	planta de equipamentos
	IMAGEM	fotografias da imagem arquitetónica do edificado
VIVÊNCIAS	APROPRIAÇÃO	fotografias da habitabilidade dos espaços
	MARCOS PONTUAIS	fotomontagem com edifícios de destaque no bairro
	ESCALA HUMANA vs ESCALA URBANA	esquema habitabilidade

Figura 53. Esquema representativo da matriz de análise com as dimensões, subdimensões e respetiva representação. (autoria própria)

concretiza a identidade transmitida pelo bairro.

Apresentada a matriz (figura 53), pelas suas diferentes dimensões e subdimensões, representações gráficas, bem como pelas referências conceituais e bibliográficas que a sustentaram, prosseguimos para a sua aplicação de modo a ser possível caracterizar a identidade do bairro nos casos de estudo seleccionados.

3 BAIROS EM BARCELONA 03
análise da(s) sua(s) identidade(s)

O bairro como objeto de estudo, tal como justificado anteriormente, surge pela sua definição⁷⁰ através de duas características: a abrangência, uma vez que é um espaço definido por diversos elementos; e a singularidade, dado que se associam ao espaço construído, dinâmicas concretas que variam para cada lugar. Com o intuito de concretizar a investigação, importa selecionar casos de estudo que possibilitem uma análise concreta da identidade na área do bairro.

Para uma interpretação do conceito de identidade aplicado ao bairro, e pretendendo-se uma abordagem aprofundada, optou-se por observar mais do que um caso de estudo. Este facto permite tanto uma análise de cada exemplo em específico, como também uma comparação dos diferentes resultados e realidades, fazendo com que as possíveis conclusões sejam mais robustas. No entanto, para que o confronto entre os exemplos escolhidos seja válido, para além de os analisar segundo a mesma metodologia⁷¹, é essencial que os casos de estudo possuam tanto variações como critérios comuns, tornando assim possível a sua comparação. Definimos três critérios que os bairros a considerar como casos de estudo têm necessariamente que apresentar, sendo clarificados de seguida:

Partindo da aceção de bairro exposta anteriormente⁷² que considera estas áreas urbanas como espaços concretos inseridos na malha da cidade, o primeiro critério definido é a **existência de limites**. Isto é, os bairros a considerar para a análise têm que apresentar limites visíveis que o destaquem do meio em que se inserem, entendendo-se por limite a diferença existente entre a extremidade do bairro e a zona envolvente. Assim, direcionamos a escolha dos casos de estudo para aglomerados urbanos onde sejam perceptíveis divergências nas suas fronteiras, sejam estas constatadas: pelo desenho urbano, onde a forma do interior para o exterior pode variar; pela existência de uma via circundante de maior dimensão; ou pela diferença entre a imagem arquitetónica transmitida pelo bairro e pela sua envolvente.

Numa leitura do objeto de estudo enquanto espaço coletivo, o segundo critério é representado pelas **características do edificado enquanto espaço coeso**. Este critério direciona então a escolha dos bairros para exemplos nos quais os edifícios transmitam uma imagem global lida como homogénea. Esta caracterização pode ser visível quando os elementos construídos se enquadram num determinado tempo arquitetónico ou quando a generalidade do edificado apresenta uma determinada forma, permitindo um reconhecimento do lugar enquanto ambiente uno e possibilitando, desde logo, a perceção

⁷⁰ Definição de bairro aprofundada por diversos autores no subcapítulo 1.2.

⁷¹ Metodologia de análise proposta para investigar a identidade no bairro, apresentada no subcapítulo 2.2.

⁷² Definição de bairro segundo vários autores para compreender o objeto de estudo, apresentada no subcapítulo 1.2.



Figura 54. Fotografia aérea de Barcelona com a localização de Barceloneta, Raval e Sant Antoni.
(<https://i.pinimg.com/originals/8d/02/ca/8d02ca50269f9b8dbada5bbceaeafd.jpg>)

do espaço através de uma identidade arquitetónica definida.

Sendo o objetivo da dissertação a compreensão da identidade no âmbito do bairro e as respetivas transformações que esta pode sofrer, importa garantir a presença de elementos contrastantes no espaço em foco. O último critério caracteriza-se, assim, por **intervencões existentes no bairro** que possam colidir com a ideia de todo por este transmitida. Consideram-se, deste modo, áreas urbanas onde existam elementos assumidamente diferentes da generalidade do ambiente construído, gerados pela sua forma ou época de construção. Através deste fator, torna-se possível abordar como é que a identidade que se associa a um determinado bairro se comportou e relacionou com um elemento exterior que pode ou não ter introduzido uma nova identidade.

Apresentados os critérios de seleção para a escolha dos casos de estudo, sendo estes bairros com: **limites definidos**, uma **caracterização do edificado coesa** e **elementos distintos** que contrastam com a imagem una transmitida pelo todo, chegamos a três bairros numa mesma cidade, Barcelona. A escolha desta metrópole surge por um conjunto de características que a urbe catalã possui: a dimensão, as diferentes marcas temporais e a organização territorial com que se apresenta. Neste sentido, a cidade de Barcelona permite dentro do mesmo espaço urbano analisar diversos bairros através das suas estruturas urbanas, funções e usos e vivências. Deste modo chegamos ao Raval, Barceloneta e Sant Antoni enquanto casos de estudo (figuras 54) que, estando integrados na cidade de Barcelona, são simultaneamente exemplos onde se verificam os critérios anteriormente definidos. Importa ainda referir que, apesar de a cidade ser a mesma e, existindo fatores transversais aos três bairros, estas características não determinam que a identidade associada a cada aglomerado urbano seja similar. Seguidamente iremos então proceder à análise de cada um dos casos através da matriz proposta previamente.

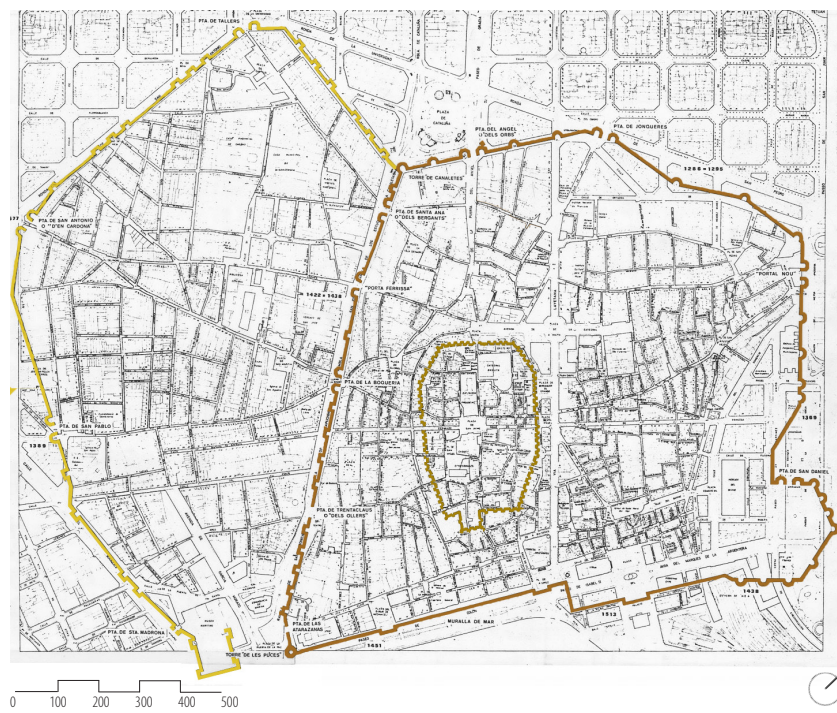


Figura 55. Evolução das três muralhas da cidade de Barcelona.
(<http://www.teguioenbarcelona.com/rutas/de-barcino-a-barchinona-ciudad-medieval/>)

OS CASOS DE ESTUDO NA CIDADE DE BARCELONA 3.1

Para uma análise fundamentada sobre a identidade de um lugar, tal como defendido anteriormente, é necessário conhecer o espaço que se pretende observar e os múltiplos constituintes que o compõem. Logo, entendemos como essencial abordar, ainda que de forma geral, a história do lugar, nomeadamente a sua origem e evolução, uma vez que, só através destes conhecimentos, é possível compreender e justificar determinadas características e elementos existentes no espaço nos dias de hoje.

Sendo os casos de estudo definidos como pertinentes e adequados para a análise da identidade no bairro situados na cidade de Barcelona, importa fazer um enquadramento destas áreas urbanas na cidade. Com esta primeira leitura pretende-se compreender a cidade de Barcelona, a sua evolução e a relação que cada um dos bairros tem no contexto urbano e época em que se contextualizam. Posteriormente, iremos estudar cada bairro a partir da metodologia de análise proposta, abordando a primeira subdimensão da estrutura urbana, definida como implantação e contexto territorial. Esta interpretação, tal como o enquadramento histórico na cidade, serão realizados em simultâneo, uma vez que os três bairros em análise se encontram todos na cidade de Barcelona.

Conhecer a história da atual capital da Catalunha implica olharmos para a sua origem, onde, sob o império romano, no século I a.C., se fundou o Barcino. A cidade de Barcelona, no seu período medieval desenvolveu-se dentro de muralhas que, pelo crescimento natural da cidade e necessidades da população, se foram modificando ao longo dos tempos. Importa assim destacar as três fases principais que se associam a ampliações dos limites da cidade (figura 55): a primeira muralha consistia num pequeno núcleo situado no centro do atual bairro Gótico, tendo a sua construção sido essencial para o desenvolvimento do que hoje conhecemos, uma vez que “[...] convirtió a la colonia en una ciudad fortificada



Figura 56. Plano da cidade de Barcelona.
(<http://jhenniferamundson.net/barcelona-medieval-walk/>)
Figura 57. Barcelona à vista de Pájaro 1862.
(<http://barcelonahistoriasdeltiempo.blogspot.com/2011/>)

[...]” (Bahámon e Losantos, 2007, p.14). Em redor desta área fortificada a cidade foi-se desenvolvendo e, pela necessidade de proteção do território existente até ao século XIII, deu-se uma ampliação da muralha. Assim, os *ravals*⁷³ existentes são incorporados neste novo recinto (Bahamón e Losantos, 2007, p.17), correspondendo aos atuais bairros Gótico e Born. A terceira muralha consiste na integração das zonas periféricas no recinto da cidade, dada a sua importância para o comércio da zona, pela frente marítima e comercial (Bahamón e Losantos, 2007, p.19). No século XIV, o equivalente ao atual bairro do Raval, onde se situavam os campos agrícolas, mosteiros e hospitais passou a incorporar a área interna de Barcelona, sendo este o último momento de delimitação da urbe por meio de muros.

Apesar do desenvolvimento de Barcelona não ter sido constante, tanto a nível populacional como territorial, chegado ao século XVIII dá-se uma transformação considerável, motivada pelo crescimento comercial e industrial da cidade catalã (Montaner, 1997, p.16). É neste momento que a área que a terceira muralha veio incluir passou a ser habitada, uma vez que, sendo proibida a construção extramuros, este era o único espaço livre para habitação (figura 56).

Sendo Barcelona uma cidade marítima, no ano de 1714 foi construída a *Ciutadella*. Esta fortaleza militar serviu não apenas como proteção da cidade, mas também como elemento de ostentação e riqueza: “Símbolo del domínio militar de Felipe V sobre la ciudad [...]” (Bahamón e Losantos, 2007, p.21). Para a construção deste marco foi necessário demolir o bairro da Ribeira, desalojando inúmeras pessoas que se estabeleceram provisoriamente em barracas na praia. Dada a emergente necessidade de um espaço digno de habitação para os pescadores desalojados, foi projetada, em 1753 uma nova zona denominada de Barceloneta (figura 57), “[...] el primer barri fora del recinte emmurallat de Barcelona.” (Trias, 2014, p.7).

A cargo do engenheiro militar Juan Martin Cermento foi, então, planeada uma nova forma de pensar a habitação e o urbanismo: “[...] racional, higiénico y repetitivo.” (Montaner, 1997, p.16). O desenho compunha-se por quinze ruas estreitas e paralelas entre si que onde se localizavam edifícios com apenas um piso, a fim de garantir a luminosidade e a higiene do espaço. No entanto, para responder ao crescente aumento demográfico, em 1886, foram erguidos novos blocos de habitação e acrescentados pisos aos edifícios existentes, aproximando a imagem construída de Barceloneta à que se reconhece hoje.

⁷³ Definição catalã para zonas periféricas, subúrbios.

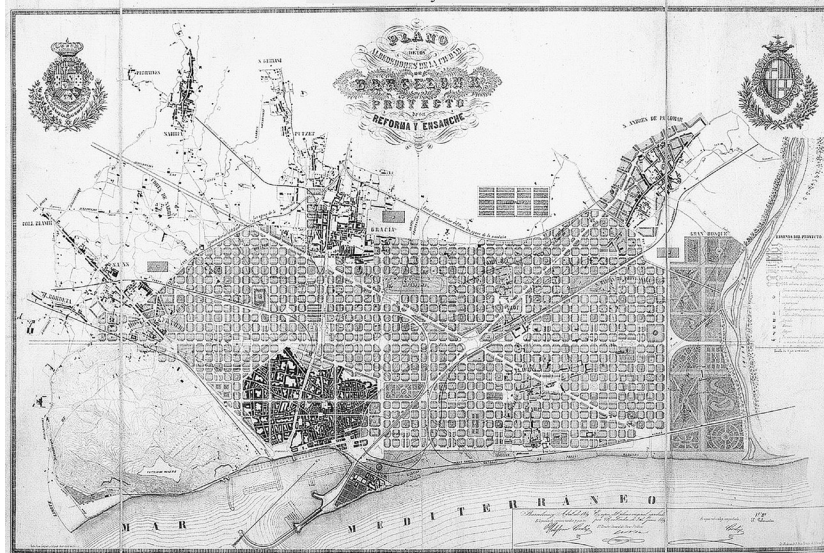


Figura 58. Plano da cidade e porto de Barcelona.

(<http://starforts.com/montjuic.html>)

Figura 59. Projeto de Reforma do Ensanche, Ildefonso Cerdà.

(<http://amatller.org/ca/casa-museo/antoni-amatller/origens/>)

Ao longo do século XIX foram muitas as transformações na cidade de Barcelona. Esta apresentava-se como uma área urbana desenvolvida, embora ainda sob um cadastro medieval (figura 58). A insalubridade era um problema gerado pelas ruas estreitas, carência de espaços abertos e sobrepopulação. Numa tentativa de combate às fracas condições de higiene, na primeira metade do século, realizaram-se variadas obras de revitalização da cidade histórica, tendo sido proibida a construção de fábricas dentro do recinto murado (Bahamón e Losantos, 2007, p.25). Consideradas as muralhas como uma limitação para a expansão e desenvolvimento da urbe catalã, em 1854, inicia-se o processo de demolição do recinto murado.

Com o objetivo de aumentar a cidade por meio de um crescimento ordenado, em 1859, o governo central de Madrid aprovou o plano de Ildefons Cerdà, *l'Eixample*⁷⁴, como projeto de urbanização para a área circundante à antiga muralha. (figura 59). Esta proposta gerou um grande descontentamento por parte dos barceloneses e, como forma de o solucionar, o Aytamento de Barcelona lançou um concurso⁷⁵ numa tentativa de encontrar outros projetos criados por arquitetos locais. Apesar destes esforços, a malha homogênea de quarteirões octogonais com fachadas semelhantes entre si e uma permeabilidade única conseguida através do traçado das ruas, foi o projeto implementado para o aumento da nova parte da cidade, pois considerava-se moderno e visionário (Montaner, 1997, p.23):

“Criando uma concepção nova de cidade potencialmente policêntrica, superou a própria ideologia burguesa que via nos traçados, apenas, o instrumento eficaz para o simples crescimento quantitativo da residência. Adoptando esse mesmo traçado superou o simplismo viário, tornando a quadrícula, quase octogonal, diferente de todas as outras e amarrando-a aos aglomerados pré-existentes, através de diagonais.” (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1990, p.4).

Na sequência do pensamento de uma nova Barcelona, outro momento de grande expansão da cidade é a Exposição Universal, em 1888. Este evento, que decorreu no atual Parque de la Ciutadella, criou inúmeras infraestruturas públicas que ainda hoje são reconhecidas como símbolos da modernidade catalã. Até ao fim do século XIX a cidade de Barcelona foi sendo sucessivamente transformada e melhorada com equipamentos públicos que renovaram e modernizaram a cidade (Bahamón e Losantos, 2007, p.27).

⁷⁴ Denominação catalã para o plano de Cerdà, termo utilizado ao longo da dissertação para referir esta expansão urbana, definido em português como *ensanche*.

⁷⁵ Concurso municipal proposto aos arquitetos mais prestigiados da área de Barcelona. Antoni Rovira Trias vence o concurso com um modelo de cidade radiocêntrica. (Montaner, 1997, p.23).

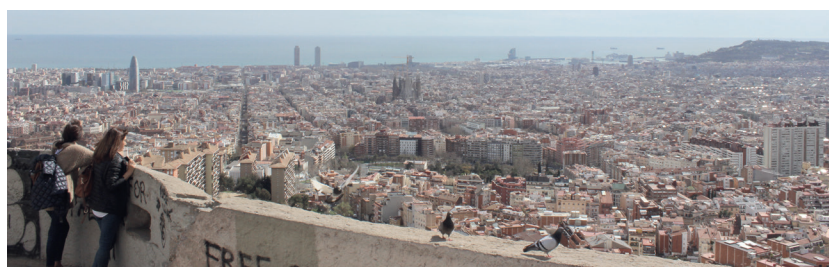


Figura 60. Exposição Universal de 1929.
(<http://jsah.ucpress.edu/content/76/2/197>)

Figura 61. Barcelona na atualidade.
(autoria própria)

No século XX, estando já perante uma metrópole urbana desenvolvida, onde a indústria e a cultura são consideradas como motores da cidade, Barcelona apresenta-se como um território estabilizado a nível urbano:

“Esta es la ciudad que la llegada del siglo XX encuentra em pleno movimiento de recuperación cultural – *la Renaixença* – de redescubrimiento de su identidad, de crecimiento urbano – el Ensanche Cerdà – de desarrollo económico – el crecimiento industrial têxtil em Poblenou – y símbolo de la modernidade [...]” (Serra i Amengual, 2017, p.10).

No entanto, ao longo deste século, houve diversos acontecimentos que marcaram a capital da Catalunha e que, de certo modo, provocaram alterações na sua urbe. A Exposição Universal em 1929 (figura 60) marca a cidade pela urbanização de uma zona menos desenvolvida, o Montjuic. Através deste evento são apresentados diferentes exemplos de arquitetura modernista, na Catalunha: “[...] trasformó la montaña em un gran parque urbano dotado de atracciones [...]” (Bahamón e Losantos, 2007, p.30).

Dez anos mais tarde acabava a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Os sucessivos bombardeamentos na cidade obrigaram a uma reconstrução de diversas partes da mesma. O momento do pós-guerra foi utilizado como uma forma de repensar as vias e os espaços livres existentes: aumentaram-se, deste modo, algumas avenidas principais e criaram-se novas praças e ruas secundárias (Bahamón e Losantos, 2007, p.31). No ano de 1992, com uma abordagem semelhante à das exposições universais previamente referidas, foram realizados em Barcelona os Jogos Olímpicos. Este momento marcou a cidade pelos novos projetos implementados que criaram não só a Vila Olímpica, como também recuperaram a frente marítima existente (Bahamón e Losantos, 2007, p.33).

A par destas intervenções implementaram-se múltiplas políticas de reforma da cidade velha, nomeadamente no Raval. Estas procuravam dinamizar os espaços públicos, criando zonas verdes e áreas livres: “[...] el objetivo de mantener a la población em el barrio y dignificar y mejorar sus condiciones de vida com instrumentos que aprovechen y refuercen los elementos de valor histórico [...]” (Subirats e Rius, 2006, p.11), revitalizando, deste modo, a imagem do bairro e áreas antigas menos cuidadas. Para além destes melhoramentos e até aos dias de hoje, Barcelona tem-se transformado, dando resposta ao desenvolvimento natural da cidade e intervindo em zonas mais debilitadas.

A grande metrópole catalã é, assim, entendida como uma cidade única (figura 61). As marcas de uma cidade medieval articulam-se com uma fase moderna, chegando à

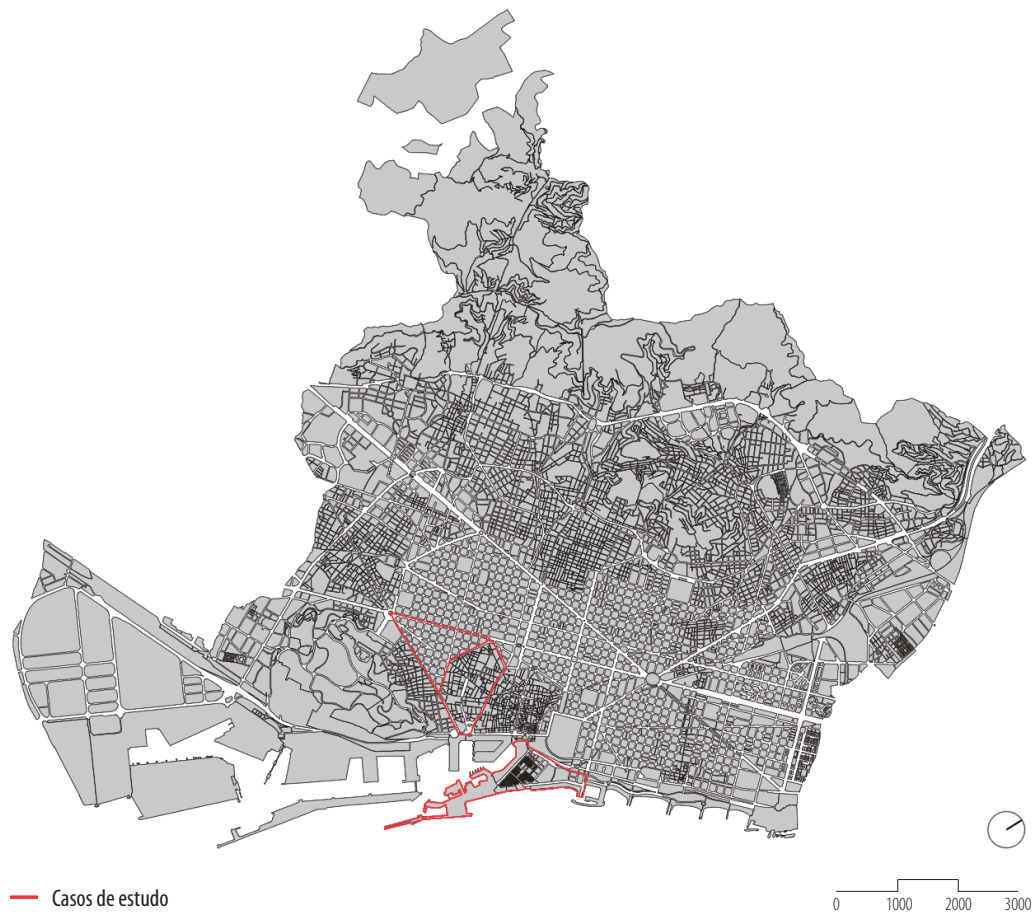


Figura 62. Planta urbana da cidade de Barcelona.
(autoria própria)

atualidade com uma riqueza e multiplicidade de épocas, culturas e arquiteturas muito vasta: “Barcelona es una ciudad impregnada de historia, pero al mismo tiempo es también una ciudad moderna, en continua transformación.” (Montaner, 1997, p.13).

Tendo estudado a cidade de Barcelona de uma perspectiva histórica e evolutiva importa agora direcionar a análise para a metodologia proposta, focando primeiramente a relação dos bairros com o contexto territorial em que se inserem.

Como mencionado anteriormente, apesar de o foco principal da análise serem os bairros, a compreensão da estrutura urbana que os casos de estudo escolhidos integram é essencial. Uma vez que cada bairro é portador de uma ou mais identidades, para a correta interpretação das especificidades destes aglomerados urbanos importa conhecer a identidade da cidade onde estes se inserem.

Num primeiro olhar sobre Barcelona focamos a dimensão da metrópole catalã (figura 62). Gerada pelo crescente desenvolvimento, estudado anteriormente através da sua evolução histórica e, tendo como consequência uma ampla dimensão, a área da metrópole Barcelonense existente nos dias de hoje é constituída por uma grande diversidade de elementos, sendo estes tanto construídos como naturais. Isto é, os componentes que definem a cidade não são homogêneos em toda a sua extensão. Esta variedade é visível através da sua malha, onde se denota, em determinadas zonas, uma urbanidade mais densa e construída, como é o caso do centro da cidade, e outras zonas mais suburbanas e menos desenvolvidas, de que são exemplo as áreas mais exteriores, situadas maioritariamente na parte poente de Barcelona.

Explorando o desenho urbano resultante da conjugação entre os elementos construídos e naturais é possível definir diferentes tipos de malha que compõem a cidade. Destes podemos destacar três grandes grupos: um primeiro com uma malha densa, a que historicamente associamos o início da cidade, na parte nascente da cidade; um segundo que, como estudámos na evolução de Barcelona, corresponde ao plano de Cerdá⁷⁶, disposto na área central com quarteirões bem definidos; e um terceiro, menos planeado, que surge de construções mais recentes, situado na zona poente da cidade.

Entendida a morfologia da cidade, ainda que de forma genérica, emerge a necessidade de localizar os bairros em foco na zona do território em que estes se inserem. Identificamos assim que o Raval, Barceloneta e Sant Antoni se situam na zona desenvolvida e altamente

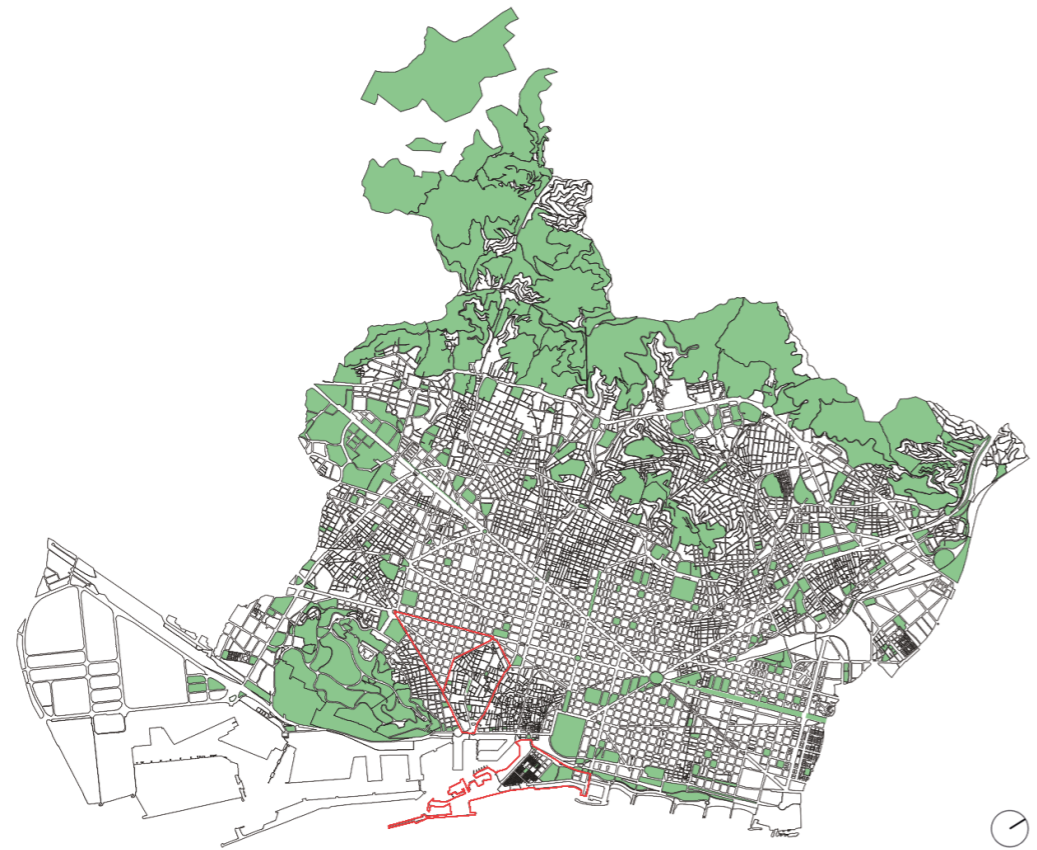
⁷⁶ Plano denominado como *Eixample*.



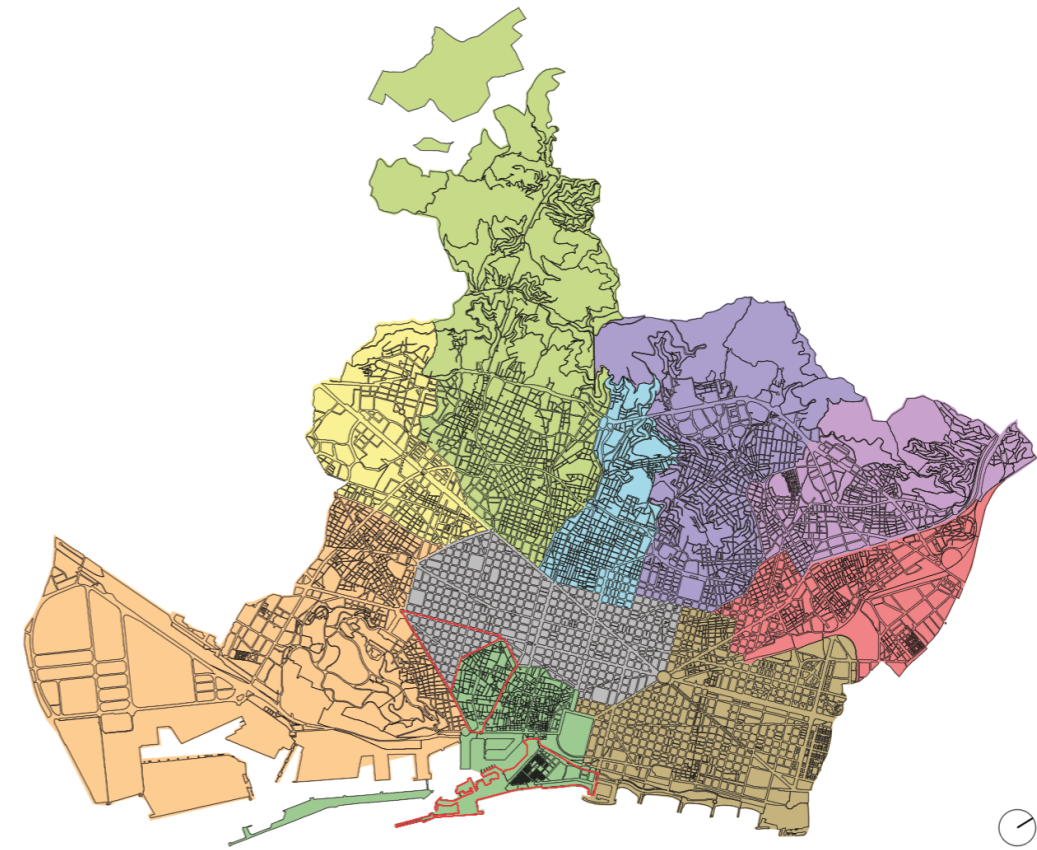
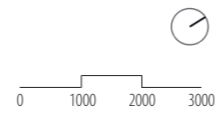
Figura 63. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa do mar.
(autoria própria)

Figura 64. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa das áreas verdes.
(autoria própria)

Figura 65. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos distritos da cidade.
(autoria própria)



— Casos de estudo



Les Corts

Sarrià-Sant Gervasi

Gràcia

Horta-Guinardó

Nou Barris

Sant Andreu

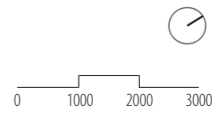
Sant Martí

Sant Montjuïc

L'Eixample

Ciutat Vella

— Casos de estudo



urbanizada da cidade, embora cada bairro apresente características próprias e distintas.

Prosseguindo com a análise do contexto territorial, destacamos o confronto entre a terra e o mar, bem presente na cidade de Barcelona (figura 63). Esta relação, que vem desde os primórdios da formação da cidade⁷⁷, considera-se simultaneamente como um motor de desenvolvimento, pela grande área portuária e frente marítima que possui, mas também como um limite para o crescimento da metrópole, uma vez que não é possível edificar o território sobre o mar.

Na superfície terrestre importa salientar as áreas verdes (figura 64) sendo estas relevantes pela presença que têm como espaços pontuais ao longo de Barcelona. Estas áreas naturais representam também um outro limite da cidade, sendo que a oeste a urbe é delimitada pela serra de Collserola. No entanto, apesar destes fenómenos serem relevantes para a cidade de uma perspetiva global, apenas o mar tem uma marca direta sobre os casos de estudo, uma vez que estes se localizam mais próximos do limite marítimo. A península de Barceloneta é pontuada com uma área verde considerável, contudo nenhum dos outros bairros tem em destaque estes elementos naturais.

Numa perspetiva mais funcional do território, analisamos a organização da cidade que se define por uma divisão através de distritos. Tal como podemos constatar na representação gráfica (figura 65), Barcelona está dividida em 10 distritos municipais que surgiram com o objetivo organizar o território e pela “[...] necesidad de conocer la ciudad e las características de las partes de su territorio [...]” (Ajuntament de Barcelona, 2013). Esta divisão administrativa da metrópole agrupa assim as áreas da cidade de acordo com as semelhanças da urbe. Podemos então afirmar que os distritos destacam as fases históricas de crescimento da cidade catalã, uma vez que as delimitações que estes conferem isolam as diferentes épocas de construção. Relativamente aos bairros em análise, importa referir que, tal como foi anteriormente abordado na referência histórica, o Raval e Barceloneta, por se inserirem no perímetro da antiga muralha, pertencem ao mesmo distrito, a Ciutat Vella⁷⁸ que corresponde geograficamente ao centro histórico de Barcelona. Enquanto que o bairro de Sant Antoni, uma vez que se associa ao início da modernidade da cidade e se engloba no plano de Cerdà, pertence ao distrito do Eixample.

⁷⁷ Barcelona, como mencionado no início do subcapítulo foi fundada, por motivos estratégicos e defensivos, numa posição de grande proximidade com o mar Mediterrâneo.

⁷⁸ Nome catalão cuja tradução é Cidade Velha. Será esta a expressão utilizada ao longo da dissertação para referência a esta área da cidade.

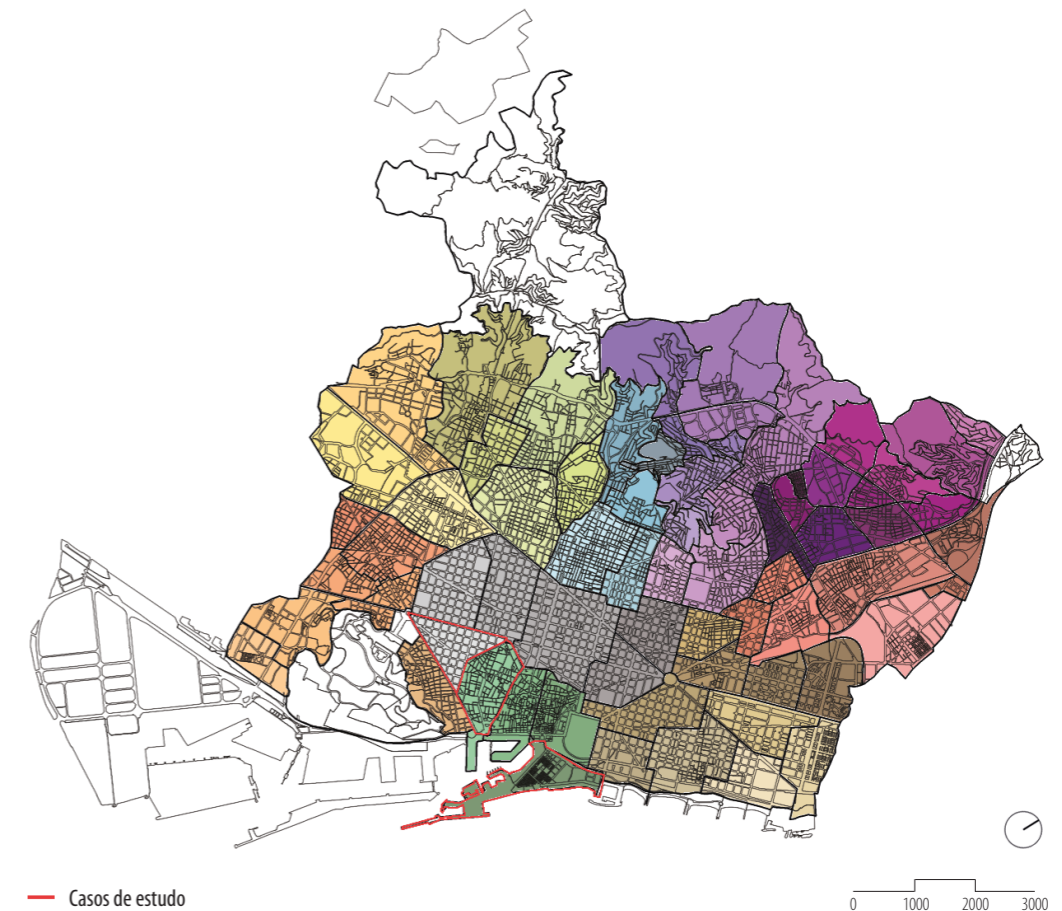
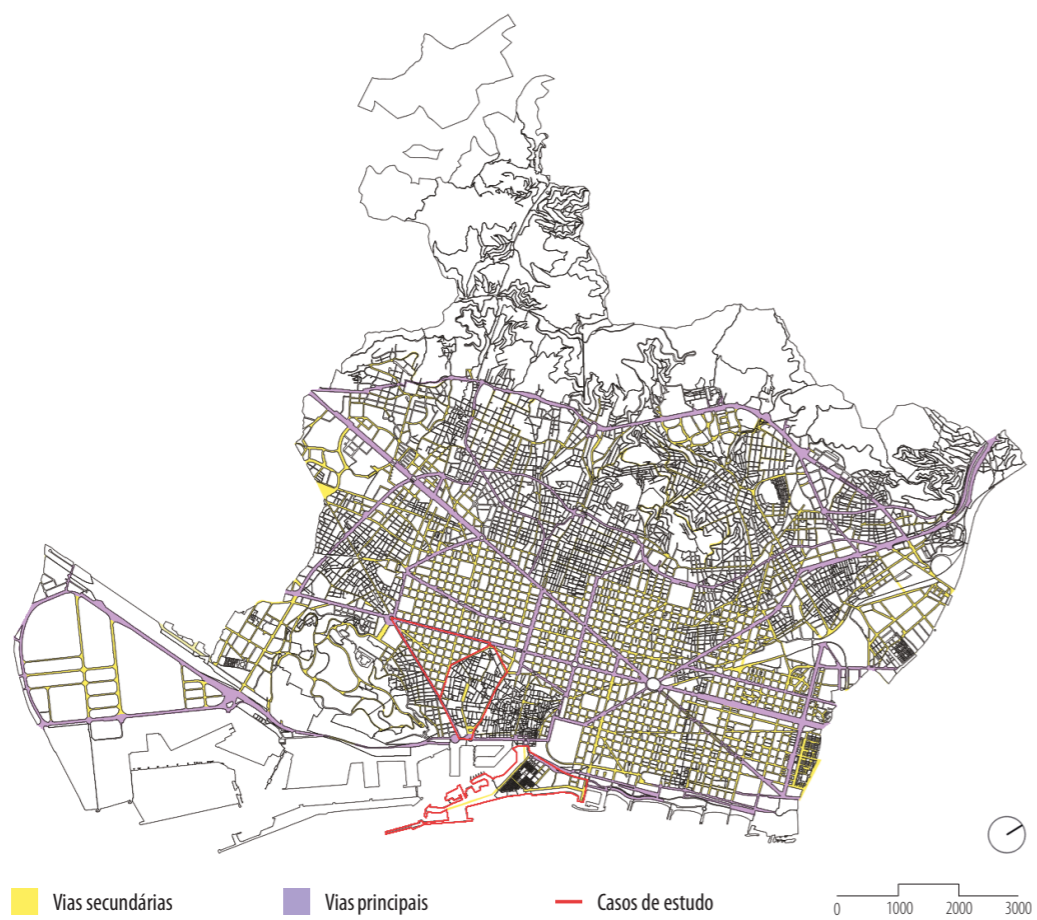


Figura 66. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos bairros da cidade. (autoria própria)

Figura 67. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa vias principais e secundárias. (autoria própria)

Figura 68. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos transportes públicos. (autoria própria)



O espaço urbano subdivide-se ainda dentro de cada distrito em bairros (figura 66). Sendo esta a escala de observação escolhida para a investigação, importa entender quais os critérios para a definição dos limites que originam um total de 73 bairros em toda a cidade de Barcelona. Como vimos, cada distrito circunscreve uma área de acordo com a semelhança das suas características urbanas, logo, os bairros, sendo uma delimitação interna destes grupos, transmitem necessariamente uma coerência na sua identidade histórica (Ajuntament de Barcelona, 2013). De acordo com os critérios utilizados em 2004, no projeto *La Barcelona dels Barris*⁷⁹, as condições para a definição de bairros dentro da cidade pretendiam garantir as seguintes características: a homogeneidade interna que diferenciava cada bairro dos envolventes; a não fragmentação de espaços coesos, salvo em casos onde se reiterava a necessidade de divisão por questões de dimensão; um número populacional entre 5000 e 50 000 habitantes; uma extensão territorial semelhante, de modo a que não existissem discrepâncias grandes entre os diferentes espaços urbanos, sendo que cada bairro podia ter novos planos de crescimento e alteração interna (Ajuntament de Barcelona, 2013). Como resultado destas diretrizes para a definição de cada bairro, os distritos, sendo áreas com dimensões diferentes, apresentam necessariamente um número de bairros variável.

Direcionando, uma vez mais para os casos de estudo, afirmamos que o Raval e Barceloneta são dois dos quatro bairros que compõem o distrito da Ciutat Vella, sendo estes caracterizados pela “[...] cultura, patrimonio, historia, vecindad y entretenimiento.” (Ajuntament de Barcelona, s.d.a). Enquanto que o bairro de Sant Antoni corresponde a um dos seis bairros que integram o distrito do Eixample, sendo todos estes muito semelhantes entre si, de tal forma que se tornam pouco perceptíveis as divisões entre eles.

Para além da organização dos espaços urbanos, para entender o território, é igualmente importante abordar as relações que os diferentes espaços estabelecem, através das suas permeabilidades. Deste modo, representamos as vias existentes na cidade, destacando as mais significativas (figura 67). Através desta representação podemos observar todas as articulações existentes no interior da malha da cidade. Como complemento desta análise apresentamos ainda a rede de transportes públicos, nomeadamente os autocarros (figura 68), possibilitando assim um conhecimento completo das hipóteses de percurso e dinâmicas viárias dentro da metrópole de Barcelona.

⁷⁹ Projeto de reorganização da cidade de Barcelona, com o objetivo de ordenar a cidade numa perspetiva urbanística e social, de forma a ser possível implementar ações urbanas e regularizar os serviços e equipamentos que servem cada espaço da urbe (Ajuntament de Barcelona, 2013).

No âmbito dos bairros em investigação, observamos que a circulação dentro dos aglomerados mais antigos, Raval e Barceloneta, é reduzida, tal como a existência de percursos de transportes públicos. Em oposição, o bairro de Sant Antoni, sendo planeado com noções urbanísticas e objetivos de permeabilidade que criassem uma rede de atravessamentos que facilitasse a luminosidade e visibilidade entre diversos espaços, apresenta um número de vias elevado, sendo estas percorridas também pelos transportes públicos da cidade.

Analisada a subdimensão da implantação e contexto territorial, podemos concluir que a história influencia o espaço urbano construído. Simultaneamente, os elementos naturais existentes no território em questão condicionam o desenvolvimento da urbe. Assim, verificamos que todos estes constituintes, ainda que gerais, criam uma relação que se concretiza na malha urbana da cidade. No caso concreto de Barcelona, podemos afirmar que o mar e os espaços verdes, enquanto fatores naturais, influenciaram o desenvolvimento da cidade que, pela sua evolução histórica, desenharam a malha que hoje se conhece. Esta, sendo organizada através de distritos e estes em bairros que se interligam entre si pelas vias existentes, permitem concluir que, para a compreensão de um bairro é essencial ter a perceção de todo o ambiente envolvente, na medida em que estes aglomerados integram o todo que é a metrópole catalã.

Em suma, entendido o contexto territorial da cidade de Barcelona, compreendemos a identidade global da urbe e, conseqüentemente, a influência que esta tem sobre a identidade mais específica dos bairros, como é o caso do Raval, Barceloneta e Sant Antoni. Analisaremos de seguida as outras subdimensões, direcionadas mais concretamente para o bairro, com o intuito de completar a análise sobre a procura de identidade nestes aglomerados urbanos.



Figura 69. Planta de cheios e vazios, bairro do Raval.
(autoria própria)

ANÁLISE DOS BAIROS 3.2

EL RAVAL 3.2.1

Introduzido o bairro do Raval enquanto parte integrante da cidade de Barcelona, importa agora explorar as suas características específicas através da matriz de análise proposta. Iremos então confrontar o bairro com as subdimensões que, simultaneamente com o contexto territorial, permitem caracterizar a identidade neste aglomerado urbano.

ESTRUTURA URBANA

Na sequência da análise da primeira subdimensão da estrutura urbana, denominada de **contexto territorial**⁸⁰, prosseguimos para o desenvolvimento dos outros componentes desta dimensão que, apesar de mais direcionados para o bairro, abordam ainda características gerais do mesmo.

Com o intuito de entender a forma e o desenho urbano do Raval, isto é, as volumetrias dos seus edifícios e os espaços originados pelas relações entre estes, introduzimos a subdimensão do **vazio vs construído**.

Através da representação iconográfica definida, a planta de cheios e vazios (figura 69), constatamos que a malha característica do bairro do Raval é predominantemente densa. As ruas estreitas geradas pelos quarteirões próximos entre si reforçam a memória da época medieval em que o bairro surgiu. O Raval define-se assim como um aglomerado urbano compacto e pouco ritmado, uma vez que os seus elementos construídos se organizam no

⁸⁰ Análise realizada no subcapítulo 3.1. através de uma abordagem histórica e urbana.

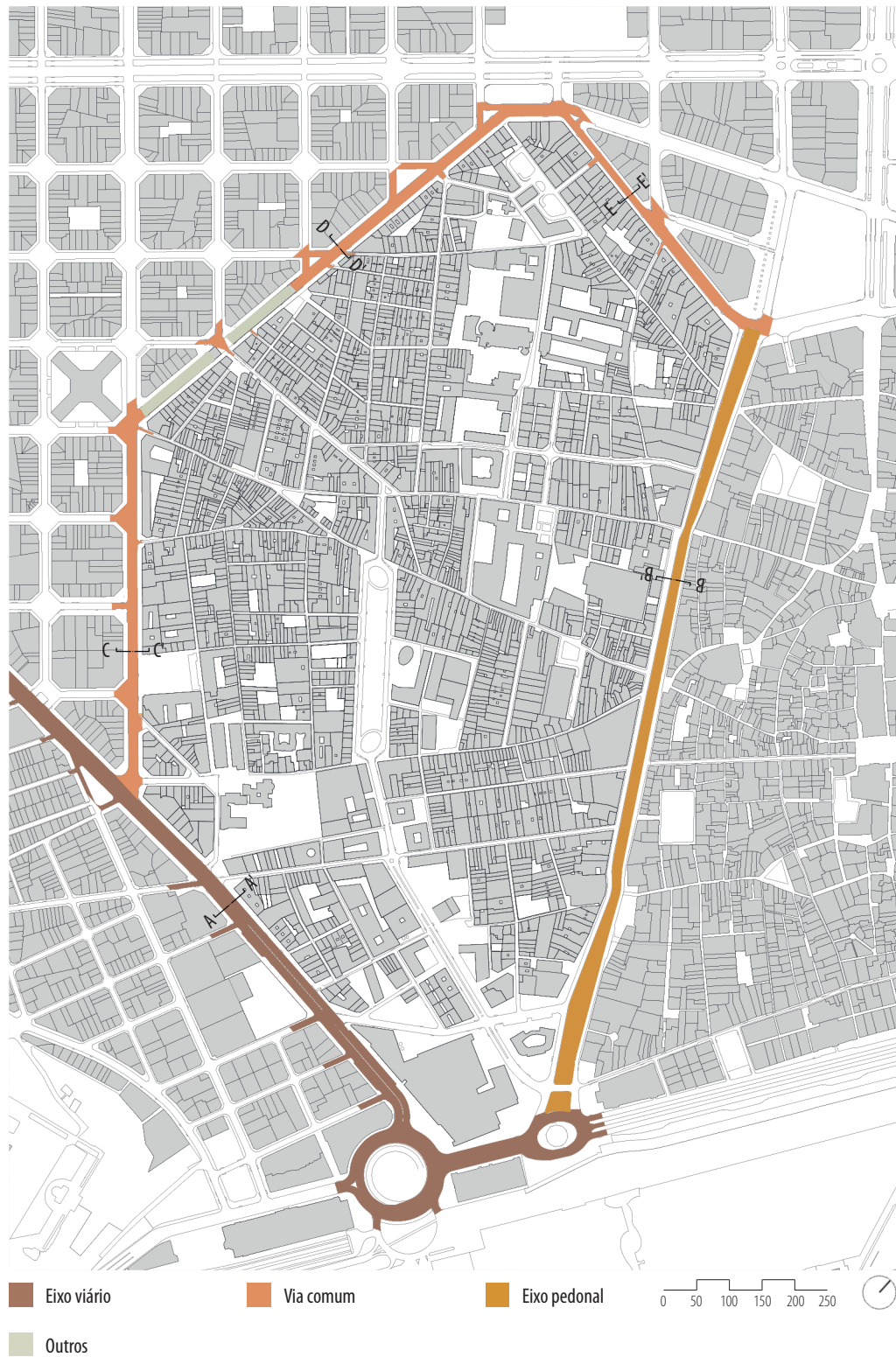


Figura 70. Planta de análise dos limites do bairro do Raval.
(autoria própria)

espaço sem uma norma aparentemente legível.

Apesar de fortemente consolidado, o bairro do Raval apresenta zonas mais livres, onde o confronto entre os edifícios gera zonas de desafogo, geralmente designadas como praças. Estas aberturas na malha posicionam-se principalmente ao longo do eixo central do bairro, sendo visível a interrupção do edificado para a criação de diversos espaços livres. Neste contexto, importa referir que a forma do construído na fase inicial de desenvolvimento do presente bairro era altamente urbanizada. No entanto, pelas necessidades de requalificação e melhoria da qualidade do espaço público⁸¹ foram criadas diversas praças presentes hoje neste aglomerado urbano: “In addition to creating more space within the urban fabric, in some cases the new public spaces also seek to provide continuity of the street layout with the view to create greater permeability [...]” (Busquets, 2003, p.96).

Associada ao uso do espaço público exterior importa realçar a presença de edifícios de uso coletivo que, sendo inúmeras vezes localizados de forma adjacente a praças, estimulam a utilização das mesmas, estendendo a sua dimensão. Esta relação, para além de aumentar a permeabilidade do espaço e possibilidades de percurso, promove vivências e dinâmicas espaciais de atividade coletiva que contribuem para a habitabilidade do espaço.

Caracterizada a malha urbana do Raval pela subdimensão do vazio *vs* contruído, prosseguimos a análise da estrutura urbana para a comparação do bairro com a sua envolvente que, de entre outras características, nos é dada pelo confronto dos **limites**.

Numa primeira abordagem, através da planta (figura 70) confrontamos o desenho do edificado. Nesta comparação entre espaço urbano do bairro com a envolvente observamos que, em relação à zona localizada a este, o bairro Gótico, o desenho urbano é semelhante, característica esta que podemos associar à contemporaneidade dos dois aglomerados, dado que ambos se enquadram na época medieval. Por oposição, a área envolvente a oeste do bairro, definida pelo Eixample e Poble-Sec contrasta com a malha densa do Raval, uma vez que os seus quarteirões são amplos e bem definidos.

Embora as diferenças e semelhanças mencionadas clarifiquem os limites do bairro, importa focar concretamente os limites físicos do caso de estudo, ou seja, analisar as vias que circunscrevem o Raval e os edifícios que as definem. Porque, mesmo que as malhas

⁸¹ Entre 1842 e 2000 foram realizadas inúmeras transformações na Ciutat Vella. O bairro do Raval sofreu intervenções mais profundas na última fase de projeto, onde se demoliram quarteirões para criar espaços públicos, construíram-se novos equipamentos de utilização coletiva e requalificaram-se pré-existências, sendo que também se desenvolveram planos de intervenção no espaço urbano a longo prazo, promovidas pelo PERI (Plan Especial de Reforma Interior) (Busquets, 2003, pp.93-96).



Figura 71. Vista aérea e perfil da Avenida Parallel (A-A').

(Google maps, autoria própria)

Figura 72. Vista aérea e perfil das Ramblas (B-B').

(Google maps, autoria própria)

Figura 73. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Pau (C-C').

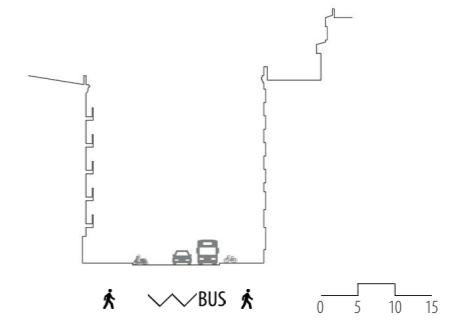
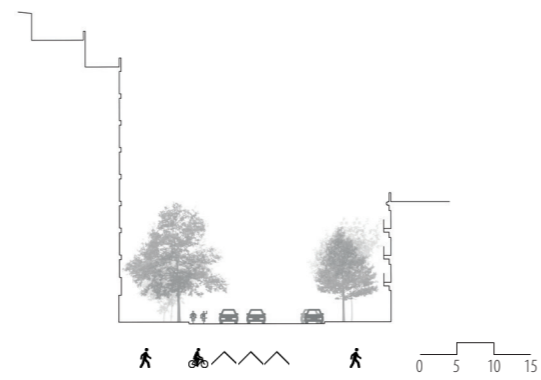
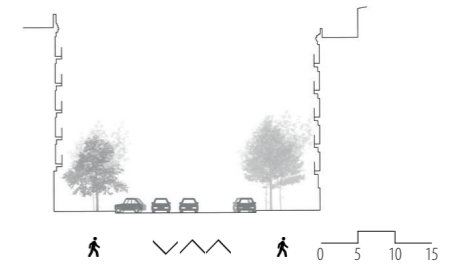
(Google maps, autoria própria)

Figura 74. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Antoni (D-D').

(Google maps, autoria própria)

Figura 75. Vista aérea e perfil da Carrer Pelai (E-E').

(Google maps, autoria própria)



sejam diferentes, a imagem dos edifícios que compõem a frente de rua do bairro em análise e o exterior podem ser semelhantes, pela sua altura ou características visuais.

Numa olhar inicial sobre os percursos que delimitam o Raval, e tendo sido este um dos critérios para a seleção dos casos de estudo, podemos destacar o facto de estas vias apresentarem uma dimensão considerável quando comparadas com as existentes no interior do bairro. Destacamos então a Avenida Parallel como eixo com maior dimensão (figura 71). Sendo uma das grandes vias de circulação de toda a cidade, caracterizada pelas inúmeras faixas de percurso automóvel e de transportes públicos em ambos os sentidos, pista ciclável e largos passeios para peões, este eixo mostra uma separação evidente entre o bairro e o seu envolvente. No entanto a imagem do edificado que ladeia a via reflete uma grande homogeneidade.

A separar o Raval do bairro Gótico encontramos as Ramblas⁸² (figura 72) que, sendo marcadas pela larga área pedonal, são uma zona altamente movimentada, tal como propõe a expressão: “[...] *ramblar*, es decir, subir y bajar una y outra vez por el gran paseo de Barcelona [...]” (Ajuntament de Barcelona, s.d.b). Este limite pedonal introduz assim uma abertura na área da Ciutat Vella que permite um distanciamento entre o Raval e a sua envolvente mais semelhante a nível da malha urbana.

Por último, referimos em conjunto a Ronda de Sant Pau (figura 73), Sant Antoni (figura 74) e a rua Pelai (figura 75), dadas as semelhanças verificadas nos seus perfis. No que respeita à volumetria dos edifícios, importa destacar a diferença de alturas visível na representação da Ronda de Sant Pau que, apesar de expor um momento pontual da via, salienta o contraste que existe entre a maioria do edificado do Raval e do bairro a si adjacente, Sant Antoni. Como diferença e exceção nos limites e, inserido na Ronda de Sant Antoni, mencionamos a presença do mercado que, de certa forma, interrompe a via comum de circulação criando uma barreira física entre os dois aglomerados urbanos.

Através das subdimensões confrontadas na estrutura urbana podemos desde já ter uma noção da globalidade do bairro. O Raval define-se, então, como um aglomerado urbano compacto, de limites bem definidos, cujo desenho remete para a época de povoação da zona em que se insere. Podemos ainda afirmar que a partir desta interpretação é possível desde já entender a identidade que é transmitida pela urbanidade do bairro. Tendo observado os elementos construídos e a respetiva organização destes componentes no espaço, podemos

⁸² Percorso que liga a Praça da Catalunha ao antigo porto da cidade, definido por uma continuidade de ruas: Rambla de Canaletes, Rambla de los Estudis, Rambla de las Flors, Rambla de los Capuxins e Rambla de Santa Mònica.

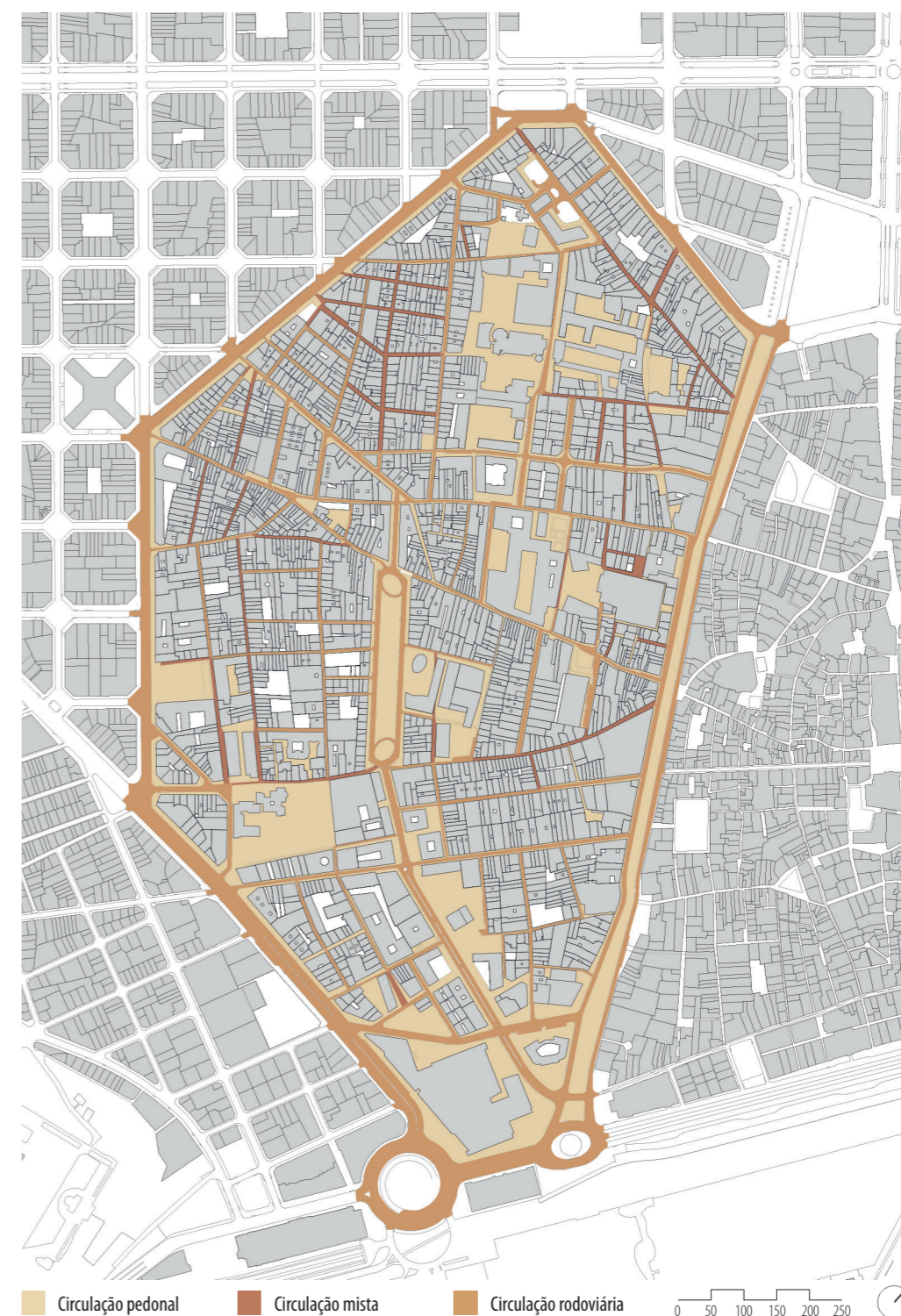


Figura 76. Planta de circulação, bairro do Raval. (autoria própria)





Figura 77. Via rodoviària com passeio: Carrer del Carme.
(autoria pròpia)

Figura 78. Percursos pedonals: Carrer de les Cabres; Jardins de Vitòria de los Àngels; Passatge de l'Hospital.
(autoria pròpia)

Figura 79. Percursos automòveis e relaçã o com zonas pedonais envolventes: Carrer de les Egipcianes; Carrer de Valldonzella.
(autoria pròpia)

Figura 80. Vias de circulaçã o mista: Carrer d'Elisabets e Carrer Sant Llàzer.
(autoria pròpia)

concluir que, apesar da identidade do espaço urbano ter sido transformada com a abertura de praças, esta foi mantida ao longo dos tempos, uma vez que as suas características principais se mantiveram.

FUNÇÕES E USOS

Na segunda dimensão de análise do bairro, denominada como **funções e usos**, tal como o nome indica, aprofundaremos as características internas e elementos nomeáveis do Raval. Através das três subdimensões que compõem esta fase da análise (movimento, equipamentos e imagem), pretendemos conhecer a composição do bairro e a forma como as suas permeabilidades, diferentes edifícios ou características visuais contribuem para a definição da identidade deste caso de estudo.

Como primeiro fator de análise, abordamos o **movimento**. No entanto, antes de observarmos concretamente esta subdimensão importa referir a relação direta que esta tem com o vazio *vs* construído, apresentado anteriormente. Sendo que a circulação no espaço acontece pela existência de vazios e espaços de passagem, e esta é gerada pela relação entre o edificado, para a análise do fator movimento é essencial ter presente a forma do espaço. Partindo então do conhecimento da malha urbana do Raval, focamos os tipos de circulação⁸³ existentes ao longo do bairro (figura 76).

Da observação da planta, podemos afirmar que, apesar da predominância de vias rodoviárias ladeadas de passeios (figura 77), estas têm pouca presença no todo do espaço urbano. Uma vez que, sendo as ruas estreitas, o percurso destinado aos veículos não interrompe a malha do bairro, como acontece frequentemente em vias de circulação automóvel. O movimento no bairro por meio de carros é assim de fraca intensidade, o que indiretamente promove uma maior habitabilidade do espaço urbano por peões. O movimento no Raval é então caracterizado por uma combinação entre percursos pedonais (figura 78) e automóveis (figura 79), onde a presença e sequência de praças estimula uma circulação pedonal. Associado a este movimento, existem as ruas de percurso misto (figura 80), onde a circulação de veículos é condicionada. Estes fatores tornam, deste modo, o bairro num espaço demarcado pelo movimento pedonal dos utilizadores e habitantes.

Outra subdimensão que contribui para a distinção do bairro enquanto aglomerado urbano único é a dos **equipamentos**. No presente caso do Raval, a marca destes elementos

⁸³Tipos de circulação classificados como: pedonais (reservado a peões); mistos (possibilidade de movimento no mesmo tipo de espaço e pavimento de peões e automóveis); rodoviário (movimento destinado a automóveis).



Figura 81. Planta de equipamentos, bairro do Raval. (autoria própria)



Figura 82. Diferentes fachadas do bairro: Carrer de Junta del Comerç; Carrer de la Riera Alta; Carrer de Sant Pau; Carrer Nou de la Rambla.

(autoria pròpia)

Figura 83. Imagem arquitetónica de edifícios com diversas funções: FilMOTECA da Catalunya e Teatro Poliorama.

(autoria pròpia)

Figura 84. Pisos térreos com funções públicas de serviços: Carrer Joaquin Costa; Carrer d'en Xuclà; Carrer de Sant Pau.

(autoria pròpia)

enquanto parte integrante do todo que é o aglomerado urbano tem uma presença significativa (figura 81). Uma vez que, para além do elevado número de edifícios cuja função é considerada como equipamento, também os usos que estes apresentam são altamente diversificados. O Raval distingue-se assim por uma grande oferta de equipamentos hoteleiros e culturais, sendo a variedade destes últimos diversificada, entre museus, bibliotecas e teatros. No entanto, também a presença de edifícios com carácter educativo e de serviços é relevante para a caracterização deste caso de estudo.

Para além da quantidade de equipamentos presentes no bairro, a sua localização é um fator igualmente importante para esta subdimensão. Na planta podemos observar uma maior concentração de equipamentos em determinadas zonas do bairro, levando-nos assim a afirmar que a utilização das áreas em questão vai ser necessariamente condicionada pelo tipo de uso do edificado a si associado. Logo, relacionamos, uma vez mais, a importância do desenho urbano enquanto fator condicionante da utilização do espaço.

Seguidamente, de um ponto de vista exterior abordamos a aparência e utilização dos edifícios, subdimensão denominada como **imagem**. Neste campo de análise o foco direciona-se para as características visuais do bairro.

No Raval, a imagem arquitetónica dos elementos construídos apresenta uma grande coerência, isto é, apesar das diferentes fases de construção ou transformações que os edifícios possam ter sofrido ao longo dos tempos, nas fachadas exteriores são visíveis semelhanças (figura 82). Embora homogêneo, importa mencionar que esta coerência acontece em edifícios cujo programa é o mesmo, porque quando este diverge também a composição da fachada se diferencia (figura 83). Desta relação entre aparência e uso, salientamos que a utilização do piso térreo ao longo do bairro do Raval é comum e dedicada a comércio, sendo que esta particularidade em nada condiciona o programa dos pisos superiores (figura 84).

Como forma de sintetizar as características interpretadas nesta dimensão, funções e usos, podemos primeiramente concluir que o bairro do Raval, pelas possibilidades de percurso que apresenta, se caracteriza por uma circulação maioritariamente pedonal, embora também tenha presença automóvel. Este fator, relacionado com as áreas das praças que se associam a equipamentos, faz com que seja estimulada a vida exterior do espaço urbano, sendo esta uma característica essencial para a compreensão do bairro. Ainda promovida pela habitabilidade das ruas podemos mencionar a frequente utilização do piso térreo dos edifícios para uso público. A coerência do edificado contribui também para a perceção da identidade arquitetónica do Raval que, por meio de todas as subdimensões previamente apresentadas, vai sendo definida.



Figura 85. Apropriação do espaço interno da Biblioteca da Catalunya.

(autoria própria)

Figura 86. Praça Sant Josep.

(autoria própria)

Figura 87. Praça dels Angèls.

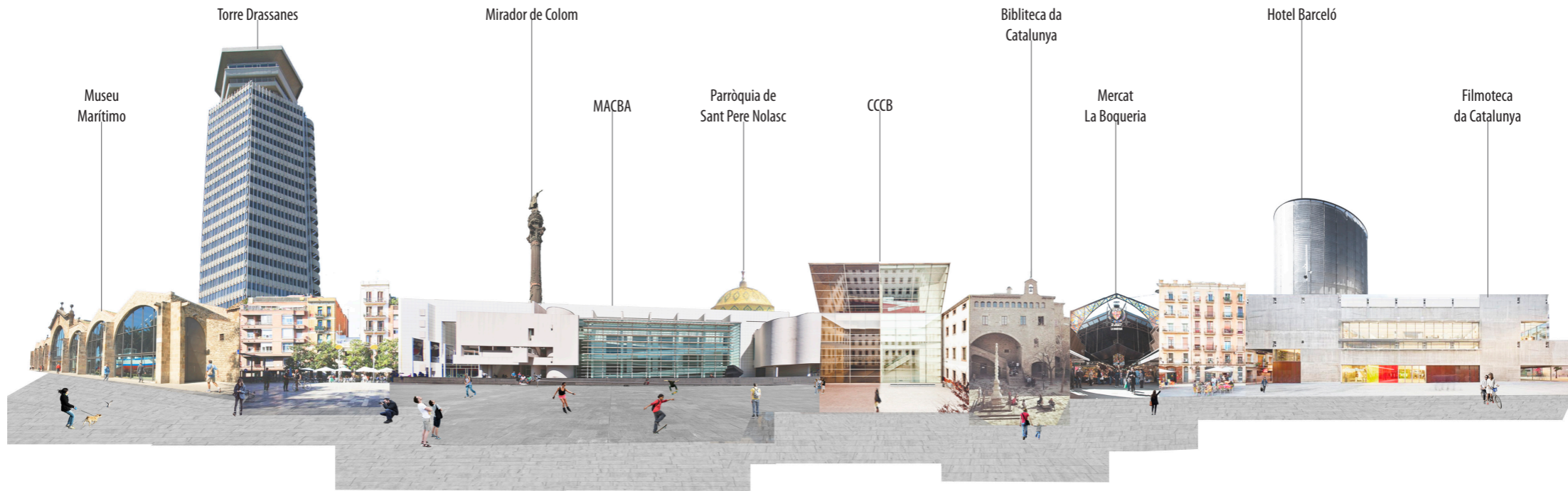
(autoria própria)

Figura 88. Praça de Joan Amandes.

(autoria própria)

Figura 89. Marcos pontuais, bairro do Raval.

(autoria própria)



VIVÊNCIAS

Conhecidos os elementos que constituem o bairro do Raval e as características e funções associadas à urbanidade que o define, observamos o bairro de uma perspectiva mais interpretativa. A dimensão das **vivências** surge assim como uma interpretação do bairro a partir do ponto de vista do observador que, tendo como base os fatores de análise explorados nas outras dimensões, procura a relação das pessoas com o espaço e edifícios.

A primeira subdimensão que apresentamos é a **apropriação** que corresponde à percepção que o observador tem da habitabilidade do espaço. O Raval, tal como fomos constatando nos outros campos da análise, tem uma vida de comunidade e utilização do espaço comum bastante característica. Ao observarmos os espaços livres no interior dos equipamentos, como é o caso da Biblioteca da Catalunha (figura 85), percebemos que estes promovem dinâmicas de relação nos residentes e visitantes que geram vivências no meio urbano.

O Raval considera-se assim como um exemplo de bairro cuja vida exterior é um dos fatores chave para o entendimento da sua identidade. As praças que estudámos anteriormente pela observação da malha urbana surgem nesta subdimensão como centros de vida em sociedade. Um exemplo é a praça de Sant Josep (figura 86) que, pela ligação que tem com o mercado La Boqueria, e dado o mobiliário urbano nela existente, surge como um lugar de paragem e vida social. O facto de um dos seus limites ser a Escola Massana⁸⁴ faz com que esta praça assuma ainda a função de pátio anexo à escola que, de certa forma, permite criar uma ligação entre um equipamento destinado a um público específico e a sociedade em geral que usufrui da praça enquanto espaço público. Outro exemplo é a praça dels Àngels (figura 87) que, sendo um espaço de desafogo inserido na área central do bairro, concentra diversas pessoas, definindo-se de igual modo como um lugar de intensa atividade social.

Entre aberturas na malha, permeabilidade de edifícios ou alargamentos das vias, são diversos os momentos em que a área urbana do Raval é um lugar de convívio e partilha de experiências por parte dos seus utilizadores ou visitantes (figura 88). As pessoas apropriam-se, assim, dos diferentes espaços do bairro vivendo-os como foi inicialmente pensado ou dando-lhes um novo carácter.

Inteiramente relacionados com a vivência da urbe estão os **marcos pontuais**. Esta subdimensão surge assim com o intuito de destacar os edifícios, zonas ou espaços singulares do bairro que, no caso do Raval, são múltiplos (figura 89).

⁸⁴ Escola de artes visuais e design.



Figura 90. Relação urbana vs humana, bairro do Raval.
(autoria própria)

Aprofundando esta subdimensão e, como forma de perceber de que modo estes constituintes pontuam o Raval, destacamos alguns dos pontos nodais: o Museu Marítimo de Barcelona, que se destaca do restante bairro pela dimensão e espaços envolventes; o hotel Barceló ou o Mirador de Colóm, que se diferenciam pela altura; edifícios como o CCCB e a Biblioteca da Catalunha, cuja permeabilidade cria espaços de vivência; ou o MACBA e a Fimoteca da Catalunha, que pela sua arquitetura contrastante se destacam da urbe. Todavia, através da leitura do elemento gráfico que se propõe para estes constituintes, apesar de os destacarmos pela sua imagem representativa, estabelecemos uma relação uns com os outros, remetendo assim para a ideia de continuidade visível se os interpretarmos no todo do bairro em que se inserem.

Concluimos deste modo que os pontos nodais, ao representarem momentos singulares no Raval, pela importância da marca que criam na urbe, pela forma como simultaneamente se inserem na malha urbana e pelas dinâmicas que promovem, integram a identidade deste aglomerado urbano, diversificando assim a sua definição. Reforçamos uma vez mais que a definição de identidade só é possível de caracterizar pela incorporação de todos os elementos e dinâmicas que se associam ao aglomerado que é o bairro.

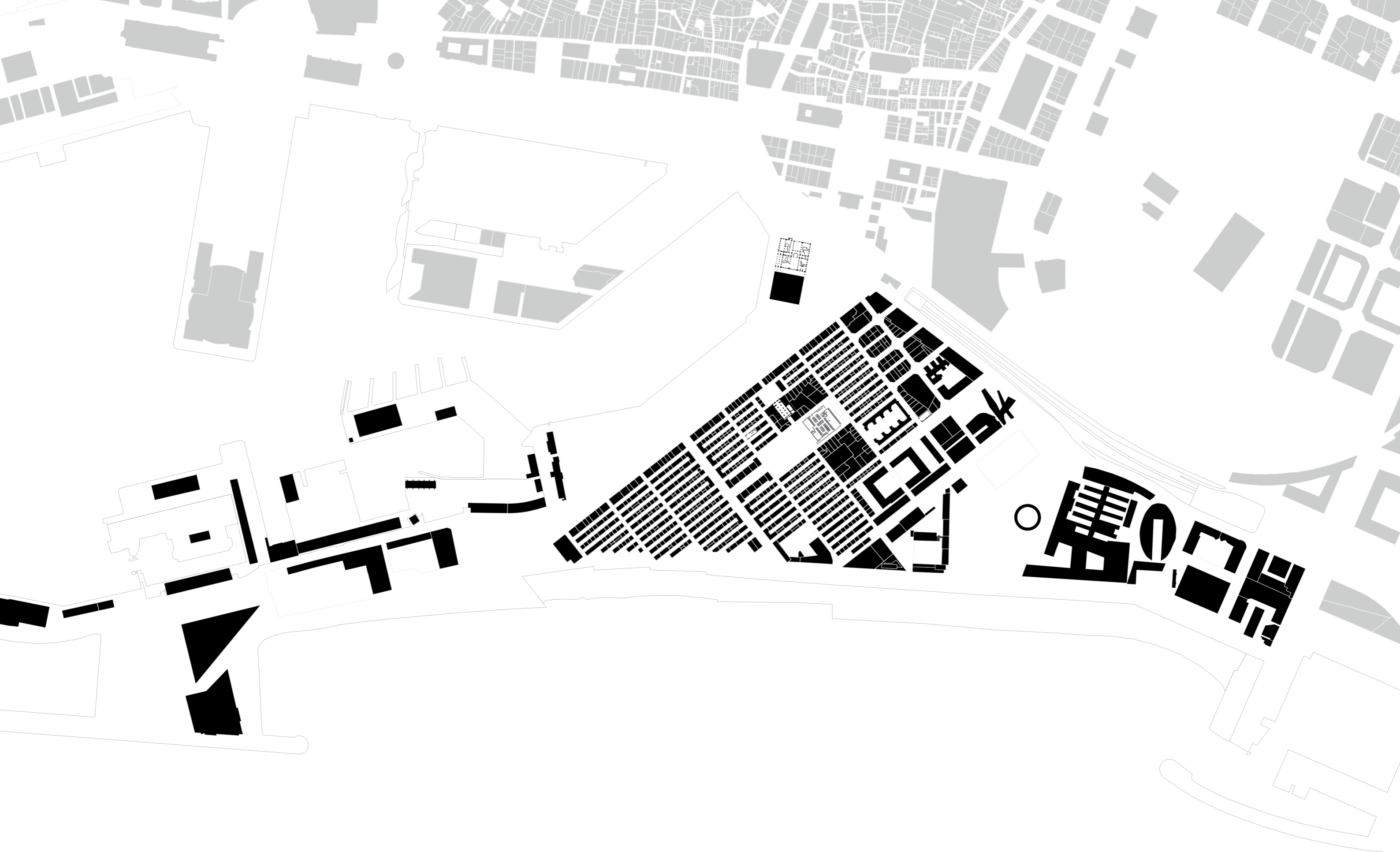
Como último elemento da matriz de análise proposta para a investigação da identidade no bairro do Raval, apresentamos a subdimensão da *escala humana vs escala urbana*. Nesta análise, a iconografia comunica por si (figura 90), sintetizando, numa perspetiva interpretativa e pessoal a relação existente entre o espaço urbano e a vivência deste meio pelos seus utilizadores. A representação destaca assim diferentes espaços: os que promovem vivências como é o caso das praças e articulações existentes entre estas, de que são exemplo a praça de Joan Coromines e a praça dels Àngels; as aberturas na malha que interrompem o denso bairro, como a Rambla do Raval, definida como um “[...] gran 'salón urbano' [...]” (Costa, 2004, p.142); ou os equipamentos que pontuam o espaço e constituem momentos de referência para o bairro, como o MACBA ou o mercado La Boqueira.

Interpretada a matriz de análise na sua totalidade, podemos definir que a identidade do Raval, de um ponto de vista formal, se caracteriza como um aglomerado urbano denso destacado da sua envolvente, onde as marcas do passado são ainda visíveis no seu desenho urbano. A caracterização do bairro a nível da imagem arquitetónica é bastante coesa, embora tenha presente arquiteturas contrastantes introduzidas pelo vasto número de equipamentos contemporâneos que possui. Afirmamos ainda que estes elementos singulares, apesar de exceções dentro da urbanidade, promovem uma habitabilidade única do espaço, altamente caracterizadora do Raval. A identidade deste caso de estudo considera-se assim como

abrangente, dado que são inúmeros os elementos que caracterizam a sua forma e espaço construído. Associando estes fatores à grande variedade de vivências e importância que estas têm na percepção do aglomerado, afirmamos que em conjunto são o que define e distingue a identidade do Raval enquanto bairro.

Figura 91. Planta de cheios e vazios, bairro de Barceloneta.
(autoria própria)





LA BARCELONETA 3.2.2

Como o título indica, o segundo caso de estudo a investigar é o bairro de Barceloneta.

ESTRUTURA URBANA

Tendo sido analisada de forma conjunta para os três casos de estudo a subdimensão do **contexto territorial**, importa realçar alguns elementos relevantes para a interpretação das próximas subdimensões no contexto deste bairro. Como primeira característica, salientamos o facto de Barceloneta se enquadrar na Ciutat Vella enquanto distrito. No entanto, importa referir que, apesar desta integração a nível organizacional, a construção do bairro em estudo insere-se num momento posterior à principal urbanização deste distrito.

Partindo assim dos conhecimentos apresentados, introduzimos a segunda subdimensão de análise: o **vazio vs construído**. Pretendemos neste momento entender as formas dos espaços e observar a influência que a fase de construção teve ou não no desenho da malha urbana.

Confrontando Barceloneta através da representação da planta de cheios e vazios (figura 91) percebemos que este bairro é altamente demarcado pelo mar. O enorme vazio urbano que envolve Barceloneta destaca assim a forma e desenho que definem o aglomerado. A malha do bairro apresenta-se deste modo como um conjunto bem definido, onde através de uma sequência de edifícios se articulam ruas paralelas e perpendiculares entre si.

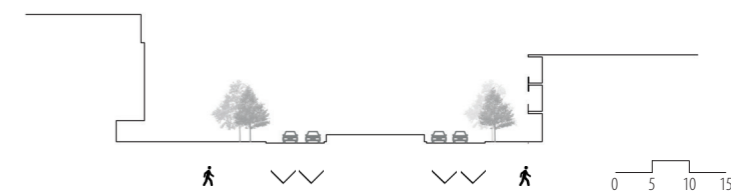
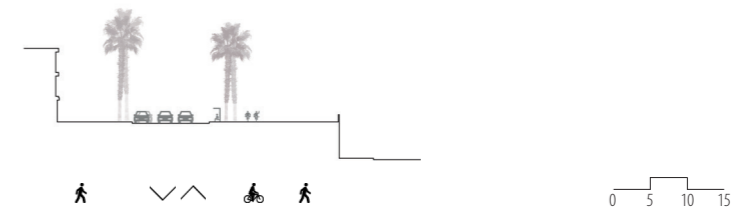
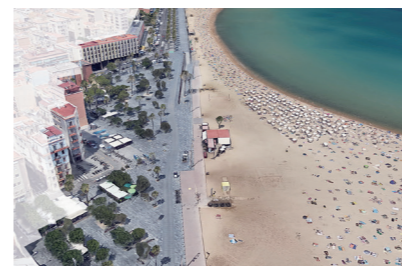
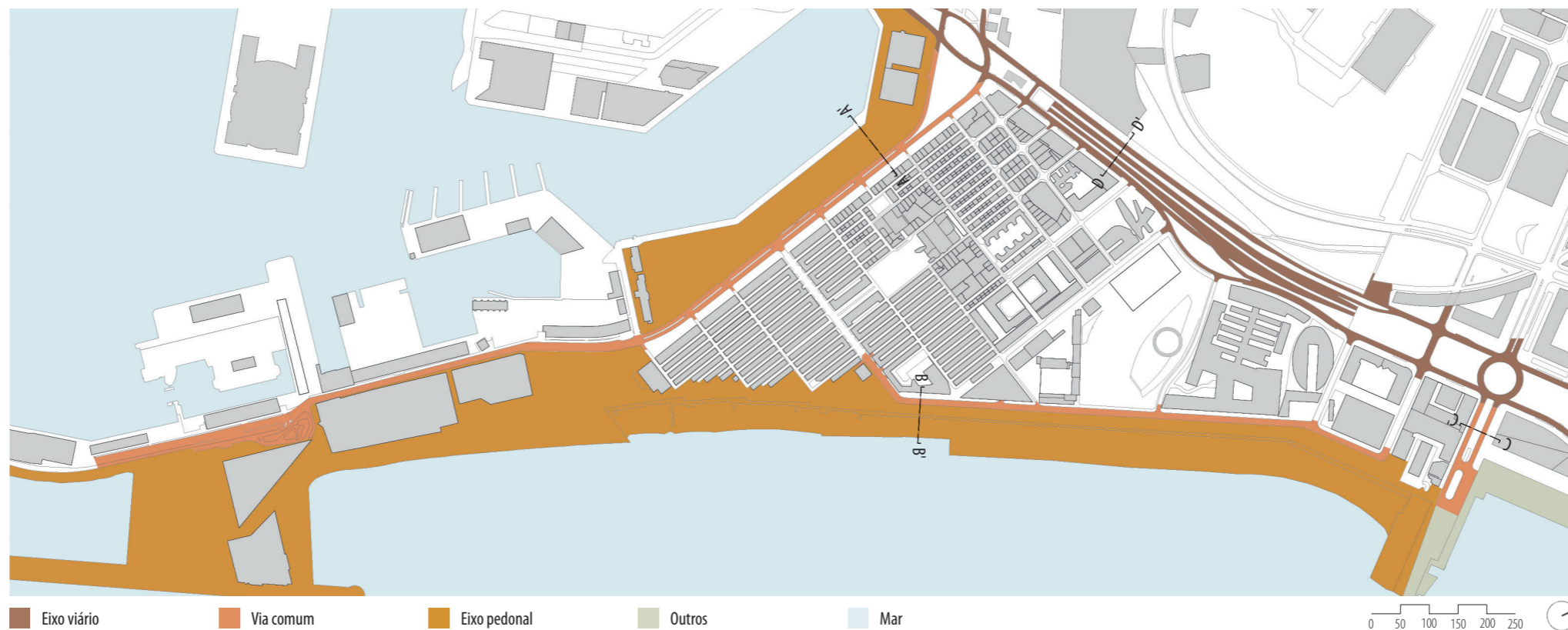
Figura 92. Planta de análise dos limites, bairro de Barceloneta.
(autoria própria)

Figura 93. Perfil e vista aérea do Passeio Joan de Borbó (A-A').
(autoria própria, Google Maps,)

Figura 94. Vista aérea e perfil do Passeio Marítimo (B-B').
(autoria própria, Google Maps)

Figura 95. Perfil e vista aérea da Carrer Dr.Aiguader, Ronda Litoral e Avenida del Litoral (C-C').
(Google Maps, autoria própria)

Figura 96. Vista aérea e perfil da Carrer de la Marina (D-D').
(Google Maps, autoria própria)



Desta primeira leitura sobre a urbanidade do bairro, importa relacionar o desenho com a história. Sabendo que Barceloneta surgiu pela necessidade de construção de uma nova zona da cidade⁸⁵ justificamos a organizada aparência do bairro com o facto de este ter sido planeado. Apesar de, na atualidade, Barceloneta apresentar uma dimensão superior àquela proposta no projeto inicial, são ainda visíveis os princípios de composição da urbanidade definidos na época.

É ainda perceptível através da relação entre do vazio *vs* construído que Barceloneta não é muito marcada por edifícios públicos, permitindo desde já concluir que o bairro é maioritariamente residencial. Embora se leiam diversos elementos construídos na zona sul do bairro, que associamos a formas não residenciais, no cerne do aglomerado urbano a presença destes elementos é escassa.

Após a interpretação a malha urbana, prosseguimos a análise do bairro para o confronto do interior com a sua envolvente, através da subdimensão dos **limites** (figura 92). Numa primeira instância, ao analisarmos a planta, e tal como constatámos anteriormente, podemos afirmar que Barceloneta é fortemente marcada pelo mar. Pela leitura aparente que o bairro transmite como península, percebemos que os seus limites são definidos maioritariamente por água. Ainda assim, o lado a norte, apesar de ser o ponto de articulação com o resto da cidade, não apresenta na sua envolvente próxima edificado construído. Deste modo podemos afirmar que nenhum limite de Barceloneta tem elementos construídos relevantes para a perceção do bairro enquanto aglomerado urbano.

Com o intuito de aprofundar o conhecimento do bairro e a relação com o seu exterior focamos cada um dos limites físicos. A reforçar a ligação do mar com Barceloneta, apresentamos o Passeio Joan de Borbó (figura 93) e o Passeio Marítimo de Barceloneta (figura 94). Em ambos os casos podemos observar que o edificado, apesar de separado por uma via rodoviária, relaciona-se com uma extensa frente pedonal. No caso do Passeio Marítimo, o percurso pedonal é ainda aumentado pela área da praia adjacente à marginal.

Numa perspetiva de articulação com a cidade introduzimos o limite definido pelo eixo viário da Ronda Litoral (figura 95). Uma vez que se compõe por múltiplas vias de circulação e linhas de caminho de ferro, o eixo surge como uma fronteira entre Barceloneta e a área envolvente que delimita o bairro a norte. Por outro lado, o término do bairro na marina do Porto Olímpico (figura 96) apresenta uma grande coerência entre si, não sendo visíveis

⁸⁵ Plano de construção de um novo bairro da Ribeira, desenvolvido com maior profundidade no subcapítulo 3.1.

Figura 97. Planta de circulação, bairro de Barceloneta.

(autoria própria)

Figura 98. Exemplo via rodoviária Barceloneta: Carrer de Sant Miguel.

(autoria própria)

Figura 99. Carrer de la Maquinista.

(autoria própria)

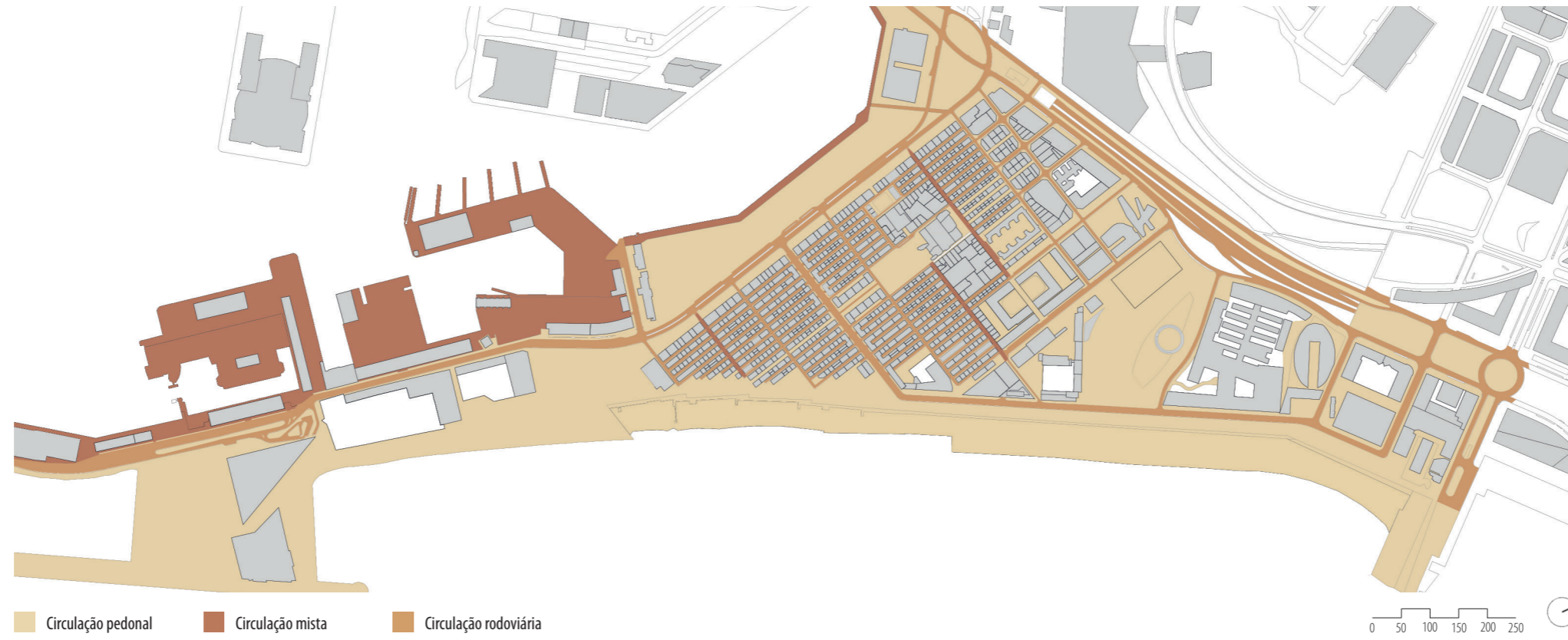
Figura 100. Carrer d'Andrea Dòria

(autoria própria)

Figura 101. Passeig Marítim de la Barceloneta.

(autoria própria)





nesta rua diferenças aparentes entre o bairro e o exterior.

Pela análise da estrutura urbana podemos afirmar que da interpretação realizada até ao momento, a identidade de Barceloneta caracteriza-se pelo distanciamento que o bairro tem para com a sua envolvente, sendo que esta forma surge pelo território em que se insere. Ainda assim, através da malha densa dos quarteirões interiores e largas marginais que envolvem o espaço interno, podemos salientar que existe uma maior permeabilidade nas zonas perimetrais do bairro. Percebemos então que a identidade relativa à urbanidade de Barceloneta caracteriza-se por dois elementos principais: por um lado, uma densidade considerável, visível no centro do bairro, por outro, e de forma contrastante, um planeamento mais livre nas suas extremidades.

FUNÇÕES E USOS

As **funções e usos** surgem como uma dimensão caracterizadora dos constituintes do bairro. Neste sentido, abordamos o **movimento** enquanto subdimensão que analisa os diferentes tipos de circulação (figura 97). Em Barceloneta os percursos pedonais surgem como os elementos mais representativos. Apesar do bairro ser atravessado por eixos viários, a alta densidade de edificado na zona central faz com que os percursos automóveis não tenham uma presença muito significativa no todo deste espaço urbano.

As ruas internas de Barceloneta, como consequência da malha retilínea do bairro, definem-se, salvo poucas exceções, por uma via rodoviária a que se associam estreitos passeios pedonais que circundam os edifícios (figura 98). No entanto, importa explorar as exceções, sendo estas definidas como vias de circulação mista. Apesar destes elementos terem pouca presença no número total de tipos de vias presentes no bairro, sendo apenas três, duas das ruas definidas como mistas têm uma posição importante associada à sua localização na malha de Barceloneta. A rua mais a norte atravessa o bairro pela zona superior do mercado do bairro (figura 99), enquanto que a outra via parte da praça do referido mercado até à rua que delimita a área mais densa do deste aglomerado urbano (figura 100). Percebemos assim que, pela relação que criam com a praça central de Barceloneta, por uma das suas frentes de rua ser um dos quarteirões de exceção da malha e pela permeabilidade de circulação que criam no espaço urbano definem-se como elementos essenciais para a perceção do movimento no bairro de Barceloneta.

Importa ainda destacar as grandes marginais pedonais (figura 101). Estes elementos, juntamente com os percursos de circulação mista, anteriormente referidos, permitem-

Figura 102. Planta de equipamentos, bairro de Barceloneta.
(autoria própria)

Figura 103. Edifícios com diferentes volumetrias: Praça de la Barceloneta.
(autoria própria)

Figura 104. Alturas atuais de edifícios na Praça del poeta Boscà.
(autoria própria)



-nos concluir que a movimentação existente em Barceloneta é realizada maioritariamente de forma pedonal, sendo esta geradora de proximidade característica da zona central de Barceloneta.

Observamos agora o segundo momento da análise desta dimensão que se direciona para o estudo dos **equipamentos**. Nesta subdimensão, ao interpretarmos o carácter dos edifícios, as diferentes funcionalidades e tipos de serviços que existem no bairro, constatamos que grande parte do edificado destinado a funções coletivas se situa nas extremidades de Barceloneta (figura 102). Contudo, na área central do aglomerado urbano existem alguns equipamentos como é o caso do mercado homónimo ao bairro, situado na Praça do Poeta Bosca e de alguns equipamentos educativos localizados na frente marginal do passeio marítimo.

Sendo Barceloneta um bairro com grandes ligações ao mar e, na medida em que estas zonas se caracterizam por atividades tanto de lazer como de serviço costeiro podemos destacar a vasta quantidade de equipamentos que se dispõem ao longo do limite marítimo do bairro. Apesar da predominância de equipamentos de apoio portuário, salientamos também a presença de diversos equipamentos desportivos e lúdicos, que tanto no extremo sul como no norte pontuam o aglomerado urbano, introduzindo uma funcionalidade diferente da existente no edificado comum de Barceloneta.

Como último momento de interpretação das características específicas de Barceloneta introduzimos a subdimensão da **imagem**. Este fator de análise, por meio de uma perceção externa do edificado, visa caracterizar a imagem arquitetónica e aparência do bairro.

No que diz respeito às características visuais, apesar de Barceloneta ter mantido um cadastro próximo ao da sua implantação, a nível volumétrico os edifícios sofreram grandes transformações. Inteiramente relacionado com o facto de o bairro não se poder desenvolver para além dos limites, dado que a área terrestre é escassa, os edifícios desenvolveram-se em altura. A partir desta noção verificamos que as volumetrias dos edifícios não são constantes (figura 103). Destacamos ainda o facto de, atualmente, apenas treze edifícios apresentarem a altura proposta no plano original de Barceloneta, onde apenas se edificava a zona térrea e um piso superior (figura 104). Como consequência do crescimento do edificado por método de sobreposição, em diversos casos, a leitura do edifício não se percebe como um elemento contínuo, mas sim como partes e acrescentos. No entanto, sendo esta uma característica comum à generalidade do aglomerado urbano, a leitura global do bairro mantém-se coerente.

3 BAIRROS EM BARCELONA

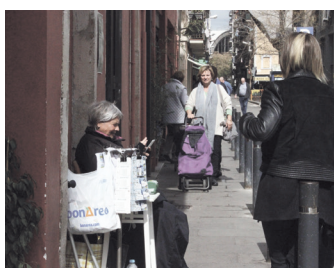


Figura 105. Fachadas: Carrer del Giné i partagàs, Carrer dels pescadors, Carrer de l'Atlantida.
(autoria pròpria)
Figura 106. Contraste da imagem pela função: Plaça del poeta Boscà, Mercado la Barceloneta.
(autoria pròpria)
Figura 107. Vivências do espaço urbano: Carrer del Baluard, Praça del poeta Boscà.
(autoria pròpria)

Embora a volumetria tenha aumentado, a aparência exterior do edificado continua a transmitir uma imagem semelhante a partir da observação das fachadas (figura 105). Contudo, nem todos os edifícios permitem esta leitura de continuidade. Em alguns casos, quando a transformação que sofrem é de uma época muito diversa, apenas mantêm a sua forma, enquanto que a composição da fachada contrasta com a imagem comum do bairro.

A integrar ainda a subdimensão da imagem, referimos os edifícios que pela sua arquitetura introduzem momentos singulares na imagem do bairro (figura 106). Nestas situações a relação entre a imagem e o uso é iminente, uma vez que os elementos construídos correspondem a edifícios com funções de serviços ou utilização coletiva, anteriormente destacados como equipamentos. Como exemplo, podemos mencionar o mercado de Barceloneta que, apesar da malha densa e homogénea da zona central em que se insere, apresenta-se com uma forma arquitetónica contrastante com a generalidade desta área do bairro.

Após a análise da dimensão funções e usos, verificamos que a movimentação em Barceloneta é marcada por uma forte presença de áreas pedonais, servindo assim a comunidade nela residente ou exterior a esta. Pela leitura da malha urbana, podemos afirmar que a função primária de Barceloneta é residencial, sendo que os edifícios que desempenham esta função transmitem uma coerência arquitetónica significativa. Ainda assim, o bairro apresenta um grande número de equipamentos que, apesar de não interferirem com a imagem geral do bairro, por se situarem nos limites deste aglomerado, apresentam características visuais contrastantes com a globalidade do edificado presente em Barceloneta.

VIVÊNCIAS

Após a interpretação do bairro de um ponto de vista urbano, funcional e imagético, importa relacionar estas características, que até então foram consideradas como elementos compositivos do espaço, com as pessoas que nele habitam. Na presente dimensão das vivências iniciamos, deste modo, a abordagem pela análise da relação do espaço com as pessoas, a forma como estas o utilizam e vivem, referindo-nos assim à subdimensão da **apropriação**.

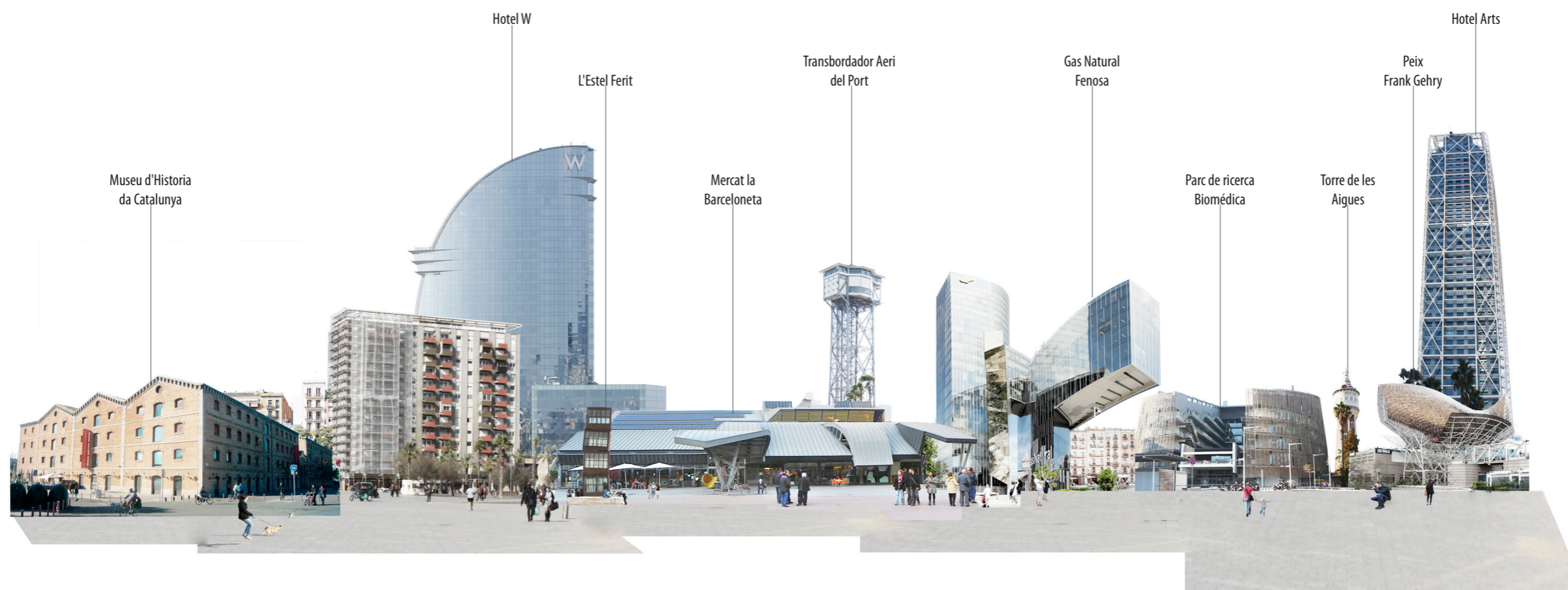
Como já foi referido, Barceloneta define-se por uma singularidade única da utilização do espaço urbano. Pelo afastamento que possui da cidade de Barcelona, os seus residentes vivem o bairro com uma noção de comunidade muito forte, o que faz com que a vida nas ruas, nas praças e em todos os espaços livres seja muito ativa (figura 107). Assim, para além



Figura 108. Interior de bairro: Parque e praça del Llaugut.
(autoria própria)

Figura 109. Praia de Sant Miquel.
(autoria própria)

Figura 110. Marcos pontuais, bairro de Barceloneta.
(autoria própria)



da utilização das praças que são pensadas com um objetivo de vida comum e utilidade para a população, em alguns casos promovida pelo mobiliário urbano, também o interior dos quarteirões se destaca de uma forma natural como um lugar de vivências, onde o Homem se apropria da urbe criando um novo lugar de relação (figura 108).

Barceloneta define-se assim por uma intensa atividade exterior no centro da sua malha urbana que, seja ela promovida pelo ambiente construído ou como resultado da apropriação dos seus habitantes, transmite uma forte noção de vizinhança. A praia (figura 109), enquanto elemento natural presente no espaço, destaca-se também como um outro lugar onde são visíveis variadas dinâmicas sociais, sendo esta frequentada tanto pelos residentes como pelos visitantes da área de Barceloneta.

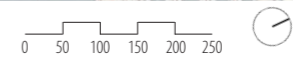
Como fator de relação que influencia a habitabilidade do espaço ou que se destaca na generalidade da malha do bairro, apresentamos os **marcos pontuais**. Nesta subdimensão, ao abordar os elementos singulares presentes ao longo de Barceloneta, interpretamos as vivências, na medida em que estes pontos nodais podem promover ou condicionar a habitabilidade do espaço a estes associados.

Sendo a malha urbana bastante coesa, tal como já referimos, os edifícios que pontuam o espaço destacam-se pela sua altura ou composição arquitetónica (figura 110). Nesta perspetiva focamos o edifício que delimita a área residencial do bairro a sul. Este elemento, apesar de se integrar na urbe, cria uma exceção na mesma, dada a sua posição perpendicular, que contraria a direção do restante desenho urbano. Para além da sua orientação, este edifício também se diferencia pela altura, logo, define-se como um ponto nodal.

Equipamentos hoteleiros como o hotel W ou o hotel Arts são exemplos de marcos pontuais que, por características arquitetónicas, como é o caso da sua forma e altura, destacam-se dentro da malha de Barceloneta. Referimos ainda o Peixe Olímpico de Frank Gehry como um nó que, pela sua estrutura original, materialidade singular e ligação que possui com um edifício comercial, cria uma marca no espaço, servindo como um elemento de referência no meio urbano do bairro.

Através da análise desta subdimensão, concluímos que a maioria dos marcos pontuais corresponde a equipamentos. Podemos, deste modo, afirmar que os pontos nodais mencionados se localizam nas extremidades do bairro, sendo que é pela sua forma e arquitetura contemporânea que eles se destacam da generalidade de Barceloneta.

Figura 111. Relação urbana vs humana, bairro de Barceloneta.
(autoria própria)



A última subdimensão recai sobre a relação da **escala humana vs escala urbana**. Ao estudar esta característica destacamos diferentes zonas do aglomerado urbano onde há uma maior interação do Homem com o espaço que o serve. Pela representação iconográfica (figura 111) percebemos que, no presente caso de estudo, os pontos principais onde ocorrem estas dinâmicas são áreas livres. Estas zonas permitem assim uma vivência do meio a partir da relação entre as pessoas, como é o caso das grandes vias pedonais. Para além destes espaços também os equipamentos são considerados como lugares de vida pública. Não apenas pela função coletiva que possuem, como também pelas dinâmicas que promovem nas praças a si adjacentes. Tal como observamos no Mercado de Barceloneta, estes lugares surgem como focos de relação entre as pessoas e o construído.

Concluída a análise das dimensões e respetivas subdimensões da matriz, podemos definir a identidade formal de Barceloneta como um aglomerado urbano independente, na medida em que os seus limites o destacam da cidade de Barcelona e o tornam num bairro marítimo. As características do edificado que compõem o bairro, ao transmitirem uma grande homogeneidade contribuem também para uma leitura de Barceloneta como um espaço coeso, ainda que esta seja pontuada por equipamentos singulares no seu interior e extremidades. A permeabilidade dos espaços associados à dimensão dos mesmos confere de igual forma um carácter local ao bairro. Deste modo, podemos concluir que os principais elementos caracterizadores de identidade no bairro de Barceloneta são a malha regular do seu interior que promove uma vida bairrista e, simultaneamente, os marcos pontuais que se evidenciam e estimulam atividades humanas de interação com o exterior, atribuindo a Barceloneta uma identidade local.

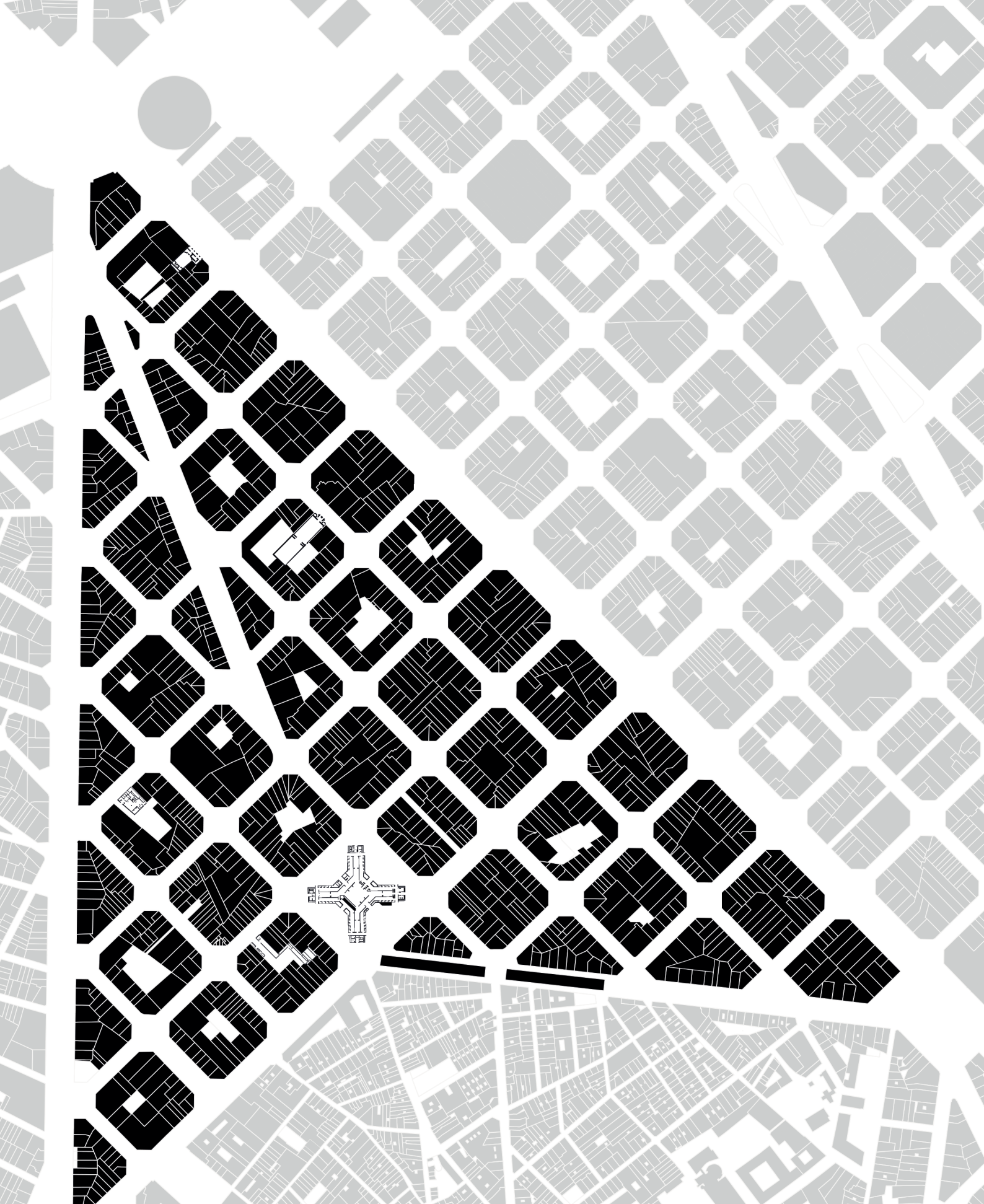


Figura 112. Planta de cheios e vazios, bairro de Sant Antoni.
(autoria própria)

SANT ANTONI 3.2.3

Após a análise dos dois primeiros casos de estudo, aplicamos neste subcapítulo a matriz proposta ao terceiro e último bairro: Sant Antoni.

ESTRUTURA URBANA

Definido o **contexto territorial** em que se insere Sant Antoni, destacamos o facto de este bairro se localizar no distrito do Eixample. Partindo deste conhecimento, podemos desde logo deprender a forma repetitiva e uniforme que o aglomerado urbano em estudo vai apresentar: “[...] tots les illes de cases són igulas, octogonals, de 113,3 metres de llargària i amb uns xamfrans característics. [...] Heu de saber que cada xamfrà marca a la perfecció un punt cardinal.” (Calpena, Permanyer, Grau e Hermida, 2017, p.16). No entanto, para aprofundar esta característica e as particularidades do espaço urbano do bairro introduzimos a subdimensão do **vazio vs construído**, cujo objetivo visa interpretar a forma com que se define a urbanidade de Sant Antoni.

Através da planta de cheios e vazios (figura 112) confirmamos que a malha do bairro se define pelas características enunciadas no plano de Cerdà. Ou seja, o desenho dos quarteirões apresenta-se com uma forma octogonal e altamente repetitiva, o que faz com que a malha por estes originada seja homogénea. Como oposição ao construído surgem as ruas geradas pela ortogonalidade do edificado, definindo-se como perpendiculares entre si. Pela articulação destes dois elementos, quarteirões demarcados e ruas retilíneas, podemos entender a malha fortemente ritmada que caracteriza Sant Antoni.



Figura 113. Planta de análise dos limites, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)

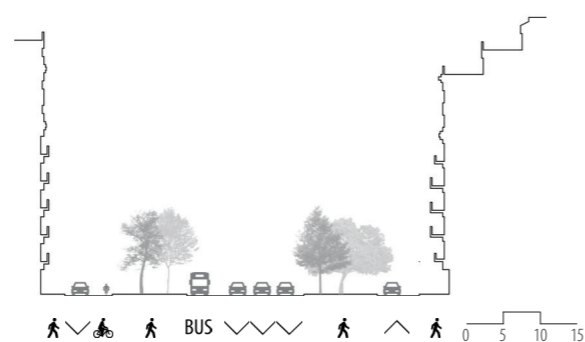
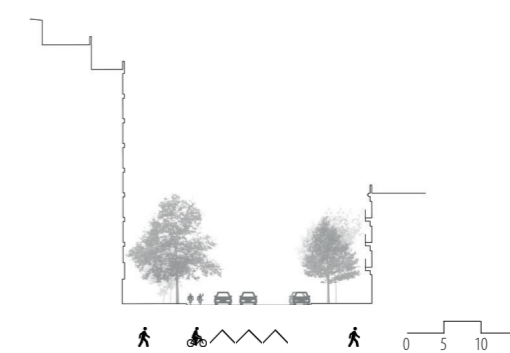


Figura 114. Vista aérea e perfil da Avenida Parallel (A-A).

(Google maps, autoria própria)

Figura 115. Vista aérea e perfil da Gran Via de les Corts Catalans (B-B').

(Google maps, autoria própria)

Figura 116. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Pau (C-C').

(Google maps, autoria própria)

Figura 117. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Antoni (D-D').

(Google maps, autoria própria)

Apesar da continuidade existente no bairro, justificada pelo facto de Sant Antoni ser um aglomerado urbano planeado, existem momentos que rompem com a coerência formal do espaço. A eixo do bairro podemos destacar a Avenida Mistral. Esta, ao apresentar uma direção distinta da maioria dos percursos existentes no aglomerado e simultaneamente uma largura maior, rompe com a sequência de quarteirões pré-definida. Este momento introduz assim uma maior permeabilidade no bairro, uma vez que, apesar de Sant Antoni ter uma grande possibilidade de percursos, a ortogonalidade que o define não permite um movimento livre no espaço. Ainda assim, alguns quarteirões possuem áreas livres no seu interior, que tanto podem permitir a passagem como criar espaços de desafogo no meio do edificado.

Como momento singular dos elementos construídos, visível ainda por meio desta subdivisão, referimos o Mercado de Sant Antoni. Este edifício, para além da sua forma em cruz que contrasta com os blocos densos dos outros quarteirões, cria um vazio maior na sua envolvente, dado que a sua dimensão não ocupa todo o lote do quarteirão.

Depois de termos caracterizado a forma de Sant Antoni, importa agora perceber a relação que este estabelece com o exterior, analisando a subdivisão dos **limites**. Numa primeira perspetiva, pela comparação das malhas (figura 113) percebemos que o bairro apenas se destaca da sua envolvente no limite este. Sendo o desenho urbano dessa zona uma área substancialmente medieval, a diferença do loteamento torna-se evidente. Porém, no que respeita aos outros limites, a leitura diferencial é mais complexa. Relativamente à área que limita o bairro a oeste, esta insere-se no plano do *Eixample*, logo a envolvente e o bairro não apresentam nenhuma diferença entre si. No limite sul, apesar de a forma geral da malha não ser idêntica, os quarteirões têm uma dimensão semelhante, o que faz com que não criem uma descontinuidade para com o interior do bairro de Sant Antoni.

Focamos agora os eixos perimetrais do bairro para confirmar se a semelhança e oposição entre os elementos construídos de Sant Antoni e o espaço urbano envolvente se verificam. Numa primeira abordagem percebemos que as ruas que os definem têm uma maior dimensão do que as existentes no interior de Sant Antoni, o que cria desde logo uma separação entre o bairro e o exterior. A avenida Paralell (figura 114) e a Gran Via de les Corts Catalans (figura 115), por se caracterizarem por um conjunto elevado de faixas de circulação, lêem-se como grandes eixos de movimento na cidade. Deste modo, o afastamento e destaque do bairro em relação à sua envolvente é desde já perceptível.

Por outro lado, as duas ruas que delimitam o bairro de Sant Antoni e fazem frente com o Raval não se destacam dos restantes eixos do bairro pela sua largura (figura 116 e 117).

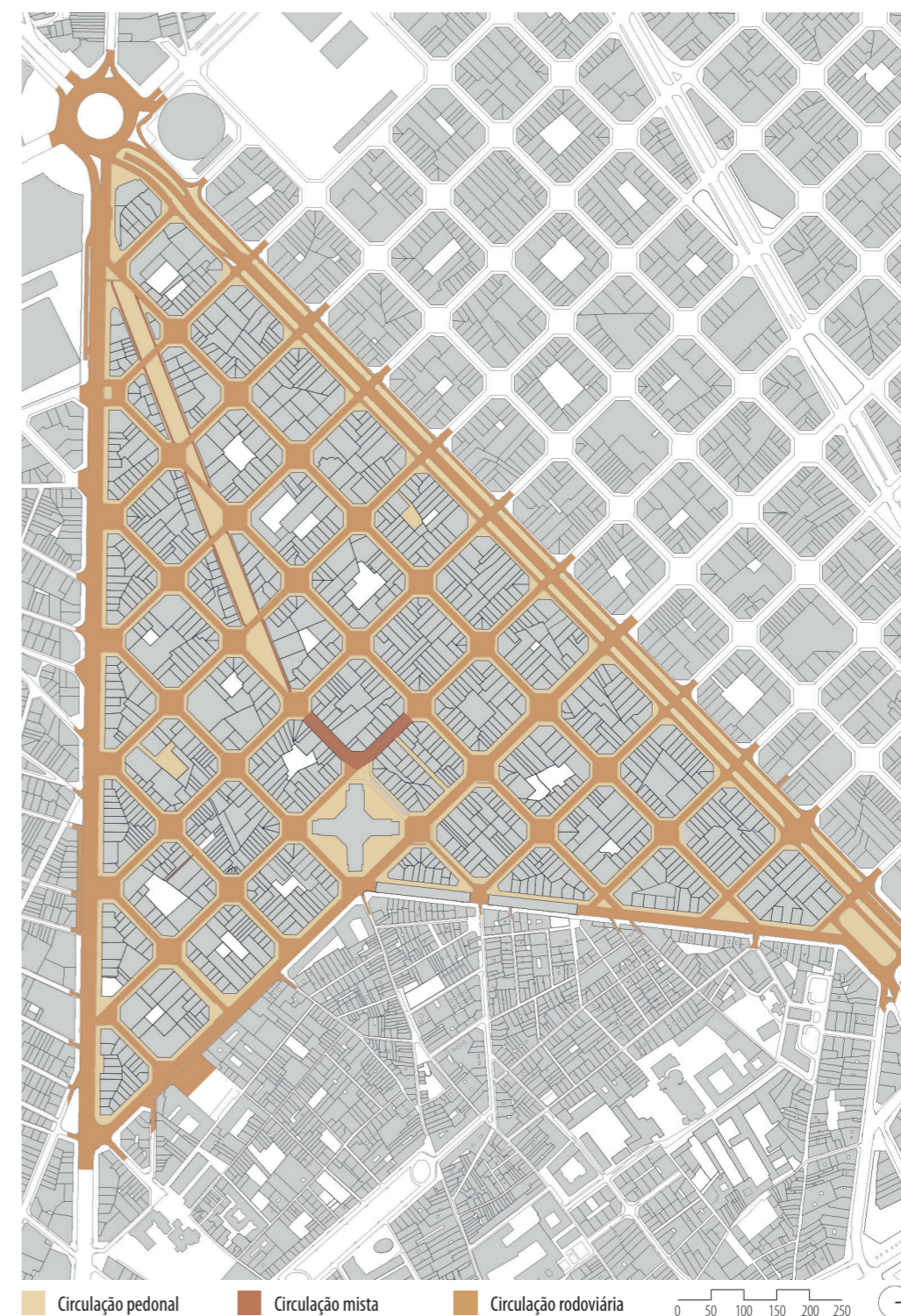


Figura 118. Planta de circulação, bairro de Sant Antoni.
(autoria própria)



Figura 119. Percursos rodoviários: Carrer de Calàbria, Carrer de Vilamari, Carrer de Manso.
(autoria própria)
Figura 120. Avenida Mistral.
(autoria própria)

Os edifícios que compõem as frentes de rua também não apresentam diferenças entre si. No entanto, ao observarmos as vias que interrompem os quarteirões do Raval conseguimos perceber que a malha deste bairro tem uma densidade maior do que aquela existente em Sant Antoni. Ainda assim, na Ronda de Sant Antoni a existência de um mercado no meio da via cria uma barreira física à relação entre os dois bairros, tornando evidente a separação entre as duas partes.

Pela interpretação da estrutura urbana e consequente caracterização do bairro, de uma perspectiva global, a partir das subdimensões que analisamos, podemos aferir que um dos fatores que define a identidade de Sant Antoni é a sua malha. A homogeneidade desta, por se apresentar como um elemento condicionante do espaço e por transmitir uma ideia de continuidade ao longo de todo o aglomerado urbano, é considerada como um componente essencial na caracterização deste conceito. Apesar disso, importa investigar as outras dimensões da matriz de análise, a fim de ter uma percepção completa da identidade do bairro de Sant Antoni.

FUNÇÕES E USOS

Relativamente aos elementos nomeáveis do bairro iniciamos a análise pela subdimensão do **movimento**. O foco desta componente do estudo são os percursos e, sendo estes gerados pela disposição do construído ao longo da área urbana do bairro, podemos afirmar que, tal como a malha do presente caso de estudo é homogênea, também os percursos de Sant Antoni assim o são (figura 118).

De uma perspectiva geral, tal como referido anteriormente, observamos que as ruas que compõem o bairro formam uma rede retilínea de vias de circulação, sendo estas paralelas e perpendiculares entre si. A sua morfologia, tal como era proposto no planeamento deste aglomerado urbano⁸⁶, caracteriza-se por uma circulação maioritariamente rodoviária. Ainda assim estas vias, sendo definidas por três faixas de circulação automóvel de apenas um sentido, interligam-se a passeios na zona que ladeia os edifícios (figura 119).

Apesar de existir uma forte coerência ao longo da maioria do bairro, há dois momentos onde esta norma não é aplicada. O primeiro é a Avenida Mistral (figura 120) que consiste num percurso de maior largura, cuja circulação é principalmente pedonal: “Como

⁸⁶ O projeto urbano do *Eixample* tinha como objetivo organizar a malha de forma a que quarteirões e as vias se articulassem e fossem homogêneos; “El trazado base se compone de un sistema de manzanas situadas entre ejes de 133,3 metros con calles de 20 metros.” (Busquets, 1994, p.107).



Figura 121. Planta de equipamentos, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)





Figura 122. Características de fachadas: Gran Via des Corts Catalans e Avenida Mistral:

(autoria própria)

Figura 123. Imagem arquitetónica contrastante: Opel e Biblioteca de Sant Antoni.

(autoria própria)

Figura 124. Mercado de Sant Antoni.

(autoria própria)

contraposición a estos sistemas de ‘vias’ que permiten la circulación en todas direcciones de una forma isotrópica, habrá unos espacios cuya función principal está pensada para el reposo y la quietud, que son las ‘intervías’.” (Busquets, 1994, p.108). O outro momento de diferenciação é caracterizado por uma via de circulação mista⁸⁷, que estabelece a ligação entre o Mercado de Sant Antoni e o fim da avenida previamente referida.

A segunda subdimensão relativa à caracterização das funções no bairro são os **equipamentos**. Fruto da leitura da malha urbana, podemos afirmar que, neste bairro, todos os equipamentos integram o desenho urbano de quarteirão, salvo o Mercado de Sant Antoni.

Pela representação iconográfica desta subdimensão (figura 121) constatamos que a presença de elementos culturais é escassa. Contudo, em oposição, a quantidade de equipamentos que desempenham funções de usos públicos ou de serviços educativos é significativa. Da interpretação deste fator podemos concluir que a maioria dos equipamentos presentes em Sant Antoni é destinado à utilização diária e comum dos utilizadores do bairro. Assim, somos levados a constatar que o bairro em estudo tem como objetivo um uso maioritariamente residencial.

Como último fator desta dimensão de análise introduzimos a **imagem** do edificado. Num primeiro momento, a partir de uma observação geral, e influenciado pelo desenho urbano planeado e homogêneo, podemos destacar que as características do edificado são semelhantes entre si. Para além da volumetria que os edifícios de cada quarteirão apresentam ser próxima, também os quarteirões entre si são semelhantes. Esta coerência do edificado é ainda reforçada pelas fachadas dos edifícios que, apesar de se caracterizarem por diversas marcas temporais, transmitem uma ideia de conjunto (figura 122).

Tal como sucede nas outras subdimensões, dentro da forte unidade que o bairro de Sant Antoni transmite, existem exceções na imagem do edificado. Estas introduzem-se pelos edifícios cuja função não é residencial (figura 123). Ou seja, os elementos definidos anteriormente como equipamentos, de que são exemplo o Mercado, bibliotecas ou outro tipo de serviços (figura 124). Dentro desta característica podemos assim salientar que os equipamentos, para além de se diferenciarem do bairro pelo uso que podem ter, também se destacam pela imagem que os caracteriza.

Compreendidas as características que definem o bairro na dimensão das funções e usos, antes de prosseguir a análise, reforçamos que, pelos fatores que constatámos nas subdimensões

⁸⁷ Possibilidade de movimento de automóveis e peões no mesmo espaço e pavimento.



Figura 125. Vivência do espaço urbano: Avenida Mistral:
(autoria própria)

Figura 126. Jardins urbanos no interior dos quarteirões: Jardim des Tres Tombs, Maria Matilde Almendros e Tete Montelíer.

(autoria própria)

Figura 127. Marcos pontuais, bairro de Sant Antoni.
(autoria própria)



anteriores, podemos identificar o bairro de Sant Antoni como um aglomerado marcado por: uma função residencial, uma imagem arquitetónica altamente coerente e um movimento maioritariamente automóvel.

VIVÊNCIAS

Com o intuito de interpretar as dinâmicas de relação existentes no bairro e a habitabilidade do espaço urbano, analisamos a dimensão das **vivências**. Como primeiro fator de análise introduzimos a **apropriação**.

Nesta fase do estudo, ao observarmos a vida existente no bairro, constatamos que o uso do espaço urbano, na grande maioria dos casos, surge pela necessidade de passagem. Sendo as áreas pedonais reduzidas, o espaço habitável exterior é também limitado, o que faz com que, na generalidade do bairro, não haja uma apropriação relevante. Embora este seja o fator comum, existem zonas em Sant Antoni que se apresentam como lugares de vivências. Um desses exemplos é a Avenida Mistral (figura 125), caracterizada por uma circulação pedonal e existência de mobiliário urbano. Podemos deste modo relacionar a vivência dos espaços com as suas características morfológicas, uma vez que é nas zonas dedicadas a peões que se verifica a habitabilidade do meio.

O interior dos quarteirões é ainda outro local onde a comunidade se apropria do espaço. Sendo os quarteirões de grandes dimensões, em muitos destes conjuntos de edifícios a área central é livre, o que permite que haja uma utilização coletiva do espaço. Esta habitabilidade é destinada numa primeira instância aos residentes, no entanto, como o seu acesso é possível a partir da rua torna-se um local de vida pública, como por exemplo nos Jardins de Tete Montoliu ou nos Jardins dels Tres Tombs (figura 126).

Na subdimensão dos **marcos pontuais** destacamos, mais uma vez, os equipamentos (figura 127). Dada a coerência e grande homogeneidade do bairro, tanto a nível da malha como visualmente, os elementos que surgem como singulares são apenas os que têm uma função diferente que, como referido nas características visuais, podem apresentar uma imagem distinta.

Tendo por base a noção previamente apresentada, destacamos como ponto nodal o edifício que alberga o departamento da polícia. Este edificado, em parte promovido pela localização em que se insere, surge com uma forma única e com uma arquitetura contemporânea, o que faz com que se diferencie do restante aglomerado urbano. Outro

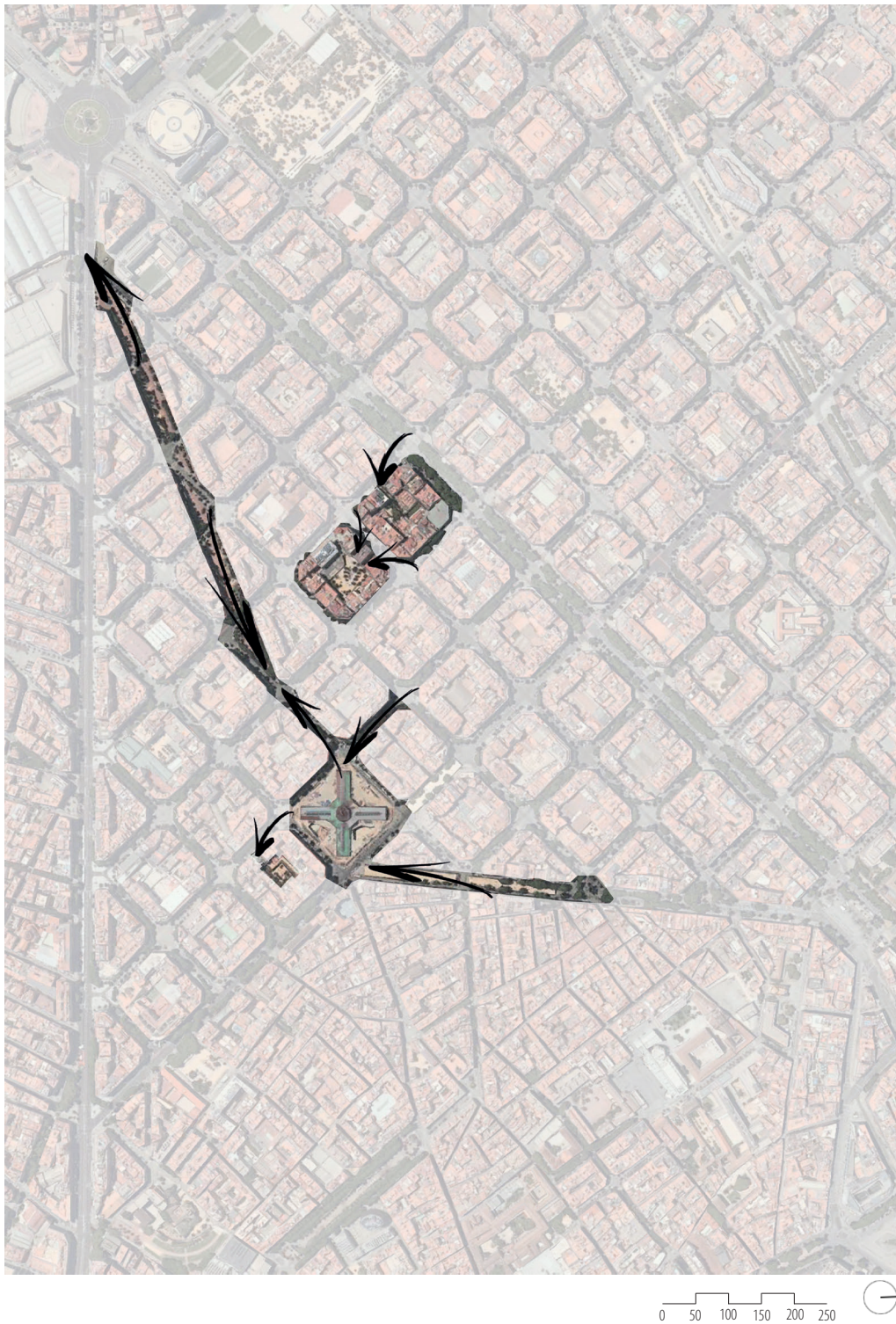


Figura 128. Relação urbana vs humana, bairro de Sant Antoni.
(autoria própria)

elemento de referência que contrasta com a aparência comum do bairro é a Biblioteca de Sant Antoni. Apesar de pouco perceptível a longa distância, este espaço cultural serve de marco, uma vez que, para além da intensa utilização do jardim interior que a si está associado, também a fachada deste edifício se destaca por ser dissonante da sua envolvente. Naturalmente que, tendo esta subdimensão o foco em edifícios singulares, outro elemento que importa referir é o Mercado homónimo do bairro. Sendo o único elemento cuja forma não respeita a malha do quarteirão, define-se como um ponto nodal óbvio no interior do bairro de Sant Antoni.

Como fase final da análise do bairro, abordamos a subdimensão da **escala humana vs escala urbana**. Neste campo da investigação destacamos assim, com base numa interpretação pessoal, momentos chave onde o ambiente construído do bairro e os seus utilizadores se relacionam criando vivências (figura 128).

Pela percepção que obtivemos do confronto das características dos espaços com as respetivas dinâmicas existentes nestes lugares, referimos que os elementos pontuais do bairro, cuja forma ou função se distinguem do envolvente, correspondem aos focos de relação entre o meio construído e os seus utilizadores. Logo, a Avenida Mistral, que se caracteriza por uma largura única de rua em Sant Antoni, é um elemento essencial a referir nesta subdimensão. Com efeito, para além de ser um local de passagem, permite também a habitabilidade e a vivência do meio.

Outro espaço relevante é o Mercado de Sant Antoni que, pela marca que cria no bairro enquanto equipamento e exceção à regra no traçado urbano, promove dinâmicas de relação na área a si adjacente. Enquanto espaço de relação, importa ainda referir os interiores dos quarteirões que, embora não tenham um destaque na malha do bairro, permitem uma habitabilidade coletiva do espaço.

Finalizada a análise do bairro de Sant Antoni podemos afirmar que a sua identidade é uniforme, no que respeita a perspetiva arquitetónica, e pouco rica, no campo da vivência do espaço. Uma vez que a sua malha se apresenta como homogénea em toda a sua superfície permite uma leitura singular do bairro de Sant Antoni, conferindo-lhe uma identidade particular. No entanto, dado que o bairro apresenta poucos elementos singulares que promovem habitabilidade do meio por parte dos utilizadores, sendo os únicos exemplos o Mercado de Sant Antoni, a Avenida Mistral e algumas áreas interiores de quarteirões, podemos caracterizar a identidade do bairro como pouco relevante no âmbito das vivências do espaço urbano.

A IDENTIDADE NA ARQUITETURA 04
entre a resiliência e a transformação

CONFRONTO ENTRE AS ANÁLISES DOS BAIRROS 4.1

Interpretados os três casos de estudo a partir da matriz de análise criada, confrontamos agora as diferentes identidades que caracterizam o Raval, Barceloneta e Sant Antoni. Este momento vê-se como relevante, não apenas pela concretização mais direta que se faz das características identitárias de cada um dos aglomerados urbanos analisados, mas também por permitir chegar a conclusões sobre a definição da identidade numa perspetiva mais geral.

Como pudemos observar ao longo do estudo de cada um dos bairros, a identidade que define estes espaços urbanos é única. Através da análise realizada entendemos que a definição deste conceito se exprime pelos diversos elementos que compõem cada lugar, e pela relação que as pessoas que vivem o espaço criam com estas características, reforçando assim a noção de que a identidade que define cada aglomerado urbano se considera como singular.

No confronto dos três bairros abordaremos, então, apenas as características mais relevantes que importam comparar para a perceção do conceito da identidade. Da interpretação dos casos de estudo podemos destacar que, em todos os exemplos, a estrutura urbana foi uma dimensão essencial para a caracterização do conceito formal da identidade nos bairros.

Nos casos estudados é visível que a implantação territorial condicionou o desenho urbano da malha, no entanto, as características que este fator originou em cada um dos bairros são distintas. No caso do Raval, a sua localização na zona histórica da cidade originou uma malha densa, sendo que a sua leitura enquanto bairro compacto é possível pela largura das ruas envolventes que o destacam do seu exterior. Em Barceloneta, o território afetou de igual forma o espaço interno do aglomerado pelo distanciamento que o bairro apresenta da

restante cidade. Este fator, para além de ter motivado um planeamento urbano do bairro, vai afetar inúmeras outras questões relevantes para a perceção do espaço interno deste caso de estudo. Já no caso de Sant Antoni, a localização em si não foi determinante, mas sim a área planeada do distrito em que este bairro se insere. Como consequência da sua integração no plano de Cerdà, a malha que caracteriza o bairro apresenta-se homogénea e muito ritmada, logo a implantação e história da formação do bairro são elementos ainda presentes na imagem de Sant Antoni nos dias de hoje.

Percebemos então que, apesar de se definirem por desenhos claramente diferentes, para a caracterização da identidade do Raval, de Barceloneta e de Sant Antoni a implantação territorial e a forma da malha com que estes três exemplos se definem são fatores essenciais.

No âmbito das permeabilidades, os casos de estudo não apresentam características consonantes. Deste modo, classificando-os segundo uma escala de movimento e possibilidades de circulação, podemos considerar que existe uma hierarquia em termos de possibilidades e variedades de percurso, sendo que a ordem seria: Raval, Barceloneta e Sant Antoni, este último o mais fluído.

Sempre influenciado pelas particularidades de um cadastro medieval sobre o qual se desenvolveu, o Raval apresenta percursos de vários os tipos: pedonais, mistos e rodoviários. No entanto, para além dos diversos tipos de circulação, o elemento mais relevante da permeabilidade neste bairro é facto de os seus edifícios permitirem, em grande parte dos casos, o seu atravessamento pedonal, o que faz com que as possibilidades de percurso existentes sejam ainda mais variadas. Já Barceloneta, ainda que possua uma área central igualmente densa em relação à do Raval, apesar de neste caso o desenho ser planeado, tem áreas de circulação mais amplas, sendo que, a marca automóvel surge com uma presença mais organizada. Como elemento distintivo deste bairro portuário destacamos as extensas áreas pedonais que envolvem os seus limites. O bairro de Sant Antoni distingue-se assim dos outros casos de estudo pela sua grande permeabilidade viária, uma vez que como consequência do seu desenho de quarteirões, se define por uma rede de circulação profundamente clarificada.

Ainda sobre as características interpretadas pela dimensão das funções e usos percebemos que os equipamentos no bairro do Raval têm uma presença muito mais relevante do que nos outros bairros. O grande número de edifícios com funções coletivas que este aglomerado urbano apresenta, para além da variedade de usos que tem, surge no bairro de uma forma consistente, característica que não acontece nos restantes casos de estudo. Em Sant Antoni os equipamentos são maioritariamente de serviços comerciais ou com uma função

destinada ao uso diário por parte dos utilizadores, sendo que a sua quantidade é escassa. Em Barceloneta estes elementos têm um número considerável, no entanto, pela sua localização nas extremidades do bairro, não são lidos como um fator identitário relevante para a análise do cerne do bairro.

A subdimensão da imagem do edificado é outro fator de análise cuja leitura é equivalente em todos os bairros, uma vez que, no Raval, em Barceloneta e em Sant Antoni o edificado apresenta uma coerência arquitetónica ainda que sejam distintas quando comparadas umas com as outras. E, tal como foi visível anteriormente, também a malha de todos os casos de estudo é caracterizada por uma urbanidade coesa. Assim, a partir do confronto dos três bairros analisados, pela semelhança e relação que observámos entre os dois fatores supramencionados podemos concluir que, no caso de o desenho urbano ser coerente também a composição arquitetónica do bairro o será, uma vez que a imagem do edificado é uma consequência das formas que a urbe apresenta.

Ao analisar a última dimensão da matriz, as vivências, percebemos que este é o elemento que mais individualiza o bairro enquanto espaço portador de uma identidade:

“[...] mais importante que as ‘pedras’ são as ‘pessoas’ - um capital social que se articula ao capital edificado através de complexas relações económicas, jurídicas ou afetivas - o que significa que esta dimensão escapa quase sempre ao ‘planeamento urbano’ tradicional [...]” (Portas, 1985, p.875)

Visto que neste momento da análise o foco é a relação entre o espaço e a utilização que os indivíduos fazem do meio, esta dimensão, para além realçar uma vez mais as características dos edifícios, também vai caracterizar a forma com ambiente urbano é vivido.

Sobre a forma como os utilizadores se apropriam do espaço podemos constatar que este fator é semelhante nos três bairros, uma vez que em todos os casos de estudo as áreas urbanas públicas são utilizadas como centros de vida urbana, onde ocorrem dinâmicas sociais. Contudo, no Raval e em Barceloneta a habitabilidade do espaço urbano é uma particularidade considerada mais relevante para a definição do carácter identitário do bairro do que em Sant Antoni. Dado que as áreas pedonais, as permeabilidades à escala humana e o número de edifícios destinados a uma utilização pública se apresentam em maior quantidade nos bairros da Ciutat Vella, também as atividades exteriores em sociedade são mais intensas, uma vez que são estimuladas por estas características. Neste sentido, podemos concluir a relação direta que existe entre os espaços não construídos e as vivências do meio, sendo que, como pudemos observar nestes bairros, as áreas livres promovem dinâmicas sociais.

Inteiramente relacionada com a habitabilidade do meio construído, referimos os marcos pontuais. Ao comparar os três bairros podemos concluir que a presença destes elementos no Raval e em Barceloneta é muito superior à quantidade de pontos nodais presentes em Sant Antoni. Sendo estes componentes inúmeras vezes associados a equipamentos ou à apropriação que os utilizadores fazem do meio e, justificada a predominância destes fatores anteriormente, podemos, uma vez mais, compreender a maior quantidade de marcos pontuais nos bairros da Ciutat Vella. Ainda assim, sobre este fator de análise, importa mencionar a sua localização, dado que constatámos que no Raval se inserem no interior da malha do bairro, enquanto que em Barceloneta é próximo dos limites que estes constituintes têm uma maior relevância. Em Sant Antoni, embora em menor quantidade, estes pontos nodais existem, no entanto como são menos significativos para a generalidade do bairro têm também uma menor importância para a sua identidade.

Comparados os bairros definidos como casos de estudo, podemos salientar que as características que os assemelham, correspondem em parte, às condições que foram definidas para a seleção de cada bairro. Sendo que, como vimos, a malha urbana era legível como um elemento coeso no Raval, em Barceloneta e em Sant Antoni. Destacavam-se do resto da cidade pelos seus limites, independentemente da forma como esta característica se manifestava. E incorporavam ainda no seu aglomerado urbano elementos de destaque considerados como equipamentos e pontos nodais. Importa referir que apesar de os três casos de estudo apresentarem estas características, estas não se lêem da mesma maneira, o que faz com que a identidade também seja distinta.

Concluída a análise da identidade dos casos de estudo e conseqüente comparação, podemos afirmar que a identidade de cada um dos bairros é única. Uma vez que a definição deste conceito é dada pelas características que compõem o espaço e respetivas relações que estas desenvolvem entre si e com os seus utilizadores percebemos, por meio da análise realizada, que estes elementos divergem consoante o espaço em estudo. No entanto, podemos afirmar que, apesar de se apresentarem de formas diferentes, as características mais relevantes para a identidade de um bairro podem ser as mesmas. Neste sentido concluímos que, o que importa na caracterização do conceito de identidade é a relação entre os elementos que definem o espaço urbano e a respetiva utilização que os seus habitantes fazem deste meio, sendo a leitura de conjunto destes elementos o que define a sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS 4.2

Na presente dissertação procura-se responder à questão sobre a possibilidade de preservar a identidade de um espaço ao longo do tempo, sabendo que as características do ambiente construído desse meio e as necessidades da população que nele habita se transformam.

Partindo desta questão de investigação, num primeiro momento foi essencial perceber como se pode definir a identidade de um espaço urbano. Pela análise de diversos autores concluímos que este conceito tinha um significado abstrato, na medida em que nem todas as definições de identidade se caracterizavam pelos mesmos elementos, tornando esta interpretação algo complexa. Entendemos, assim, que a identidade de um espaço urbano se compreende como um conceito multidimensional, ou seja, são várias as características que contribuem para a sua definição. Esta é igualmente determinada pela leitura e percepção que um observador pode ter de cada um destes fatores caracterizadores do espaço.

Assumindo a identidade como um conceito abrangente, composto por diversos elementos singulares que formam uma ideia de conjunto em que a variação de um destes modifica o seu significado, foi necessário definir um meio concreto que permitisse a análise do conceito de identidade num determinado espaço.

Uma vez que se pretendia abordar o conceito de identidade a partir de uma perspectiva geral do espaço urbano, e sabendo que todos os elementos existentes no meio são portadores de uma identidade, estudar um edifício tornava-se redutor. Analogamente, uma cidade era um espaço demasiado lato, por ter diferentes zonas também elas portadoras de identidades próprias e naturalmente diversas. Direccionámos, então, a investigação para o bairro como objeto de estudo. Este foco surgiu por este aglomerado urbano se considerar um meio suficientemente abrangente, devido às diferentes áreas e edifícios distintos que possui, e simultaneamente específico, por ter limites definidos.

Na medida em que o bairro se lê como um organismo vivo, percebemos que este, para além de se definir por um determinado espaço e conjuntos de edifícios limitados, também se caracteriza pelas vivências e diferentes condições de habitabilidade que o meio pode ter, sendo estas promovidas pelo seu edificado ou pelos seus utilizadores. Entendemos assim que, para a completa interpretação da identidade no bairro, é necessário interpretar a morfologia do espaço, as funções e as vivências que, apesar de serem uma dimensão interpretativa condicionadas pelo observador que as constata, são um elemento essencial na leitura da identidade destes aglomerados urbanos.

Concluídas quais as dimensões essenciais para entender a identidade no espaço urbano do bairro estruturámos os diferentes fatores de análise numa matriz que nos permitiu realizar uma leitura do bairro enquanto conjunto. Esta metodologia possibilitou de igual forma analisar a identidade deste tipo de aglomerado urbano através dos componentes que se consideraram como mais significativos.

Importa, deste modo, reforçar que a matriz de análise, ao classificar os bairros no que respeita as suas características, funções e vivências, surge na investigação como método para conhecer a realidade de cada bairro. Pois, tal como referimos anteriormente, a identidade de cada aglomerado urbano só é compreensível pela análise das suas características e das relações entre os elementos que o constituem.

Para concretizar a investigação, e retirar conclusões sobre a metamorfose ou preservação que a identidade de um espaço pode sofrer, aplicámos a matriz de análise a três casos de estudo. Não sendo o objetivo primário deste trabalho a discussão de aspetos metodológicos da definição da identidade, a necessidade de aplicar a matriz a três casos de estudo surgiu porque importava garantir a validação e robustez da metodologia de análise criada para este fim, o que seria insuficiente se aplicado num único caso de estudo. Por outro lado, a utilização do mesmo instrumento de análise garante que os resultados encontrados, quer na comparação global dos bairros como na afirmação das suas identidades enquanto únicas, não são fruto de erros de leitura, mas a possível confirmação de conhecimentos teóricos previamente constatados.

Confrontámos então a matriz com três bairros diferentes: Raval, Barceloneta e Sant Antoni. Este estudo ao ser realizado primeiramente de uma forma individual, sobre cada um dos bairros, levou-nos a concluir que cada aglomerado urbano, quando lido de forma singular, define a sua identidade por meio de um conjunto de características. Ainda assim, como observámos em alguns casos, percebemos que quando estes componentes se alteram também a identidade do bairro se transforma.

Através dos casos de estudo concluímos que a identidade de um bairro é sempre única, uma vez que os espaços construídos, vazios urbanos, funções do edificado ou vivências que estes aglomerados têm são exclusivos daquele espaço urbano. E sendo a identidade definida através de cada um destes fatores e da relação que estes transmitem ao observador, basta uma pequena variação para a leitura do espaço ser diferente, na medida em que globalmente a identidade pode ser a mesma e a mudança ser encarada no sentido de transformação ao longo do tempo.

Tendo analisado o Raval, Barceloneta e Sant Antoni por meio da mesma matriz, comparado as características identitárias de cada um, podemos ainda concluir que em diferentes bairros as subdimensões de análise mais relevantes para a sua definição podem ser as mesmas. No entanto, sendo a expressão que estes fatores têm em cada bairro diferente, as suas identidades também o serão.

Importa ainda referir que a metodologia de análise não pretendeu investigar a identidade dos bairros de uma perspetiva temporal, mas sim através de uma leitura que a partir da atualidade olha para as características anteriores com o intuito de perceber a mudança. Contudo, aborda-se a premissa da transformação que a identidade de um espaço pode ou não sofrer. Esta está presente, na medida em que, ao verificar os diferentes constituintes do aglomerado urbano e relacionando-os com a história e implantação territorial, permite nas considerações finais de interpretação de cada espaço urbano aferir as metamorfoses e o impacto que estes momentos, no caso de existirem, podem ou não representar na identidade do bairro.

Finalizada a análise referente à identidade do bairro podemos reafirmar que a definição deste conceito se consegue pelas características e relações que compõem cada lugar. Neste sentido, percebemos que a alteração destes constituintes vai necessariamente transformar a identidade desse espaço. Assim, podemos concluir que o mesmo espaço ao longo do tempo pode manter a identidade, adaptar a pré-existente ou criar uma nova. Sendo que, para estes fenómenos acontecerem, é necessário que não se alterem nem elementos, nem as pessoas que habitam o espaço, mas que apenas se modifiquem pequenas partes ou se destruam por completo os elementos existentes e criem novos, respetivamente.

Na medida em que a identidade se define por um conjunto de elementos, a resiliência e transformação podem ainda ocorrer e ser consideradas como a identidade pré-existente. Ou seja, no caso de existirem metamorfoses e, se estas forem entendidas como o acompanhar da evolução do espaço e sociedade ao longo do tempo o conceito identitário que se associa a um determinado lugar vai ser o mesmo.

Concluimos assim, respondendo à questão de investigação proposta para a dissertação que, pela análise realizada e, fundamentado pelos casos de estudo, a identidade de um espaço se define pelos elementos característicos que compõem o lugar e relação que estes estabelecem entre si e com os seus utilizadores. Neste sentido, o presente conceito vai sofrendo ou pode sofrer transformações ao longo do tempo. No entanto, se as características que conferem uma singularidade ao espaço forem mantidas, também esta noção de identidade continuará presente nos bairros.

Pela investigação realizada podemos ainda concluir que a definição de identidade não é um dado exclusivamente objetivo e concreto que possa ser determinado pela relação de um conjunto de premissas. Sendo necessário um observador, entendemos que este, ao interpretar a identidade com base nas suas referências e conhecimentos, pode caracterizar a mesma realidade de maneiras diferentes, fazendo com que a leitura deste conceito no mesmo espaço urbano tenha significados diferentes.

Comum a todos os processos de investigação é natural a formulação de novas questões para eventuais desenvolvimentos futuros. Definida a identidade do espaço urbano a partir da análise do bairro através da matriz multidimensional construída para esta investigação, surge a questão se este método pode igualmente funcionar para o estudo da identidade noutros tipos de espaços, como por exemplo uma cidade. Importa ainda referir que o estudo realizado focou o tema da identidade num determinado tempo, neste caso a partir da atualidade. Logo, outro desafio interessante seria avaliar a evolução da identidade ao longo de várias épocas, seja num bairro ou num espaço urbano. Tendo a abordagem sido de uma perspetiva interpretativa dos elementos característicos do espaço e não com o intuito qualitativo, outra questão que se levanta através desta investigação será a possibilidade de qualificar a identidade de um espaço urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ajuntament de Barcelona. (2013). *Ajuntament de Barcelona: Estadística, Divisió territorial*. Recuperado em 17 Novembro, 2018 de <http://www.bcn.cat/estadistica/castella/terri/index.htm>.

Ajuntament de Barcelona. (s.d.a). *Ajuntament de Barcelona: El distrito y sus barrios*. Recuperado em 17 Novembro, 2018 de <https://ajuntament.barcelona.cat/ciutatvella/es/el-distrito-y-sus-barrios/el-distrito-y-sus-barrios>.

Ajuntament de Barcelona. (s.d.b). *Ajuntament de Barcelona: La Rambla El paseo más barcelonés*. Recuperado em 17 Novembro, 2018 de <https://meet.barcelona.cat/es/descubre-barcelona/distritos/ciutat-vella/rambla>.

Alsayyad, N. (2017). *Ciclo de Conferências Álvaro Siza: Culture, identity and tradition: architecture and urbanism from vernacularism to globalization*. (Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra). 19 outubro 2017.

Antunes, A. (et al.). (1988a). *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. Edição original de 1961. Volume 1.

Antunes, A. (et al.). (1988b). *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. Edição original de 1961. Volume 2.

Antunes, A. (et al.). (1988c). *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses. Edição original de 1961. Volume 3.

Ascher, F. (2010). *Os novos princípios do urbanismo*. São Paulo: Romano Guerra Editora. Edição original de 1946.

Bacon, E. (1995). *Design of cities: a superbly illustrated account of the development of urban form, from ancient Athens to modern Brasilia*. London: Thames and Hudson. Edição original de 1969.

Bahamón, A.; Losantos, À. (2007). *Barcelona: Atlas Histórico de Arquitectura*. Barcelona: Parramón Ediciones.

Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Edição original de 2005.

Brand, S. (1994). *How buildings learn: what happens after they're built*. New York: Viking.

Busquets, J. (1994). *Barcelona: Evolución urbanística de una capital compacta*. Madrid: Editorial MAPFRE. Edição original de 1992.

Busquets, J. (2003). *La ciutat vella de Barcelona: un passat amb futur*. Barcelona: Ajuntament de Barcelona.

Calpena, E., Permanyer, L., Grau, J., Hermida, E., (Col). (2017). *Memòries del districte, Ciutat Vella: La història de les ciutats s'escriu mitjançant les memòries dels seus ciutadans*. Barcelona: Aigues de Barcelona.

CEACT/UAL. (2011). *Projetar bairros em Lisboa 2012*. Jornadas SIPA. 6 de Novembro. CEACTION/UAL - Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa.

Choay, F. (2017). *Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70. Edição original de 1992.

Conceição, M. (2012). A polissemia da palavra bairro. A compilação de notas para o estudo do conceito de bairro. *Revista Estudo Prévio*, 4, pp. 1-5. Recuperado em 10 de Fevereiro de 2018 de <http://www.estudoprevio.net/artigos/29/dossier-bairros-margarida-Tavares-da-conceicao.-a-polissemia-da-palavra-bairro>.

Corboz, A. (2007). *Ordine sparso saggi sull'arte, il metodo, la città e il territorio*. Milano: Franco Angeli. Edição original de 1998.

Costa, G. (2004). *Barcelona 1992 - 2004*. Barcelona: Gustavo Gili.

Crepe, J. (2012). Algumas complexidades do bairro no contexto da cidade: o caso do bairro da Bela Vista. In M. Mendes, (et al.) (Coord). (2012). *A cidade entre bairros*. (pp.65

- 74). Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Debord, G. (1957). *Report on the Construction of Situations and on the International Situationist Tendency's conditions of Organization and Action*. Paris, Junho. Situationist international.

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. (1990). *Barcelona: textos, arquitectura, desenhos*. Publicação resultante de viagem de alunos do 2º e 3º ano da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Porto, Março 1990.

Ferreira, C. (2012). Projectar a Cidade Entre Bairros: Lisboa, um Projecto de Cidade em Mudança. In M. Mendes, (et al.) (Coord). (2012). *A cidade entre bairros*. (pp.47 - 63). Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Frampton, K. (1983). Em direcção a um regionalismo crítico: seis pontos para uma arquitectura de resistência. In J. M. Rodrigues (Coord.). (2010). *Teoria e crítica de arquitectura do século XX*. (pp. 770 - 779). Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Gehl, J. (2006). *La humanización del espacio urbano, La vida social entre los edificios*. Barcelona: Reverté. Edição original de 1971.

Hall, S. (2000). Who needs identity?. In P. Gay, J. Evans, P. Redman (Ed). (2000). *Identity: a reader*. (pp. 15-30). California: Sage Publications.

Jacobs, J. (1993). *The death and life of great American Cities*. New York: Modern Library. Edição original de 1961.

Lamas, J. (1992). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Edição original de 1989.

Lefebvre, H. (1978). *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Edicions 62. Edição original de 1971.

Lynch, K. (2015). *A boa forma da cidade*. Lisboa: Edições 70. Edição original de 1981.

Lynch, K. (2017). *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70. Edição original de 1959.

Montaner, E. (1997). *Barcelona: ciudad y arquitectura*. Spain: Taschen.

Mumford, E. (2000). *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press.

- Nicolau, J. (2012). Narrativas numa cidade em Mudança, O Bairro como catalisador de urbanidade da cidade. In M. Mendes, (et al.) (Coord). (2012). *A cidade entre bairros*. (pp.33 – 45). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Norberg-Schulz, C. (1994). *Il significato nell'architettura occidentale*. Milano: Electa. Edição original de 1974.
- Norberg-Schulz, C. (1996). *Genius Loci: paesaggio, ambiente, architettura*. Milano: Electa. Edição original de 1979.
- Norberg-Schulz, C. (1998). *Intenciones en Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili. Edição original de 1967.
- Palaasma, J. (2012). *The eyes of the skin*. United Kingdom: John Wiley and Sons. Edição original de 1988.
- Portas, N. (1985). Notas sobre a intervenção na cidade existente. In J. M. Rodrigues (Coord.). (2010). *Teoria e crítica de arquitectura do século XX*. (pp. 873 - 880). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Ricouer, P. (1965). *History and truth*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press. Edição original de 1955.
- Rossi, A. (2016). *A arquitetura da cidade*. Lisboa: Edições 70. Edição original de 1966.
- Roew, C.; Koetter, F. (1975). Collage city. In K. Nesbitt (Ed). (1996). *Theorizing a new agenda for architecture, An anthology of architectural theory 1965 – 1995*. (pp. 266 - 293). New York: Princeton architectural press.
- Rowe, C.; Koetter, F. (1993). *Collage city*. Paris: Centre George Pompidou.
- Ruskin, J. (1849). *The seven lamps of architecture*. New York: John Wiley, 161 Broadway.
- Sá, T. (2012). Ainda há bairros na cidade. In M. Mendes, (et al.) (Coord). (2012). *A cidade entre bairros*. (pp.21 - 32). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Serra i Amengual, P. (2017). Proyetar la residencia en el casco antiguo contemporâneo. *QRU: Quaderns de recerca em urbnaisme*, 8, Outubro 2017, 8-36.
- Sitte, C. (1900a). A lição da História. In J. M. Rodrigues (Coord.). (2010). *Teoria e crítica de arquitectura do século XX*. (pp.15 - 23). Casal de Cambra: Caleidoscópio.

- Sitte, C. (1990b). *L'arte di costruire le città*. Milano: Jaca Book. Edição original de 1889.
- Subirats, J.; Rius, J. (Direc). (2006). *Del chino al Raval: Cultura y transformación social en la Barcelona central*. Barcelona: CCCB.
- Trias, X. (2014). La Barceloneta: um barri amb personalitat. In Venteo, D. (2014). *La barceloneta: Guia d'història urbana*. (pp.6-9). Barcelona: Ajuntament de Barcelona.
- Van Eyck, A. (1961). Team 10. In J. M. Rodrigues (Coord.). (2010). *Teoria e crítica de arquitectura do século XX*. (pp.467 - 468). Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Viollet-le-Duc, E. (1986). *Entretiens sur L'architecture*. Bruxelles: Pierre Mardaga éditeur. Edição original de 1863.
- Whyte, W. (2001). *The social life of small urban spaces*. New York: Project for Public Spaces. Edição original de 1980.
- Zevi, B. (1996). *Saber ver a arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes. Edição original de 1948.

SUMÁRIO DE FIGURAS

- Figura 1. Esquema sobre a análise da identidade. (autoria própria) 2
- Figura 2. Variedade de identidades em ruas e praças: Il suk di omdurman, via principale; Il sentireo del viandante, Sacro Speco, Subiaco; Interno urbano, Il campo, Siena; Piazza San Pietro by Bernini. (Norberg-Schulz, 1996, pp. 12, 13, 133, 152) 12
- Figura 3. Cartaz Ciclo de Conferências Álvaro Siza, Nezar Alsayyad. (https://www.uc.pt/ftuc/darq/eventos/conferencia_nezar_alsayyad) 14
- Figura 4. Malha urbana de três cidades diferentes, Nova Iorque, Roma e Cairo. (<https://www.andrewstokols.com/blog/826>.) 16
- Figura 5. Panteão de Roma e respetiva envolvente urbana. (<http://trending.com/tweets/2018-03-26/pantheon-rome>.) 16
- Figura 6. Sobreposição do forum imperial romano e edificado posterior. (https://en.wikisource.org/wiki/Page:EB1911_-_Volume_23.djvu/633.) 16
- Figura 7. Shearing layers of change. (Brand, 1994, p.13) 18
- Figura 8. Composição do espaço urbano. (<https://cordmagazine.com/news/jan-gehl-belgrade/>) 18
- Figura 9. The city of participation and alienation. (Pallasmaa, 2012, p.47) 20
- Figura 10. Tres tipos de actividades exteriores: actividades necesarias, actividades opcionales, activades sociales. (Gehl, 2006, p.18) 22
- Figura 11. How buildings learn: What happens after they're built; 1857, the same two

buildings 1993. (Brand, 1994 pp.viii e 1)	24
Figura 12. Collage City. (Rowe, 1993)	26
Figura 13. Centro Georges Pompidou, Paris, França. (https://www.archdaily.com/tag/centre-pompidou)	30
Figura 14. Elementos da imagem da cidade. (Lynch, 2017, pp. 52 e 53)	32
Figura 15. As vias. (Lynch, 2017, p.57)	32
Figura 16. Os limites. (Lynch, 2017, p.100)	32
Figura 17. O bairro. (Lynch, 2017, p.75)	32
Figura 18. Os cruzamentos. (Lynch, 2017, p.104)	32
Figura 19. Os pontos marcantes. (Lynch, 2017, p.89)	34
Figura 20. A forma visual de Los Angeles, como é vista no terreno. (Lynch, 2017, p.39)	34
Figura 21. Fronteiras variáveis dos bairros de Boston. (Lynch, 2017, p.73)	34
Figura 22. Zonas analisadas no Inquérito Arquitetura Popular em Portugal. (Antunes et al., 1988a, pp. 11 e 123; 1988b, pp. 3 e 123; 1988c, pp. 3 e 123)	37
Figura 23. Fotografias das diferentes análises: vida quotidiana, pessoas e objetos. (Antunes et al., 1988a, pp. 126, 144, 150, 171, 174)	37
Figura 24. Planta urbana da zona da baixa da cidade de Lisboa. (http://www.revistaplot.com/es/nueva-identidad-versatil/)	37
Figura 25. Cidade do neolítico, Çatal Huyuk. (http://www.cmurillo.com/west-oakland-housing-project.html)	40
Figura 26. Awareness of space as experience. (Bacon, 1995, p.14)	48
Figura 27. Involvement: Meeting the sky; Meeting the ground; Points in space; Recession planes; Design in depth; Ascent and descent; Convexity and concavity; Relationship to man. (Bacon, 1995, pp. 24, 25, 26, 27)	49
Figura 28. Axonometria da praça de Todi. (Bacon, 1995, p.94)	49

Figura 29. The approach. (Bacon, 1995, p.96)	49
Figura 30. The arrival. (Bacon, 1995, p.97)	49
Figura 31. Basic design structure. (Bacon, 1995, p.98)	49
Figura 32. Diferentes tipologias de praças medievais, segundo a definição de Camillo Sitte. (https://cours5ma2015.wordpress.com/2016/02/01/articles-2-la-ville-un-territoire-en-evolution/)	52
Figura 33. Museu do Louvre, Paris, França. (https://toptraveller.gr/poi/louvre-museum-paris/)	54
Figura 34. A relação do lugar com a arquitetura: Luogo. Neresheim con la chiesa abbaziale di Neuman; Visualizzazione. Calcata , Lazio. (Norberg-Schulz, 1996, p.16)	56
Figura 35. Finestra a Salerno; a Aprigi, del Belvedre superiore di Hildebrandt, Vienna; di St. George in the East di Hawksmoor, Londra. (Norberg-Schulz, 1996, p.179)	56
Figura 36. Dominancia. Ulm con la Catedral y las casas medievales. (Norberg - Schulz, 1998, p. 217)	58
Figura 37. Mejoras cualitativas: en las calles de la ciudad, Copenhague. (Gehl, 2006, pp. 36, 40)	58
Figura 38. Proyectos de ciudad y de conjuntos: agrupar o dispersar, integrar o segregar, atraer o repeler, abrir o cerrar. (Gehl, 2006, pp. 93, 113, 125, 133)	58
Figura 39. Seagram, Nova Iorque, Estados Unidos da América. (http://better-waterfront.tumblr.com/page/3)	60
Figura 40. Naked City, Guy Debord. (https://lipstickspoon.wordpress.com/2014/04/14/the-naked-city-guy-debord-1957/)	62
Figura 41. Esquema da análise metodológica proposta. (autoria própria)	64
Figura 42. The approach. (Bacon, 1995, p.96)	66
Figura 43. The arrival. (Bacon, 1995, p.97)	66
Figura 44. Basic design structure. (Bacon, 1995, p.98)	66
Figura 45. Evolution of Bath 1962, 1735, 1765, 1810. (Bacon, 1995, pp.184 - 185)	68

Figura 46. Planta de Roma, Noli. (http://www.bifurcaciones.cl/2015/05/editorial-19/)	70
Figura 47. Plastico di Praga con arteria principale. (Norberg-Schulz, 1996, p. 86)	72
Figura 48. Carrer de Ferran, Barcelona. (autoria própria)	72
Figura 49. Palazzo della Concelleria; Palazzo Massimo del Peruzzi; Palazzo Farnese di A. da Sangallo e Michelangelo. (Norberg-Schulz, 1996, p. 157)	74
Figura 50. Vivências do Homem no espaço urbano: Passeig de Colom; Moll de les drassanes; Plaça Reial. (autoria própria)	76
Figura 51. Global city. (https://pt.depositphotos.com/77281296/stock-illustration-world-skyline-detailed-silhouette.html)	78
Figura 52. Guide psychogeographique de Paris: Discours sur les passions de l'amour, par G. E. Debord. (http://objects.avant.org/bonus-levels/5e6fa476-c5ec-40ca-6f93-8ff018271d14.jpg)	78
Figura 53. Esquema representativo da matriz de análise com as dimensões, subdimensões e respetiva representação. (autoria própria)	80
Figura 54. Fotografia aérea de Barcelona com a localização de Barceloneta, Raval e Sant Antoni. (https://i.pinimg.com/originals/8d/02/ca/8d02ca50269f9b8dbada5bbceceaeafd.jpg)	86
Figura 55. Evolução das três muralhas da cidade de Barcelona. (http://www.teguioenbarcelona.com/rutas/de-barcino-a-barchinona-ciudad-medieval/)	88
Figura 56. Plano da cidade de Barcelona. (http://jhenniferamundson.net/barcelona-medieval-walk/)	90
Figura 57. Barcelona à vista de Pájaro 1862. (http://barcelonahistoriasdeltiempo.blogspot.com/2011/)	90
Figura 58. Plano da cidade e porto de Barcelona. (http://starforts.com/montjuic.html)	92
Figura 59. Projeto de Reforma do Ensanche, Ildefons Cerdá. (http://amatller.org/ca/casa-museo/antoni-amatller/origens/)	92
Figura 60. Exposição Universal de 1929. (http://jsah.ucpress.edu/content/76/2/197)	94
Figura 61. Barcelona na atualidade. (autoria própria)	94

Figura 62. Planta urbana da cidade de Barcelona. (autoria própria)	96
Figura 63. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa do mar. (autoria própria)	97
Figura 64. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa das áreas verdes. (autoria própria)	97
Figura 65. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos distritos da cidade. (autoria própria)	97
Figura 66. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos bairros da cidade. (autoria própria)	99
Figura 67. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa vias principais e secundárias. (autoria própria)	99
Figura 68. Planta urbana da cidade de Barcelona representativa dos transportes públicos. (autoria própria)	99
Figura 69. Planta de cheios e vazios, bairro do Raval. (autoria própria)	104
Figura 70. Planta de análise dos limites do bairro do Raval. (autoria própria)	106
Figura 71. Vista aérea e perfil da Avenida Parallel (A-A'). (Google maps, autoria própria)	107
Figura 72. Vista aérea e perfil das Ramblas (B-B'). (Google maps ,autoria própria)	107
Figura 73. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Pau (C-C'). (Google maps ,autoria própria)	107
Figura 74. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Antoni (D-D'). (Google maps ,autoria própria)	107
Figura 75. Vista aérea e perfil da Carrer Pelai (E-E'). (Google maps ,autoria própria)	107
Figura 76. Planta de circulação, bairro do Raval. (autoria própria)	109
Figura 77. Via rodoviária com passeio: Carrer del Carme. (autoria própria)	110
Figura 78. Percursos pedonais: Carrer de les Cabres; Jardins de Vitória de los Àngels; Passatge de l'Hospital. (autoria própria)	110
Figura 79. Percursos automóveis e relação com zonas pedonais envolventes: Carrer de les	

Egipcíanes; Carrer de Vallonzella. (autoria própria)	
Figura 80. Vias de circulação mista: Carrer d'Elisabeis e Carrer Sant Llàzer. (autoria própria)	110
Figura 81. Planta de equipamentos, bairro do Raval. (autoria própria)	111
Figura 82. Diferentes fachadas do bairro: Carrer de Junta del Comerç; Carrer de la Riera Alta; Carrer de Sant Pau; Carrer Nou de la Rambla. (autoria própria)	112
Figura 83. Imagem arquitetónica de edifícios com diversas funções: Fílmoteca da Catalunya e Teatro Poliorama. (autoria própria)	112
Figura 84. Pisos térreos com funções públicas de serviços: Carrer Joaquin Costa; Carrer d'en Xuclà; Carrer de Sant Pau. (autoria própria)	112
Figura 85. Apropriação do espaço interno da Biblioteca da Catalunya. (autoria própria)	113
Figura 86. Praça Sant Josep. (autoria própria)	113
Figura 87. Praça dels Angèls. (autoria própria)	113
Figura 88. Praça de Joan Amandes. (autoria própria)	113
Figura 89. Marcos pontuais, bairro do Raval. (autoria própria)	113
Figura 90. Relação urbana vs humana, bairro do Raval. (autoria própria)	116
Figura 91. Planta de cheios e vazios, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	119
Figura 92. Planta de análise dos limites, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	121
Figura 93. Perfil e vista aérea do Passeio Joan de Borbó (A-A'). (autoria própria, Google Maps)	121
Figura 94. Vista aérea e perfil do Passeio Marítim (B-B'). (autoria própria, Google Maps)	121
Figura 95. Perfil e vista aérea da Carrer Dr.Aiguader, Ronda Litoral e Avenida del Litoral (C-C'). (Google Maps, autoria própria)	121
Figura 96. Vista aérea e perfil da Carrer de la Marina (D-D'). (Google Maps, autoria própria)	121

Figura 97. Planta de circulação, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	123
Figura 98. Exemplo via rodoviária Barceloneta: Carrer de Sant Miquel. (autoria própria)	123
Figura 99. Carrer de la Maquinista. (autoria própria)	123
Figura 100. Carrer d'Andrea Dòria (autoria própria)	123
Figura 101. Passeig Marítim de la Barceloneta. (autoria própria)	123
Figura 102. Planta de equipamentos, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	125
Figura 103. Edifícios com diferentes volumetrias: Praça de la Barceloneta. (autoria própria)	125
Figura 104. Alturas atuais dos edifícios na Praça del poeta Boscà. (autoria própria)	125
Figura 105. Fachadas: Carrer del Giné i partagàs, Carrer dels pescadors, Carrer de l'Atlantida. (autoria própria)	128
Figura 106. Contraste da imagem pela função: Plaça del poeta Boscà, Mercado la Barceloneta. (autoria própria)	128
Figura 107. Vivências do espaço urbano: Carrer del Baluard, Praça del poeta Boscà. (autoria própria)	128
Figura 108. Interior de quarteirão: Parque e praça del Llaugut. (autoria própria)	129
Figura 109. Praia de Sant Miquel. (autoria própria)	129
Figura 110. Marcos pontuais, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	129
Figura 111. Relação urbana <i>vs</i> humana, bairro de Barceloneta. (autoria própria)	131
Figura 112. Planta de cheios e vazios, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)	134
Figura 113. Planta de análise dos limites, bairro de Satn Antoni. (autoria própria)	135
Figura 114. Vista aérea e perfil da Avenida Parallel (A-A'). (Google maps, autoria própria)	136
Figura 115. Vista aérea e perfil da Gran Via de les Corts Catalans (B-B'). (Google maps, autoria própria)	136

Figura 116. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Pau (C-C'). (Google maps, autoria própria)	136
Figura 117. Vista aérea e perfil da Ronda de Sant Antoni (D-D'). (Google maps, autoria própria)	136
Figura 118. Planta de circulação, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)	137
Figura 119. Percursos rodoviários: Carrer de Calabria, Carrer de Vilamari, Carrer de Manso. (autoria própria)	138
Figura 120. Avenida Mistral. (autoria própria)	138
Figura 121. Planta de equipamentos, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)	139
Figura 122. Características de fachadas: Gran Via des Corts Catalans e Avenida Mistral: (autoria própria)	140
Figura 123. Imagem arquitetónica contrastante: Opel e Biblioteca de Sant Antoni. (autoria própria)	140
Figura 124. Mercado de Sant Antoni. (autoria própria)	140
Figura 125. Vivência do espaço urbano: Avenida Mistral: (autoria própria)	141
Figura 126. Jardins urbanos no interior dos quarteirões: Jardim des Tres Tombs, Maria Matilde Almendros e Tete Montelier. (autoria própria)	141
Figura 127. Marcos pontuais, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)	141
Figura 128. Relação urbana <i>vs</i> human, bairro de Sant Antoni. (autoria própria)	144